

convergência

DEZEMBRO ▪ 1995 ▪ ANO XXX N° 288

NOVAS TENDÊNCIAS DA VR NOS ANOS 80. VISÃO DESDE A CRB

Pe. Edênio Valle, SVD

EROS E ESPIRITUALIDADE

Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ



convergência

CRB
40
anos

SUMÁRIO

EDITORIAL

DESPEDIDA 615

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

PALAVRA DO PAPA

OS RELIGIOSOS SEJAM AFETIVA E

EFETIVAMENTE INSTRUMENTOS

DE SANTIDADE E UNIDADE 617

INFORME CRB 623

CARTAS DOS LEITORES 627

NOVAS TENDÊNCIAS DA VR NOS ANOS 80.

VISÃO DESDE A CRB 630

Pe. Edênio Valle, SVD

PROJETO DE VIDA COMUNITÁRIA:

UM INSTRUMENTO DE ANIMAÇÃO E DE

AVALIAÇÃO DA COMUNIDADE 640

Fr. Silvestre Gialdi, OFM cap.

O SEXO É CASTO 653

Pe. Victoriano Baquero, SJ

EROS E ESPIRITUALIDADE 667

Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ

NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ASSINATURA PARA 1995:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 37,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 3,70

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Integrantes da Equipe de Reflexão Teológica
(ERT) da CRB-NACIONAL

DIREÇÃO, REDAÇÃO,

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

Cinelândia — Tel.: (021) 240-7299

20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 — Ipiranga

04216-000 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL DESPEDIDA

C.R.B.
- BIBLIOTECA -
R. Alcindo Guanabara, 24 - 4.º
Rio - RJ

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

No ciclo vital de todos os organismos a renovação é uma palavra-chave. Assim, o corpo, para conservar-se, periodicamente perde e troca a quase totalidade de suas células. Da mesma forma as instituições necessitam passar por esse processo para conservar sua vitalidade. CONVERGÊNCIA, por seu turno, também necessita passar por este caminho, razão pela qual o editor e redator deste editorial apresenta agora suas despedidas. Não posso ainda saudar o/a sucessor/a neste serviço à vida religiosa pois, até a presente data, não foi possível à presidência da CRB-Nacional conseguir alguém para o posto, o que seguramente acontecerá para o número inicial do Ano Novo.

Com o apoio de muitos, tanta coisa boa pode ser comemorada durante este período de 3 anos e meio! A solidariedade da presidência, dos funcionários, os companheiros/as da Equipe de Reflexão Teológica que compunham o Conselho Editorial, os serviços dos funcionários na preparação dos textos na CRB-Nacional, as Edições Loyola... tudo e todos são agora motivo de ação de graças.

Os leitores sentiram no transcorrer do tempo as mudanças implantadas a partir da consulta ampla feita na Assembléia de 1991. Todo o aspecto gráfico foi reformulado, letras mais claras e espaços deixando a leitura leve e agradável; questionários após os artigos, ajudando a assimilação e eventual estudo comunitário; fixação de uma linha editorial constante; novas seções

permanentes (Palavra do Papa, Livros Novos). O sinal de aceitação veio pelo aumento das assinaturas pagas (quase 4.000) que tornaram CONVERGÊNCIA uma das maiores revistas religiosas da América Latina.

Neste número ainda, abre-se novo espaço de comunicação com os leitores e leitoras: a seção CARTA DOS LEITORES. Procurará ela, em cada número, ecoar a reação, de crítica, confirmação ou complementação, que se possa fazer a textos dos dois números anteriores.

Este último número do ano coloca-se no quadro de um tempo próprio para recuperar coisas e fatos, e da celebração do Natal, lembrança do amor intenso de Deus por nós, a ponto de se fazer um conosco. Para o primeiro aspecto volta-se o artigo do Pe. Edênio Valle svd revendo quase duas décadas de história da VR no Brasil, aí procurando detectar marcas referenciais do período; como a centralidade do testemunho, do anúncio e da constituição de comunidades cristãs vivas; a ministerialidade de toda a Igreja; a exigência da inculturação do diálogo; a importância do ecumenismo e do envolvimento protagônico dos leigos. Nesse contexto, Pe. Edênio destaca as duas descobertas da Igreja, cuja repercussão pastoral foi imensa: a evangélica opção preferencial pelos pobres, a partir de nossa realidade sócio-política e econômica concreta, e a tomada de consciência da Igreja local como lugar efetivo da vida e compromisso dos Religiosos e Religiosas. Igualmente na linha de recupera-

ção do ano vivido (e por viver!) fr. **Silvestre Gialdi ofm cap** propõe seu "Projeto de Vida Comunitária: um instrumento de animação e avaliação da comunidade", texto que poderá ajudar às diferentes comunidades na revisão de seu agir e viver como serviço, sinal e testemunho de fraternidade, de convivência, de solidariedade, de santificação e de salvação.

Dezembro é também tempo de memória da encarnação, e gesto definitivo "dAquele que nos amou primeiro" e que nos provoca a responder de forma igualmente amorosa. Destacamos um aspecto desse amor, que é a erótica, para nossa meditação e oração. Pe. **Victoriano Baquero sj**, com seu estilo peculiar e provocativo, retorna a nossas páginas com "O Sexo é Casto", onde se expõe para provar que se pode e se deve viver a castidade

cristã por causa do amor pelo reino, sob pena de não entrar nele nem nesta e nem na outra vida. Já o jovem padre dehoniano **Marcial Maçaneiro scj**, tendo presente que é no campo do desejo e da busca que nasce a religião, mostra como o domínio do Eros interroga também a teologia. Por fim, conclui-se o presente número de **CONVERGÊNCIA** com o **Índice Anual**, história da diaconia de tantos para a vida religiosa de nós todos.

Que o pequenino nascido em Belém esteja no coração de cada um de nossos leitores e leitoras celebrando a efusão cotidiana e de um amor que não se quer com limites. Assim poderá ser Natal por muito mais tempo e para muitos mais... E é nEle também que vai o adeus do

Pe. Spencer SJ

PALAVRA DO PAPA

OS RELIGIOSOS SEJAM AFETIVA E EFETIVAMENTE INSTRUMENTOS DE SANTIDADE E UNIDADE

Estimados Irmãos no Episcopado

1. É com muito prazer que vos dou as boas-vindas, como *Pastores do Regional Nordeste 2*, por ocasião da vossa visita *ad Limina*. Agradeço vossa visita, que é visita aos túmulos dos apóstolos. Com alegria quero saudar cada um dos Bispos aqui presentes, em sua qualidade de sucessor dos apóstolos que «estão obrigados, por instituição e preceito de Cristo, à solicitude sobre toda a Igreja» (Cons. dog. *Lumen Gentium*, 23). Por vosso intermédio, posso também dirigir-me aos queridos sacerdotes, religiosos e leigos das Províncias eclesíásticas de Maceió, Natal, Paraíba, Olinda e Recife, com o fim de assegurar a minha proximidade espiritual e o meu afeto: «Que o Deus da constância e da consolação vos conceda que tenhais uns para com os outros os mesmos sentimentos segundo Jesus Cristo, para que, com um só coração e uma só voz, glorifiqueis a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Rm 15, 5-6). Agradeço de coração as palavras que Dom Edvaldo Gonçalves Amaral quis dirigir-me: nelas vejo refletidos vossos sentimentos de afeto e de união com o Vigário de Cristo. De novo, muito obrigado!

2. Graças ao Espírito que «santifica e governa todo o corpo da Igreja» (Oração Universal da Sexta-Feira da Paixão), veivos como «Mestres da perfeição» em cada

uma das vossas Igrejas particulares, aplicando-vos a «promover a santidade de seus clérigos, religiosos e leigos, segundo a vocação peculiar de cada um» (Decr. *Christus Dominus*, 15).

Os senhores trazem para o encontro com o Papa vossa rica experiência, «relatando tudo o que Deus fez junto com cada um» em seu pastoreio (At 15,4). Este nosso encontro, além de dar testemunho da vitalidade de cada Igreja particular, dos desafios a serem enfrentados e das dificuldades na ação pastoral, acontece num momento significativo. De fato, ainda permanece viva em nossa memória o IX Sínodo dos Bispos, subordinado ao tema «A Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo». Todos vós certamente lembrar-vos-eis da Mensagem Final dos Padres Sinodais, para que a vida consagrada continue manifestando-se como «presença viva do Espírito (...) espaço privilegiado de amor absoluto a Deus e ao próximo, testemunho do projeto divino de fazer de toda a humanidade, dentro da civilização do amor, a grande família dos filhos de Deus». É, pois, minha intenção apropriar-me destes auspícios, para refletir convosco alguns dos aspectos mais importantes deste dom que a Vida Consagrada constitui para a Igreja.

3. Antes de mais, é digno de ser mencionado o marco representado pela presen-

ça no Sínodo de Bispos e Superiores de Congregações religiosas, masculinas e femininas, de todos os Continentes, a expressar seu apreço para com a Vida Consagrada, dom singular do amor de Deus à sua Igreja. Afloraram ali não poucas preocupações diante dos tempos atuais com seu secularismo, com sua fé tantas vezes enfraquecida, às vezes, de uma busca de maior clareza quanto à identidade da Vida Consagrada.

Por outro lado, pude constatar em muitos dos participantes a experiência comovedora dos percalços sofridos, e que continuam sofrendo, devida à opressão e toda forma de violência com seus atrozes sofrimentos psíquicos e físicos, até mesmo com a doação da própria vida de inúmeros coirmãos. Como não lembrar então aquela experiência dos apóstolos que, ao saírem do Sinédrio e do cárcere, se regozijavam por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo Nome (de Jesus)? (At 5, 41); Possa este testemunho servir de estímulo para os países que não conheceram perseguição e onde não raro, mesmo entre muitos consagrados, a alegria e o vigor da fé, sob muitos aspectos, correm o risco de definharem.

Não há dúvida que o Sínodo enviou a toda a Igreja uma mensagem de otimismo e de confiança. Eu mesmo tive a ocasião de o comprovar na solene concelebração eucarística quando do encerramento daquela Assembléia sinodal. A lembrança dos Fundadores e Fundadoras de Congregações religiosas do passado, dos séculos mais recentes e do presente, muitos deles elevados à glória dos altares, atestam a perene vitalidade da Igreja católica, e nos certificam a presença infável do Espírito do Senhor a fecundar continuamente os caminhos da redenção humana. «Que seria o mundo, antigo e moderno, sem estas figuras — e aquelas de tantos outros? Eles aprenderam de Cristo que “o seu jugo é suave e o seu peso leve” (cf. Mt 11, 30) —

e ensinaram-no aos outros» (Homilia, n. 3, 29-X-1994).

Precisamente por isto é que, com o espírito de quem se alegra com os que estão alegres (cf. Rm 12, 15), desejo convidar-vos a vós, e convosco toda a Igreja no Brasil, a repensar com viva esperança nas perspectivas que nos foram abertas, e a empreender as iniciativas para renovar em vosso país tão incalculável dom de Deus, como é o da Vida Consagrada.

4. Para robustecer a Igreja de seu Filho, o Pai chama alguns de entre os fiéis, para participarem mais de perto da santidade e da missão salvadora de Cristo. Os que abraçaram a Vida Consagrada, atraídos por Jesus Cristo, procuram responder a esse singular chamamento do Pai eterno. Por seus votos, recebidos e confirmados pela Igreja, ligam-se mais intimamente a Jesus, e por seu testemunho querem atrair seus irmãos para que adiram mais facilmente à pessoa de Jesus e vivam a alegria do Evangelho. Nosso Venerável predecesor, Paulo VI, dizia que a *castidade consagrada* testemunha «o amor preferencial para com o Senhor e simboliza, de maneira mais eminente e absoluta, o mistério da união do Corpo Místico com a sua Cabeça, da Esposa [a Igreja] como seu eterno esposo» (Exor. ap. *Evangelica testificatio*, sobre a renovação da Vida Religiosa, 29-VI-1971, n. 13); desta forma, por uma entrega total e incondicional do seu coração e do seu ser, os religiosos revelam que Cristo, amado por eles sobre todas as coisas, é o eterno Esposo da Igreja, único capaz de dar significado absoluto ao amor e ao afeto. Pela *pobreza*, livremente assumida, testemunha sua amorosa solidariedade com os pobres e deserdados; mas, antes de ser uma condição de vida, é *opção de fé*. Jesus foi o autêntico modelo do pobre, porque entregou de maneira radical a sua vida nas mãos do Pai. Só assim a sua pobreza se tornou um espaço desimpedido, no qual Deus pôde agir livremente.

Opção por amor, a pobreza torna-se um sinal muito apreciado pelos «nossos contemporâneos, que interrogam os Religiosos com particular insistência» (*Ibidem*, 16). Enfim, a *obediência* é sinal de renúncia aos projetos individuais: é liberdade para aderir a Cristo na busca exclusiva dos interesses que dizem respeito às obras do Pai (cf. Jo 10,25), e sobretudo, é «entrar nos planos do Pai e capacidade de cumprilos. Aceitando morrer ao próprio arbítrio, participa-se dos horizontes da mesma liberdade de Deus (...). Quem faz seus os interesses de Cristo tem necessariamente de se entregar, o mais possível, pela instauração do seu Reino. Neste contexto, uma obediência que significasse passividade ou falta de responsabilidade seria simplesmente um contra-senso» (*Instrumentum laboris*, 54).

A Igreja que recebe os votos, ou a promessa da virgindade, vê na consagração algo que pertence à sua íntima natureza. Podem mudar as formas externas, mas a Igreja, Esposa do Verbo divino, jamais pode deixar de cultivar em si a radicalidade da fé e do amor que se expressam na consagração. Pela vivência dos Religiosos e outros consagrados, a Igreja é diante do mundo, mais claramente sinal e certeza da futura bem-aventurança e da vitória sobre todas as formas de engano e escravidão.

5. Por outro lado, a oportunidade daquele encontro sinodal ajuda-nos a evocar também o transcendental significado da liturgia da ordenação episcopal. O texto sagrado, após a solene invocação do Espírito Santo, exorta o candidato a respeito de seus futuros deveres pastorais. E então a liturgia indica a fonte de onde vem a autoridade dos apóstolos, a fortaleza dos mártires, a fidelidade dos santos: tudo provém do Pai eterno! Assim conclui o texto citado: «em nome do Pai, de quem és imagem entre os fiéis; em nome do Filho, cuja missão de mestre, sacerdote e pastor exerces: e em nome do Espírito Santo que dá vida à Igreja de Cristo e fortalece nossa fraqueza».

Com Jesus, e como Jesus, o Bispo deve ser imagem do Pai, no meio dos fiéis; ele, certamente, saberá sempre respeitar os assuntos internos de cada Congregação religiosa naquilo que é da competência dos Superiores Maiores ou naquilo que, pela isenção, está diretamente sob a vigilância do Papa. No entanto, o Bispo é, por ordem divina, o pai espiritual de todo o Povo de Deus. «Mestres da perfeição, os Bispos apliquem-se a promover a santidade de seus clérigos, religiosos e leigos, segundo a vocação peculiar de cada um, lembrando-se da obrigação que têm de dar exemplo de santidade pela caridade, humildade e simplicidade de vida. Santifiquem de tal modo as Igrejas que lhes estão confiadas, que nelas brilhe plenamente o modo de sentir de toda a Igreja de Cristo» (CD, 15).

Com estas premissas, é necessário que nos interroguemos, com toda a perspicácia e sentido sobrenatural, como a vocação religiosa deva ser hoje ajudada a tomar consciência de si própria e a amadurecer; como deve «funcionar» a vida religiosa no conjunto da vida da Igreja contemporânea.

Já tive ocasião de mencionar a necessidade de estreitar mais as *relações entre as Ordens e Congregações religiosas com o Colégio episcopal*, com os Bispos de cada Diocese e com as Conferências Episcopais (cf. *Discurso 24-XI-1978*, 3). Por um lado, «o Bispo que preside a Igreja particular exerça seu regime pastoral sobre (toda) a porção do Povo de Deus a ele confiada (...). Devem, pois, todos os Bispos promover e guardar a unidade da fé e a disciplina comum a toda a Igreja instruir os fiéis no amor de todo o Corpo Místico de Cristo» (LG, 23). Por outro lado, *os religiosos, onde quer que se encontrem, são com sua vocação, «para a Igreja universal», através da sua vocação «numa determinada Igreja local»*. Por isso, a vocação para a Igreja universal realiza-se no âmbito das estruturas da Igreja local.

Não é esta a doutrina do Concílio Vaticano II? Não foi naquela Magna Assembléia onde se assentou solenemente a doutrina segundo a qual as Igrejas particulares são formadas à imagem da Igreja universal, e «é nelas e por elas que a Igreja católica una e única existe» (Ibid.)? Mas então os Religiosos devem ter uma consciência cada vez mais clara de que sua «isenção» os orienta de tal modo para a Igreja universal, que se constituam, também em nome da Igreja universal, *exímios instrumentos da renovação constante e da santidade e unidade das Igrejas particulares*; desta forma, evitarão cair na tentação de criar um clima de «igreja paralela», à margem ou, pior, contra o Bispo, legítimo Pastor e Mestre da Igreja particular, na qual os religiosos se devem inserir, afetiva e efetivamente. Faço votos de que os Bispos e os Superiores Maiores retornem às orientações de «Mutuae relationes» para favorecer a riqueza dos carismas e antepor a todos os interesses individuais e grupais o verdadeiro bem da Igreja particular e universal. *A unidade com a Igreja universal, através da Igreja local: eis a vossa via!*

6. Na Constituição dogmática sobre a Igreja, o Concílio Vaticano II declara que a vida consagrada, nas suas múltiplas formas, manifesta «a potência infinita com que o Espírito Santo maravilhosamente atua na Igreja» (LG, 44). De igual modo, o Decreto do Concílio sobre a renovação da vida religiosa sublinha que foi «o impulso do Espírito Santo» que deu origem tanto à vida eremita quanto à fundação das famílias religiosas, que a Igreja de boa vontade escolheu e aprovou coma sua autoridade» (PC, 1).

Quando na sua Igreja Jesus Cristo chama os homens e as mulheres a segui-Lo, faz sentir a sua voz e a sua atração por meio da ação interior do Espírito Santo, ao qual confia a tarefa de fazer entender o chamamento e de suscitar o desejo de Lhe responder, com uma vida completamente

dedicada a Cristo e ao seu Reino. É Ele que desenvolve, no segredo da alma, a graça da vocação, abrindo o caminho requerido para que esta graça atinja o seu objetivo. É Ele o principal educador das vocações. É Ele o guia das almas consagradas no caminho da perfeição.

Foi assim no passado, assim é também hoje. Desde sempre na Igreja o Espírito Santo concede a alguns o carisma de Fundadores. Desde sempre faz com que, ao redor do Fundador ou da Fundadora, se reúnam pessoas que compartilham a orientação da sua forma de vida consagrada, o seu ensinamento, o seu ideal, a sua atração de caridade, de apostolado pastoral e de magistério. Desde sempre o Espírito Santo cria e faz crescer a harmonia das pessoas congregadas e as ajuda a desenvolver uma vida em comum animada pela caridade, segundo a orientação particular do carisma do Fundador e dos seus fiéis seguidores. Foi sob esta perspectiva que o Concílio constatou que a variedade dos Institutos religiosos é como «uma árvore que se ramifica, esplêndida e múltipla, no campo do Senhor» (LG, 43).

Por isso, a diversidade de carisma deve ser vivida pelos seus discípulos e discípulas, conservados zelosamente, aprofundados e desenvolvidos, em homogênea continuidade, ao longo dos tempos, seja qual for a circunstância histórica. Cada Instituto, com efeito, tem «seus fins e seu caráter próprios» (CIC, 598), não somente no que concerne à observância dos conselhos evangélicos, mas também em tudo o que se relaciona com o estilo de vida de seus membros (cf. Ibid. 598 §2).

Como vos lembrareis certamente, este foi um dos temas que tive a oportunidade de considerar na minha segunda Viagem Pastoral por vossas terras. «Levando-se em conta — eu dizia naquela ocasião — que a formação inicial e permanente segundo o próprio carisma, está nas mãos do Ins-

tituto, a formação intercongregacional não pode suprir inteiramente a tarefa da formação permanente dos seus membros. Esta deve estar impregnada, em muitos aspectos, das características próprias do carisma de cada um dos institutos» (Discurso, 18-X-1991,6).

A conservação desta linha de fundamentação da vida religiosa, e as conseqüências que dela decorrem, motivam a necessidade de tornar a alertar acerca de certas iniciativas, no que diz respeito à *formação intercongregacional*, que estão a exigir uma correção de rumo. Há casos, não de fraqueza individual, mas de certa institucionalização de critérios que podem causar muito prejuízo à formação dos jovens e das jovens consagradas. Pode-se falar em «*Cursos intercongregacionais para noviços*» ou para noviças, separados entre si, mas não se pode falar de «Noviciado intercongregacional». Além do mais, nenhum Superior Maior, nenhuma Superiora Maior, pode jamais abdicar de seu dever de ser o primeiro responsável pela introdução das gerações novas na maravilhosa experiência de Deus concedida aos próprios fundadores. Não é possível admitir que hajam organizações intermédias para orientar de modo diverso os santos ideais da Vida Consagrada.

A prática recente, sancionada pelo *Código de Direito Canônico* nos cânones 708 e 709, reconhece a grande utilidade das Conferências de Superiores Maiores, que se associam para, em unidade de esforços, alcançarem mais facilmente o fim de cada Instituto e estabelecerem idôneos meios de coordenação e cooperação entre os mesmos, e destes com as Conferências Episcopais e com cada Bispo em particular. Note-se, porém, que tais Conferências regionais, nacionais ou internacionais, não podem constituir uma instância superior de governo da vida consagrada, já que, não dotadas de poder jurídico, devem servir à autonomia de cada Instituto e respeitar as

funções próprias e indelegáveis dos seus respectivos Superiores.

Portanto, em quaisquer empreendimentos da Conferência dos Religiosos, os Superiores Maiores não podem se eximir de sua primeira e plena responsabilidade de vigias e mestres. Só assim, a CRB nacional — que, segundo as normas diretivas *Mutuae relationes*, tem como fim principal «a promoção da vida religiosa no conjunto da missão eclesial» (21) — pode se constituir numa grande ajuda nesta abençoada tarefa da formação contínua.

Esta ajuda não poderá desconhecer a doutrina conciliar sobre a vida consagrada, nem o constante ensinamento do Magistério da Igreja. Ao contrário, as atividades e programas da Conferência dos Religiosos devem primar pelo reverente acatamento e pela especial obediência ao Sucessor de Pedro e às suas diretrizes, mais ainda por serem todos os consagrados a ele ligados de maneira especial por seu voto de obediência. Ademais, os programas devem levar em conta os carismas específicos de cada Instituto, respeitando-o integralmente. Afastar-se-ia de sua finalidade original uma Conferência de religiosos que se tornasse um mecanismo de pressão para a introdução de elementos contrários às sãs tradições e à legítima identidade dos diversos Institutos, subtraindo dos seus legítimos superiores o efetivo governo de suas Comunidades religiosas. As iniciativas tomadas em comum devem contribuir para fomentar a fidelidade e a santidade da vida consagrada. Só assim serão fecundas, porque abençoadas pelo Senhor, fonte de todo o bem e única razão de ser da variedade de carismas.

Neste contexto, é meu dever apostólico recordar que todas as iniciativas neste importante setor, tanto as que são promovidas pela Conferência nacional como as demais empreendidas pelas outras estruturas de coordenação regional ou local, de-

vem estar sob a supervisão e a responsabilidade concreta dos Superiores Maiores e do Bispo diocesano — ou do Bispo delegado pelos Bispos da região. Estes têm uma responsabilidade objetiva e devem ter a possibilidade de um controle e de um efetivo acompanhamento.

Na formação das novas gerações de Religiosos ou outras pessoas consagradas, trata-se de algo sublime, onde acontece o sagrado diálogo entre a misteriosa graça de Deus e a consciência que, guiada pelo Espírito, se abre aos apelos de Deus.

A vossa autoridade, como pastores de um «pequeno rebanho», está a serviço do amor e da vida em Deus. Não vos deixeis conduzir por um falso respeito, para não usar da própria autoridade, onde o bem espiritual o exija. Os Bispos amem sempre os Religiosos e Consagrados como expressão privilegiada da Igreja Santa, Esposa do Verbo eterno. Mas «como vigários e legados de Cristo, os Bispos governam as Igrejas particulares que lhe foram confiadas, com conselhos, exortação e exemplos, mas também com autoridade e com sacro poder (...). Este poder que eles pessoalmente exercem em nome de Cristo é próprio, ordinário e imediato» (LG, 27), e serve para edificar a grei de Deus na verdade e santidade.

7. É meu propósito recordar, enfim, que os carismas religiosos «são peculiares dons do Espírito *para o povo de Deus* (Discurso, 26-XI-1993, n.7).

A Relação Final do Sínodo Extraordinário de 1985 afirmava que «a eclesiologia de comunhão é a idéia central e fundamental dos documentos do Concílio» (II, c.11). Favorecer uma comunhão eclesial mais intensa entre Religiosos, Clero e lei-

gos, intensificando um específico e pluriforme intercâmbio de valores espirituais e apostólicos, ajudará não pouco essa eclesiologia da comunhão. Mas, de modo particular, vinculará os carismas religiosos a cada uma das Igrejas onde se exprime a vocação e a missão dos leigos e do Clero diocesano, produzindo nelas o dinamismo e os valores com que os Religiosos respiram a universalidade da Igreja.

Não é esta precisamente uma das aspirações do V Congresso Missionário Latino-Americano que está para ter início em Belo Horizonte, e que quer vir a ser um estimulante acontecimento de animação missionária, destinado a pôr em evidência a Igreja particular como sujeito da Missão universal, favorecendo a participação tanto do Clero diocesano como de leigos missionários?

8. Gostaria de concluir este nosso encontro, estimados Irmãos, renovando-vos o meu agradecimento e o meu apreço. Quando regressardes às vossas dioceses, peço-vos que saudeis cordialmente os vossos sacerdotes, os religiosos e os fiéis. Dizei-lhes que o Papa reza por todos, e especialmente pelos mais necessitados: os pobres, os anciãos, os encarcerados, os doentes; ao mesmo tempo, o Papa reza pelas autoridades dos vossos Estados para que saibam zelar sempre pelo bem comum do povo que anseia pela paz e pelo bem-estar de cada Comunidade e, de modo particular, na defesa da vida desde a sua concepção. Peço a Deus, enfim, que vos chamou a ser Pastores do seu rebanho, para que vos sustente na vossa tarefa em benefício do seu Povo. Confio todos vós e a Igreja inteira deste grande Regional à Virgem Aparecida, e concedo-vos de coração a minha Bênção Apostólica.

INFORME CRB

1. OBJETIVO GERAL DO CIMI PARA 1995-1997

Impulsionados(as) por nossa fé no evangelho da vida, justiça e solidariedade e frente às agressões do modelo neoliberal, decidimos intensificar a presença e o apoio junto às comunidades, povos e organizações indígenas e intervir na sociedade brasileira como aliados(as) dos povos indígenas, fortalecendo o processo de autonomia desses povos na construção de um projeto alternativo, pluriétnico, popular e democrático.

2. POLÍTICAS DE ATUAÇÃO DO CIMI

I. FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

a) Protagonismo indígena

Pressuposto

Ter sempre em consideração as diferenças étnico-culturais, os mecanismos próprios e a pedagogia de cada povo nos programas formativos e informativos; a formação deve abranger as comunidades, lideranças e organizações na sua dimensão integral (saúde, educação, etc.) a partir das necessidades e solicitações dos próprios índios. É importante privilegiar o experimentado e vivido nos vários níveis (comunidades, organizações). O papel dos(as) missionários(as) é também provocar temas e demandas, tendo presente a análise dos seus limites e as necessidades de assessorias externas.

Propostas:

1. Apoiar e subsidiar as comunidades, povos e organizações indígenas no sentido de fortalecê-los sempre mais no exercício de seu protagonismo.

2. Formular uma política de serviço à formação e informação dos índios, que tenha presente as seguintes características: sistemática, contínua, global, qualificada, abrangendo as várias instâncias (comunidades, lideranças, organizações), sempre com a participação indígena na sua formulação, implementação e avaliação.

3. Intensificar a elaboração e oferecimento de análises da realidade, privilegiando o nível regional, alargando para o país todo, o Continente e a conjuntura mundial, para que as comunidades, povos e organizações possam qualificar suas estratégias de luta.

4. Aprimorar a elaboração de subsídios informativos para os povos e organizações indígenas, incorporando criativamente novos recursos de linguagem (programas de rádio, fitas cassetes, vídeos, etc.).

Mecanismos de Implementação:

Que a ANF e a Diretoria do CIMI animem e acompanhem:

1. A sistematização das experiências formativas e das discussões acumuladas nos regionais, grandes regiões e ANF.

2. Os encontros e cursos sobre temas específicos e organizados pelas respectivas articulações.

3. A socialização de todos os recursos pedagógicos existentes.

4. A utilização mais eficaz das publicações do CIMI, como por exemplo o Porantim, Mensageiro, informativos e recursos audiovisuais.

b) Missionários(as):

Propostas e Mecanismos de Implementação:

1. Incorporar na atual política de formação dos(as) missionários(as) o tema da mística, da militância missionária e em toda a prática do CIMI intensificar essa dimensão que impulsiona e orienta a nossa atuação. Aprofundar também a questão da subjetividade, que tem sido trabalhada nos encontros de leigos.

2. Dar continuidade à implementação do processo de formação por regionais e grandes regiões, a partir das necessidades temáticas das equipes de base.

II. ALIANÇAS

Propostas e Mecanismos de Implementação:

1. Entender e potencializar como aliança primeira e maior a própria articulação dos povos indígenas no Brasil e no Continente, ajudando a fortalecer a sua unidade interna como pressupostos de qualquer aliança externa.

2. Reforçar parcerias com os povos indígenas por parte do CIMI, das Igrejas, entidades de apoio e movimentos populares.

3. Intensificar a conscientização e a busca de apoio da população envolvente e da opinião pública, a atuação junto ao Congresso Nacional e nos meios de comunicação social, objetivando reverter as proposições anti-indígenas hoje apresentadas.

4. Intensificar o relacionamento e a articulação com a mídia:

a) Imprensa alternativa (por exemplo: boletins diocesanos, jornais, revistas, bole-

tins litúrgicos dominicais, especialmente em relação à semana dos povos indígenas).

b) Rádios e TV's locais e regionais.

c) Produzir profissionalmente fitas cassetes e fitas de vídeo para oferecer a rádios e TV's.

5. Continuar com o informativo semanal, como instrumento válido de aprofundar a solidariedade internacional, intensificando a rede das agências de cooperação vistas como parceiras nos aspectos políticos e não só em termos financeiros.

6. Articular-se com entidades potencialmente parceiras na questão indígena e aproveitar os espaços concretos oferecidos em eventos eclesiais e da sociedade civil, intensificando a aliança com movimentos e pastorais já comprometidos com a luta popular.

7. Repensar e reconquistar a "Semana dos Povos Indígenas" em busca de alianças.

8. Aproveitar o espaço do "mês missionário" — outubro.

9. Estabelecer e estreitar alianças com as forças populares, nas Assembleias Legislativas estaduais, no Congresso Nacional, com os partidos políticos, governos democrático-populares.

10. Intensificar no Porantim e no Mensageiro a socialização de informações sobre alianças já em curso.

11. Ampliar e fortalecer a articulação continental, especialmente as articulações regionais Cone Sul, Andina, Mesoamérica, Amazônica e Caribe.

III. TERRA

Propostas e Mecanismos de Implementação:

1. Desenvolver políticas de antecipa-

ção aos problemas que ameaçam as terras indígenas, criando as condições favoráveis aos povos indígenas considerando:

a) Tendência geral de agravamento dos conflitos nas terras indígenas, em razão da implementação da política indigenista do atual governo.

b) A redefinição dos serviços atuais do CIMI, considerando, em particular, o quadro atual do corpo de assessores jurídicos.

c) A possibilidade de deslocamentos esporádicos de missionários(as) do CIMI para as áreas de conflito de terra mais agudos.

d) O domínio por parte dos(as) missionários(as) de informações e instrumentos jurídicos que os orientem na atuação dos casos de conflitos de terra.

e) A proteção das áreas ocupadas por índios isolados.

2. Apoio às formas de luta dos povos indígenas na conquista, na garantia, retomada e auto-demarcação de suas terras.

3. Desenvolver, em parceria com entidades e movimentos que atuam na mesma área, uma política que contemple informações sobre a situação das terras indígenas, a concentração fundiária no país e o mapeamento das áreas de conflito entre índios e não-índios.

4. Desenvolver programa de trabalho sobre terra, mantido por um fundo de apoio próprio que permita:

a) Um diagnóstico da situação das terras indígenas no país.

b) A definição de ações estratégicas.

c) Priorização de um elenco de áreas para a atuação estratégica do CIMI.

d) Realização de encontros sobre o tema, favorecendo a articulação dos missionários que atuam em áreas de conflito.

5. Acompanhamento dos Poderes executivo, legislativo e judiciário em vista da defesa e garantia dos direitos indígenas.

6. Fortalecer os diferentes fóruns internacionais, nacionais e locais contra a violência no campo.

IV. AUTO-SUSTENTAÇÃO

Pressupostos:

1. Levar em conta a *diversidade de cenários*:

a) Cenários emergenciais em situações de depredação do patrimônio (ausência de território, fome...).

b) Cenário onde o processo mais organizativo permite a construção de relativa auto-sustentação.

2. Ter como *princípio* que autonomia e auto-sustentação incluem os aspectos econômicos, mas abrangem todas as formas e direitos de viver (saúde, educação, organização social...).

3. Papel do CIMI:

a) Proporcionar ampla discussão junto as comunidades indígenas.

b) Acompanhar o povo na sua trajetória histórica, no desenrolar do dinamismo da cultura, frente aos impasses e exigências do contexto atual.

c) Assessorar e apoiar a busca conjunta de formas alternativas a partir do próprio projeto de vida do povo e a re-orientação das políticas públicas.

Propostas e Mecanismos de Implementação:

1. Realizar um diagnóstico participativo que contemple levantamento, análise e propostas acerca de: conhecimento de ecossistema, etno-economia, relações de mercado, situações de dependência... sempre a partir e em vista do projeto de vida do

povo no contexto sócio-político-econômico, no micro e no macro.

Implementação do diagnóstico — regionais e ANAS.

2. Definir uma política de capacitação nesse campo, estabelecendo parceria com entidades, setores, movimentos populares... que nos possibilitem técnicas e entendimento.

Implementação dessa política — Articulação de Auto-Sustentação e demais articulações do CIMI.

3. Buscar subsídios para análise e posicionamento frente a projetos de lei que tratam da biodiversidade e da exploração dos recursos naturais em terras indígenas e em particular a Lei de Patentes.

1. "ESPIRITUALIDADE E SEGUIMENTO"

Ir. Maria Sônia Müller, SSPS

Colega Sônia,

Quando me deparei com teu artigo pensei em escrever sob a forma de carta e direta a compreensão que tive dele e devolver parte da riqueza que você oferece às leitoras e leitores da nossa Revista *Convergência*.

1) Você Sônia, coloca muito bem o estado da questão dentro do qual se constrói a "Espiritualidade do seguimento", seja na sociedade em que vivemos hoje, seja no campo da própria espiritualidade. Você coloca os elementos fundamentais que constituem o eixo do tema do seu artigo nestes elementos:

2) *No espírito de Deus* que é o espírito de vida e o melhor da vida. Você o conceitua muito bem e é muito feliz ao conectá-lo com a concepção de *mística*: o espírito de uma pessoa é o mais profundo do seu próprio ser, suas motivações últimas, seu ideal, sua utopia, sua paixão, a mística pela qual vive e luta e com a qual contagia os outros. Achei importante que você tenha completado sua idéia com o conceito de *mística* do nosso irmão e pastor Pedro Casaldáliga, profético, poeta e inspirado.

3) *Na espiritualidade*. A sua concepção deste elemento passa pelo nível das formas através das quais o espírito se expressa. Para você a espiritualidade é uma prática e ao mesmo tempo um exercício

da fé. A espiritualidade como prática se expressa na vida em seu todo, pois está integrada nela e na realidade histórica. A espiritualidade como exercício da fé se expressa na Palavra de Deus que chega ao seu ponto mais alto na prática da oração a qual desafia a própria espiritualidade.

4) *No seguimento*. O conteúdo teológico do seguimento para a construção da espiritualidade cristã é o anúncio direto do Reino de Deus que foi o coração do Jesus histórico. Você coloca, portanto, o Reino numa dimensão histórica de libertação em vista do futuro, que eu diria numa dimensão escatológica do Reino que começa aqui na terra. Neste ponto Sônia, eu entendi que você quis se deter em falar de algumas condições específicas para uma espiritualidade do seguimento. Você destaca estas:

— a conversão como resposta de fé nascida do encontro com o Senhor;

— o êxodo e o compromisso no sentido de pôr-se a caminho com Jesus, no sentido de movimentar-se, de ser solidária e solidário. E o compromisso nasce desta práxis amorosa do "ir atrás de Jesus" pelo mesmo caminho;

— a atitude do VER que significa crer, encontrar Jesus, o que leva a discípula e o discípulo a viver a comunhão trinitária;

— a atitude do OUVIR com o significado de escutar atentamente a Palavra do Senhor que se revela (AT) na pessoa de Jesus (NT). Na sua concepção, o ouvir conduz à fé, move a pessoa à ação e a abre à ob-audiência (= obediência) das interpeleções feitas pelo Projeto do Pai que é o anúncio direto do Reino de Deus. Muito

importante Sônia, é a sua idéia de que a discípula e o discípulo se põem à escuta do *Pai* e do *povo*. É disso que mais precisamos hoje.

5) Finalmente colega, você levanta bons desafios para uma espiritualidade do seguimento, desafios que os vejo integrados à vida do dia-a-dia das nossas comunidades esparsas pelo mundo. Vejo-as sobretudo, nas questões que você formula para o debate comunitário. Deus queira que debates deste tipo sejam freqüentes.

Parabéns pela sua clareza e obrigada pelo dom desse serviço que você presta a toda a vida religiosa. Prossiga Sônia, e aceite a minha saudação de companheira e de colega que trabalha com o mesmo objetivo e vive em estado de resistência pelo Reino.

Lina Boff, SMR.

2. "AS CASAS DE CARIDADE DO PADRE IBIAPINA: UM MODELO DE IGREJA FEMININA"

Padre José Comblin

É sempre reconfortante ler ou ouvir sobre o Pe. Ibiapina, este grande sacerdote realmente merecedor do reconhecimento da Igreja Universal. O Pe. Comblin, felizmente, é um dos que vêm preenchendo esta lacuna de estudos a respeito desta grande figura do clero brasileiro. É digna de registro, também, a preocupação do eminente biblista da Serra Redonda em registrar a contribuição de Ibiapina para o surgimento de formas de Vida Consagrada alternativas, surgidas no Brasil colonial e imperial. Tais formas, só recentemente vêm sendo estudadas. Até pouco tempo, foram objeto de pesquisa e análise apenas de historiadores e sociólogos leigos. Estes de-

ram interpretações as mais diversas ao monaquismo leigo presente desde os inícios do Brasil-colônia até os fins da época imperial — tome-se como exemplo os variados sentidos dados às personalidades e à obra do Conselheiro. É de se louvar, pois, o esforço atual de historiadores, cientistas sociais e teólogos em tentar resgatar a dimensão cristã autêntica e inovadora de tantas figuras do clero e laicato brasileiros e/ou luso-brasileiros, em seu afã de inventar soluções pastorais e de Vida Religiosa, não reconhecidas como tal pela Instituição Eclesiástica, mas que nem por isso deixaram de produzir muitos frutos no seu tempo e de possuírem capacidade de iluminar, com suas inspirações e soluções criativas, a nós, que constituímos o Povo de Deus, hoje.

O modelo das *Casas de Caridade*, que intitula o artigo, é uma dessas buscas de soluções, tão feliz, tão tropicalmente inculturada em nossa realidade geográfica, climática e sociocultural, que não passou despercebida a estudiosos de nossa formação histórico-sociológica, como Gilberto Freyre, citado longamente por Comblin. E, assim como a experiência do mosteiro de monges leigos, em sua maioria mestiços, do Caraça, veio a sofrer desconfianças do Bispo de Mariana, identificado com as propostas da *romanização* ao tomar conhecimento do mesmo no século XIX — enquanto o mosteiro já existia pelo menos há um século atrás! — igualmente esta grande inspiração de Ibiapina, tão pródigo em inventar soluções *aclimatadas* (só não chamo de *inculturadas* para que não me acussem de interpretar fatos do passado com conceitos de hoje), teve de enfrentar suspeitas do clero das paróquias.

Acrescente-se a estes problemas paroquiais o momento que a Igreja estava vivendo no Brasil, de implantação do processo de *romanização*. Tal processo participava — ao menos indiretamente — do esforço de *branqueamento e europeização cultural* do país. Com esta finalidade, o

governo imperial incentivava, na segunda metade do século XIX, a vinda de religiosos e religiosas europeus, sobretudo das Congregações surgidas dos séculos XVII em diante. Com isto, atendia a este objetivo e também introduzia no Brasil grupos de voluntários para trabalhar nas obras educacionais, hospitalares e assistenciais, sem ônus para a Coroa.

Diante da desconfiança generalizada em relação a toda idéia ou iniciativa que viesse do povo negro, índio ou mestiço, consideradas, imediatamente, como inferiores ou não-rationais, não é de se admirar que uma obra, brotada nas raízes mesmas de um contexto sociocultural mestiço e pobre — apesar da adesão de moças e senhoras das “nobrezas” locais — fôsse rechaçada como de condição inferior, indigna de ser reconhecida pela hierarquia.

Penso que a contextualização proposta por Comblin, de opor a estrutura machista

da Igreja à organização feminina desta obra de Ibiapina não é suficiente para explicar as atitudes negativas contra a mesma. Este dado entra também, claro, como um dos componentes, mas não como a explicação única. Fôsse assim, a grande obra assistencial dos mosteiros e *beatérios* femininos que recolhiam os bebês expostos, teria sido alvo de desconfianças, igualmente.

Finalmente, gostaria de registrar como digno de meditação para todos os que detêm responsabilidade de promoção vocacional na Igreja — e o Bispo é promotor vocacional por excelência, em cada diocese — o último parágrafo do artigo. É realmente revelador de uma realidade que, no exercício da pastoral, no contato com as comunidades, na atitude de escuta do Povo de Deus, podemos identificar e confirmar.

Fr. Tito Figueirôa de Medeiros,
O. Carm.

Cartas para esta seção, dirigir a:

REVISTA CONVERGÊNCIA – CARTAS DOS LEITORES
R. Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar
20038-900 Rio de Janeiro – RJ
ou FAX (021) 240-4486

NOVAS TENDÊNCIAS DA VR NOS ANOS 80. VISÃO DESDE A CRB

Pe. Edênio Valle, SVD*

Tendências, entre outras: Melhor percepção da Igreja Particular. As mulheres são aceitas na Pastoral. Os carismas se expressam com criatividade. Planeja-se atuar intercongregacionalmente.

Os excluídos são uma referência mais concreta. Desperta-se a consciência da feminilidade. Consciência da subjetividade e crescente senso crítico...

INTRODUÇÃO

1. O presente e oportuno Seminário do INP pretende abordar de forma abrangente a Pastoral da Igreja no Brasil nos anos 80. É de todos sabido que a CRB não é organismo de ação pastoral. Sua tarefa é, muito mais, a de "animar, coordenar e promover" o processo interno do conjunto da VR brasileira. Ao mesmo tempo, porém, é igualmente sabido que, teologicamente, a VR não pode ser compreendida e vivida se não estiver radicada na missão evangelizadora da Igreja.

Historicamente, em especial no Brasil, a missão foi sempre um dado de fato (e um desafio!) para a VR. Em certos momentos e/ou em alguns setores ou regiões, a VR recobria, até, o todo da ação evangelizadora e pastoral da Igreja. No século XX, com o progressivo firmar-se do projeto eclesial brasileiro, a VR foi, aos poucos, se enriquecendo com a caminhada pastoral feita por todo o Povo de Deus. A Igreja do Brasil, ensinou à VR alguns elementos fundamentais da missão: a centralidade do testemunho, do anúncio e da constituição de comunidades cristãs vivas (cf RM 42-51), a ministerialidade de toda a Igreja, a exigência da inculturação e do diálogo, a importância do ecumenismo e do envolvimento protagônico dos leigos, no quadro das "mútuas relações" entre todas as vocações de Igreja. Nesse contexto, assumiram feições inéditas duas "des-cobertas" da Igreja, cuja repercussão pastoral foi imensa: a evangélica opção preferencial pelos pobres, a partir de nossa realidade socio-política e econômica concreta e a tomada de consciência da Igreja Local como lugar efetivo da vida e compromisso dos Religiosos e Religiosas, respeitado o carisma de cada Congregação.

2. À essa luz se entende que a CRB, embora orientada para a dinamização e o processo formativo "internos" da VR, tenha trabalhado sempre em estreita cooperação com o que a Igreja se propunha rea-

* O AUTOR: Pe. Edênio Valle, verbita, é ex-presidente da CRB-Nacional no período de 1990-1995.

lizar, em especial nas áreas de ponta e de fronteira. Existem assim, pontos fortes de interseção e projeção entre as metas e atividades da VR organizada e as diretrizes dadas pela Igreja à pastoral católica, nos anos 80. As "Diretrizes" que foram sendo elaboradas pela CNBB constituíram o pano de fundo e a referência explícita para o que a CRB assumiu como objetivo e prioridade de trabalho, ao longo da década. A experiência direta de crescente inserção da VR na vida e realidade do povo serviu como caixa de ressonância para a sintonia fina entre o projeto global da VR e o grande objetivo levantado pela CNBB, no quadro pastoral-missionário e sóciopolítico dos anos 80. Com razão e muito programaticamente diz o objetivo geral da CRB 1986-1989 que o compromisso da VR no Brasil é de "viver a dimensão profética da VR, discernindo criticamente no contexto sócio-ecclesial, as formas adequadas de encarnação-missão".

3. O presente texto será apresentado em 2 pontos ou partes: (A) um brevíssimo apanhado de alguns dos fatores centrais da conjuntura brasileira de então, com uma referência igualmente rápida ao panorama eclesial daquela década. Em seguida, (B) as tendências surgidas no seio da VR brasileira naquele mesmo período.

A. FATORES DA CONJUNTURA BRASILEIRA

Outros palestristas tratarão mais pormenorizadamente esses fatores. No entanto, é importante ressaltar alguns aspectos que incidem mais diretamente sobre a VR.

I. Anos de transição política

1. Os anos 70 foram os "anos de ferro" da ditadura militar. Refletiram o endurecimento político e ideológico que se verificava em termos de política mundial. Na América Latina e no Brasil, reinavam, no

início, a euforia do milagre desenvolvimentista mas, também, o inconformismo social que se expressava em movimentos revolucionários radicais. Os Governos impunham a Lei de Segurança Nacional e a censura às organizações políticas, ao Congresso e à Imprensa. Os grupos populares eram silenciados, mediante artifícios sutis (TV Globo) e/ou mecanismos de repressão direta. A Igreja, única força organizada e único espaço político livre, fazia-se portavoz dos sem voz e canal natural de expressão do descontentamento da sociedade e da luta pelos direitos humanos e sociais. Tal situação gerou condições para uma aproximação de tipo novo entre a Igreja e os setores populares da sociedade brasileira.

Em relação a esse quadro geral, os anos 80 podem ser caracterizados como uma fase de transição, com progressivo desmonte da estrutura autoritária e centralizadora criada pelo regime militar.

Dá-se um despertar da sociedade civil. À medida que o milagre econômico e o regime que o sustentava se faziam página virada e quase farsa, os grupos sociais organizados vão retomando espaço. Constatam-se esse fenômeno no nível dos movimentos populares, dos sindicatos urbanos e rurais, das organizações de classe média (intelectuais, estudantes), dos meios de comunicação alternativa e mesmo da mídia convencional e dos partidos e Congresso Nacional. Como nunca na história brasileira, dão-se grandes movimentações como as da "Diretas Já" e as da Constituinte.

2. No campo da Igreja, as CEBs demonstram vitalidade e liderança. As Pastorais de ponta, (PO, o CIMI e a CPT) representavam uma força política, extrapolando o âmbito tradicionalmente introspectivo das associações de Igreja. Os pronunciamentos dos Bispos encontram grande ressonância na opinião pública. Paralelamente e em sentido oposto, as "elites" de sempre já tramavam uma transição "len-

ta, segura e gradual” entre os grupos de poder e retirando os interesses populares da agenda sóciopolítica do novo governo civil, escolhido por uma eleição indireta.

II. A década “perdida”

1. Os anos 80 foram uma década duplamente perdida. Politicamente, embora saísse às ruas, forçando as mudanças do regime, na hora da divisão do poder e da tomada de decisões políticas, o povo passou para o último plano. Houve, porém, inegáveis progressos políticos. O maior, talvez, tenha sido o de fortalecimento e afirmação nacional de partidos, sindicatos e organizações civis de claro corte popular, voltados para as reivindicações sociais de base, com o lançamento otimista de um projeto nacional no qual o povo esperava vir a ocupar um lugar ativo e central. A expectativa (que continua existindo) não se verificou, porém.

2. Economicamente, os anos 80 foram um fracasso. A democratização coincidiu com a recessão da economia mundial. O PIB nacional estacionou. A riqueza produzida continuou se acumulando nas mãos de poucos. O empobrecimento, o desemprego, o abandono da população, sempre mais urbanizada, passaram a assumir características novas e mais crassas. Aos poucos, o desmoronamento da utopia socialista e a queda do socialismo real foram evidenciando um panorama econômico e político novo, bem diferente do vivido nos anos 70 e inícios da década de 80. Ser “contra” a proposta capitalista já não era suficiente. Acenar, vagamente, para uma solução socialista ou para uma política distributiva voltada para o social, passou a ser um “non sense” político-econômico. Cresceram as divisões internas entre as correntes empenhadas na mudança. No fim da década eram já perceptíveis o desânimo e a desarticulação dos movimentos de origem popular, atingindo também as CEBs e

a VR inserida. A questão de fundo passou a ser a da elaboração de um projeto viável que, valorizando o social e superando o absurdo “apartheid” existente no Brasil, pudesse vir a estabelecer um processo econômico e político não só justo internamente como compatível com o novo quadro mundial. Foi nessa linha que se fez a reflexão da II Semana Social Brasileira (1994) que, no fundo, começa a dar resposta a uma questão que angustiava o Brasil já em fins dos anos 80, quando a democratização do país sai do nível das aspirações e passa a ser uma tarefa histórica e uma prática concretas.

III. Situação da Igreja e da VR

Os anos 80 abriram, eclesial e eclesias-ticamente, com dois eventos relevantes, assumidos seriamente pela CRB.

1. Primeiro foi o acontecimento de Puebla, em 1979. Acabara o pontificado de Paulo VI, o 1º do pós-Concílio. Os Sínodos de Bispos haviam retomado alguns eixos pouco aprofundados no Vaticano II, em especial os temas da injustiça no mundo e o da Evangelização (“Evangelii Nuntiandi”). A crise eclesial global dos anos 70 havia sacudido o vetusto edifício da instituição católica. Ao movimento otimista e açodado do “aggiornamento” sucedia uma contra-reação conservadora. Puebla, em seus bastidores, foi palco de grandes tensões entre uma proposta “medilliniana” e outra, mais fechada, que contava com o apoio de cúpulas eclesialísticas bem organizadas. O resultado final do Documento não foi o que essas cúpulas se prometiam. Mas ficavam e se acentuavam algumas tensões e suspeitas, ao lado de algumas aberturas importantes para a ação pastoral da Igreja.

No panorama da Igreja mundial começava a emergir o novo Papa. João Paulo II, em Puebla, teve uma ação decisiva e influenciou fundamente as decisões. Começou a percorrer o mundo, trazendo, por esse

verso, uma mensagem nova que atraía a mídia. Aos poucos, suas posições se definiram em um sentido mais restaurador. Na América Latina, mais especificamente, o novo Papa se distanciou da proposta representada por tentativas como a da Nicarágua e, de modo mais geral, pela T.L. e pelo que se passou a chamar de "Pastoral Libertadora". Com isto ganhou mais força, dentro da Igreja, a crítica à Teologia da Libertação. Não se tratava da crítica teórica apenas. Era toda uma série de medidas práticas que iam sendo tomadas para marginalizar, neutralizar ou erradicar a tendência libertadora, presente na Teologia, na Pastoral e na Espiritualidade latino-americanas. Após Puebla, no CELAM, o setor conservador assume pleno controle das decisões e orientações. As tensões com segmentos expressivos da Vida Religiosa e da CLAR crescem. As pressões se fazem sentir de várias formas, culminando com atos de força em relação à entidade dos Religiosos.

Essa situação se reflete no Brasil, atingindo a CRB e a Vida Religiosa, ambas empenhadas em buscar vias novas. A interpretação dada pela CNBB a Puebla é diferente da do CELAM, aprofundando as chaves de leitura da "comunhão e participação" e da "evangélica opção preferencial pelos pobres". A CNBB manteve nesses anos e mesmo levou adiante a sua proposta pastoral mais básica, em continuidade ao que já vinha fazendo antes, apenas buscando considerar melhor os fatores novos que a conjuntura da segunda metade da década vai revelando. Em tudo a CRB acompanhou de perto os Bispos, com apoio também do Laicado e dos presbíteros e presença marcante nas CEBs e nas Pastorais.

2. A 1ª visita do Papa João Paulo II ao Brasil constituiu outro momento memorável. Foi precedida por denúncias e ameaças à CNBB e à sua linha pastoral, vista por alguns como hostil às propostas do

Papa. A grande imprensa fez muito barulho. Anunciou-se amplamente que a visita papal poria um fim definitivo às desordens e coibiria os muitos abusos existentes na Teologia e na Pastoral.

Os discursos de João Paulo II foram, porém, conciliatórios e serenos. Não se deu o prometido "puxão de orelhas" aos Bispos, às CEBs e às pastorais. A direção da CNBB saiu fortalecida. Teve até a possibilidade de fazer chegar diretamente à Santa Sé os seus pleitos. Apesar de fazer reparos e chamar a atenção para alguns perigos, o Papa, em certo sentido, endossou a pastoral e o estilo da Igreja do Brasil, o que veio a criar um espaço de proteção também para a Vida Religiosa, em um momento no qual essa enfrentava uma dura crítica de Bispos de distintos países e do CELAM. Até no caso da Teologia da Libertação, foi possível, "forçar" uma segunda "Instrução", bem diversa no espírito e na forma, do 1º Documento, só capaz de ver sombras, perigos e fantasmas.

Desta forma, apesar de no plano sócio-político e econômico a Igreja começar a sentir as tensões originadas da nova conjuntura pós-militar que a obrigou a rever seu papel, no plano mais eclesiástico a parte final dos anos 80 foi até bastante tranqüila para a Igreja do Brasil. O mesmo se diga da Vida Religiosa, em que pese o itinerário doloroso de L. Boff, teólogo estreitamente ligado à Equipe de Reflexão Teológica da CRB, durante mais de 10 anos.

O Brasil, entretanto, continuava transformando-se celeremente. Os problemas se acumulavam por toda parte. Nas grandes cidades, a violência urbana — a oficial e a dos marginais de vários calibres — tem um crescimento assustador, ganhando ares de "guerra civil" não declarada, com espaço para arbitrariedades e clima de terror, envolvendo as autoridades políticas e policiais. Essas se revelam corruptas e corruptoras até a raiz do cabelo, peitadas pelas

empreiteiras, bancos e até a droga e o jogo. A imprensa, agora livre, revela a cada dia mais lama. Há uma grita geral pela ética. O discurso da modernização passa a ser a tônica e a esperança dos bem constituídos. Para o povão o que há mesmo é: fome, desemprego, salário comido pela inflação. A ausência de políticas sociais é total.

3. A Igreja, por sua vez, tem de se confrontar com as "novas" elites civis e com os novos atores sociais e religiosos. Na política, dá-se um pluralismo confuso de forças e tendências. Perde-se o espaço do qual a Igreja usufruía nos anos da resistência democrática. A expectativa do povo continua enorme, mas os novos dirigentes não sabem que rumos dar à economia de modo a satisfazer às necessidades e às expectativas das massas e dos grupos organizados. Esses últimos perdem boa parte de sua base de sustentação. É cada vez mais difícil mobilizar, motivar e articular. As CEBs, se resfriam, enquanto que outros movimentos católicos conservadores aceleram sua organização, crescendo rapidamente. Do lado popular, religioso e não religioso, há certa apatia e retração. Os movimentos sociais urbanos e do campo, tão atuantes no início da década, entram em processo de hibernação. Há muito espaço para demagogos, promessinhas e exploradores (políticos, religiosos, comerciantes). A eleição de Fernando Collor vem consolidar aparentemente esse quadro de modernização neoliberal.

No setor mais estritamente das Religiões e das Igrejas, não se pode falar de um apogeu do ecumenismo. A Igreja Católica, como as protestantes históricas, assistem ao avanço avassalador dos novos movimentos religiosos, seja entre o povo, seja nas classes médias. Grupos como o do Bispo Macedo se arvoram em vencedores e modernos. Em uma linha mais eclética, os posicionamentos da Nova Era invadem a mídia, jogando tudo na grande bateadeira dos "misticismos" de hoje.

4. Como se comporta a Vida Religiosa neste contexto? Há indícios de que a grande crise interna pós-conciliar está sendo superada. Já não é tão elevado o número de saídas. Mesmo no campo das mulheres há uma ligeira retomada vocacional. Em um nível mais qualitativo, parece que o novo modelo da VR latino-americana (inserido, inculturado, voltado para os mais pobres, bíblico, de espiritualidade encarnada) já não encontra objeções de princípio, embora subsistam inúmeros problemas. Também na Pastoral ordinária e extraordinária se deram vários acomodatamentos importantes. Como: (a) as Igrejas Locais se acostumaram ao novo jeito de ser da VR e os Religiosos (as) já percebem melhor o papel da Igreja Particular; (b) as mulheres consagradas são aceitas na Pastoral, não obstante existam situações difíceis e ambigüidades; (c) os carismas congregacionais já conseguem se expressar com criatividade desde o novo quadro pastoral e de Igreja, fugindo ao fixismo dos colégios, casas de saúde e paróquias-conventos. Há um surto missionário, que vai até "além-fronteiras". Dentro do Brasil, observa-se uma redistribuição das forças por áreas geográficas (diminuem os números no sul e centro-sul, aumentam no centro-oeste, nordeste e norte). (d) Mais importante ainda: os Religiosos (as), às vezes planejando e atuando intercongregacionalmente, começam a dar respostas originais aos novos "areópagos", às urgências missionárias e às demandas de que poderia ser chamado globalmente de "Nova Evangelização". (e) Os "excluídos" são um ponto de referência cada vez mais concreto para as decisões e engajamentos. Claro que os apostolados e obras mais tradicionais sofrem com esse deslocamento de interesses e de prioridade. (f) Outro aspecto de grande relevância é o despertar da consciência da feminilidade e da realidade do feminino em todos os seus níveis, inclusive o sóciopolítico e o religioso. (g) Em relação às políticas governamentais e

mesmo da Igreja e da própria VR há um crescente senso crítico e consciência da subjetividade, o que não deixa de trazer dificuldades para instituições que carregam em si muita coisa de um passado histórico glorioso, mas pouco permeável às condições históricas, antropológicas, culturais de hoje. (h) A problemática das culturas e da inculturação cresce em importância. (i) Concomitantemente, torna-se mais impreciso o caminho pelo qual a VR (obras tradicionais e novas iniciativas) poderá assumir seu papel sóciopolítico-histórico de maneira coerente com suas opções evangélicas.

B. TENDÊNCIAS PASTORAIS DA VR NOS ANOS 80

I. Por onde caminhou a VR nesse período?

Claro que o quadro não é uniforme. Há quem esteja no início do processo e há quem já está lá na curva do próximo horizonte. Há Congregações e pessoas confusas, incapazes de integrar "velha" e "nova" evangelização, fé e política, obras e opção pelos pobres, engajamento social e vida de oração, vida de comunidade e dimensão pessoal, fidelidade ao carisma e abertura ao mundo em transformação. Outras, já o fazem com certa segurança, deixando para trás um modelo de vida, de organização e de ação pastoral que não se adequa ao que o mundo brasileiro de hoje necessita. São perspectivas e problemas ainda presentes e sem solução.

A VR no Brasil, portanto, está longe de ser uma realidade homogênea. São plurivalentes suas formas e níveis de consciência. Os caminhos trilhados pela VR nos anos 80, com seus avanços e retrocessos, parecem ter se orientado na direção de uma unidade e consciência maiores. Tanto a CNBB quanto a CRB contribuíram muito

para essa maior homogeneidade e inculturação, salvaguardada a diversidade mencionada acima. Parece que como fruto da eclesiogênese vivida por toda a Igreja, através de suas grandes opções e graças às diretrizes que inspiram o todo de sua vida e ação pastoral, também a VR foi ganhando um rosto brasileiro, com feições comuns, presentes nas distintas Congregações, para lá de suas idiossincrasias próprias.

Talvez a melhor via para se chegar, com certa objetividade, a individuar traços e orientações que caracterizavam a VR nos anos 80, seja rastrear os assuntos que a própria VR, articulada pela CRB, foi se propondo ao longo da década. Nós os podemos retrair acompanhando passo a passo: (1) os temas e preocupações das 4 Assembléias Gerais acontecidas no período; (2) as temáticas abordadas pelos grandes Seminários e publicações; (3) outras iniciativas originais.

1. Temas (pastorais) apontados pelas Assembléias Gerais

As Assembléias Gerais da CRB se realizam a cada 3 anos. Vários observadores já afirmaram que essas Assembléias são como o pulsar do coração da VR. Além de irrigá-la com sangue novo, as Assembléias têm exercido também a função de bússola (dão a direção) e de sensores remotos (captam o que está à frente).

A década abriu com a XII Assembléia Geral, realizada em 1980. A CRB já havia superado sua famosa crise (financeira e de orientação) de 1970-1974. Pe. Marcello Azevedo e a Diretoria Nacional, com apoio unânime dos Provinciais, relançaram a CRB para uma caminhada mais específica, sob o signo de Medellín e de Puebla. A onda secularizante ajudou a retomar, nas condições do Pós-Vaticano, a identidade evangélica e a espiritualidade próprias à VR. A missão da VR era lida e vivida na perspectiva do profetismo e da inserção.

Os Religiosos e Religiosas buscavam redefinir seu lugar social e pastoral, tanto na Igreja quanto no país. A busca de uma nova espiritualidade, o esforço por uma formação mais adaptada à pastoral de conjunto e à vida das Dioceses são pontos salientes da pauta trabalhada pela VR brasileira. A situação do país e a realidade de pobreza levantam com força a questão da libertação entendida em seu sentido pastoral e em seu significado especificamente político. O tema do carisma e da identidade ia sendo vivenciado na prática.

Esse contexto explica o tema escolhido pela XII Assembléia Geral, poucos meses após o fim da Assembléia de Puebla: "Liberar para a Comunhão e participação". Três eram os sub-temas: a Opção Preferencial pelos pobres, a Educação e a VR inserida. Percebe-se facilmente que essa Assembléia foi toda permeada pelos impulsos oriundos de Puebla, primeiro grande evento pastoral do pontificado de João Paulo II.

Três anos mais tarde (1983) é outro o cenário e são outras as preocupações. Sintomaticamente, a XIII Assembléia Geral da CRB se volta para o tema da "Autoridade e Governo na VR", deixando bem claro que os tempos otimistas do Vaticano II já pertenciam ao passado. Ao invés de olhar para o mundo e a missão, a VR olha para si própria, retomando a questão das normas e das instâncias de decisão. Três trabalhos magistrais balizaram dinamicamente o tema árduo em um momento de recessão. "A volta à grande disciplina", de J. B. Libânio, tornou-se um clássico, por sua acuidade analítica e percepção teológico-pastoral. Igualmente preciosos os textos de C. Boff ("Autoridade: dimensão humana e histórica") e de C. Palacio ("Autoridade e Governo: aproximação teológica").

Em 1986, em um movimento diastólico, a CRB consagra sua XIV Assembléia à Dimensão profética da VR no Brasil. O texto da Equipe de Reflexão Teológica ("Os profetas bíblicos interpelam a VR")

foi um sopro regenerador. Chegou no momento exato em que o Brasil experimentava a esperança de uma mobilização capaz de conduzir o país a um novo patamar qualitativo. O texto foi de grande auxílio para a fundamentação e a avaliação da caminhada da VR inserida, cada vez mais articulada com a vida das Igrejas Locais, as pastorais e os movimentos sociais. Também os setores mais estabilizados da VR deixaram sensibilizar-se por essa interpelação.

A última Assembléia Geral da década se deu em 1989. Foi a de número XV. Centrou-se no tema: "Nova Evangelização e Vida Religiosa". O tema nasce das discussões e avaliações em torno do V Centenário da Evangelização da América Latina. Queria propiciar à VR do Brasil uma ocasião para se posicionar ante a Nova Evangelização, à qual o Papa João Paulo II convocava a Igreja da América Latina. As reflexões retomam as "Lições do Passado" (Edênio Valle), a "Perspectiva teológica da Nova Evangelização" (F. Taborda) e os "Desafios e Urgências da Nova Evangelização". Entre os desafios, são destacados cinco: o modelo econômico-político (L. Boff); a Cultura (M. Carmelita Freitas); a discriminação da mulher (D. Brunelli); a comunidade negra (A. A. da Silva) e os meios de comunicação (C. Neotti). Como eixo que engloba e ilumina toda essa complexa problemática pastoral, teológica e espiritual a CRB se propõe, no objetivo geral do triênio: "ser evangelizadora, na perspectiva dos pobres, com novo ardor, novos métodos e nova expressão, segundo a diversidade dos carismas congregacionais". Esse objetivo demonstra claramente a retomada do pólo missionário como elemento dinamizador da caminhada.

2. Temáticas abordadas pelos Cursos, Seminários e publicações

No início da década de 80, a CRB mantinha ainda o costume, depois, abrogado, de organizar grandes Cursos aberto a todos. Os temas eram indicados pela Dire-

toria Nacional e pela Equipe de Teologia. Os três realizados logo no começo dos anos 80 são indicativos do tipo de preocupação teológico-pastoral e formativa existente no seio da VR.

Tiveram grande repercussão os Cursos ministrados por J. B. Libânio sobre "As Grandes Rupturas", depois publicados em livro, sob o mesmo título. Outro Curso que marcou época foi o de Marcello Azevedo a respeito das "Tensões Igreja-Mundo". Edênio Valle, já em 1984, juntamente com A. Moser, abordou a questão (tipicamente "moderna"!) da "Sexualidade, subjetividade e Moral".

Paralelamente, as publicações da CRB, quase todas elaboradas por membros de sua Equipe de Teologia, iam aprofundando temas como o do poder-serviço (C. Boff); do trabalho-inserção (C. Boff e R. I. A. Cunha); da Consciência eclesial (C. Caliman e Carmelita de Freitas); Inculturação (F. Taborda); Libertação da Mulher (D. Brunelli). As questões permanentes da formação e da missão afloram constantemente como tema explícito ou implícito.

Aos poucos surge e se firma o que passaria a ser o ponto forte dos anos 90: a leitura orante da Bíblia, carro-chefe de uma série de estudos e reflexões coladas à prática pastoral, à vida do povo e à experiência de Deus.

3. Outras iniciativas originais dos anos 80

A parte final deste período trouxe algumas novidades importantes para a VR. A CRB, atenta a essas experiências, respondeu com algumas iniciativas que merecem ressaltar.

Em 1º lugar houve a criação do Grupo de Reflexão Bíblica, cujo papel dinamizador começou a ser percebido na medida em que se implantava e difundia o programa de leitura-estudo-oração bíblica, chamado "Tua Palavra é Vida".

Três novos Grupos de Ação e Reflexão demonstram a sensibilidade da VR em relação a questões que a Igreja foi apontando como prioritárias: o JUSSOL (1987) assumiu a coordenação e animação da presença dos Religiosos no campo da justiça, solidariedade, cidadania e defesa da vida. O GRENI (Grupo de Reflexão sobre a Vida Religiosa Negra e Indígena), se encarrega de vitalizar, no seio da VR e na Ação junto à sociedade e à Igreja, a presença afro-brasileira. Finalmente, o GRMC (Grupo de Reflexão sobre a Mulher Consagrada) se dedica a aprofundar todos os aspectos referentes à Mulher na sociedade e na cultura. São 3 áreas que irão potencializar e muito os anos 90 e o próprio século XXI.

II. Tendência da VR e sua repercussão pastoral

O ponto I já acena para alguns dos aspectos mais fundamentais das preocupações e tendências pastorais dos Religiosos e Religiosas do Brasil, assim como essas se manifestam na Conferência dos Religiosos.

1. Realizações conjuntas CNBB-CRB

Em documentos em 1983 ("Relatório das atividades 1980 — 1993"), analisando o processo evolutivo da VR, a própria CRB afirma que com relação à Pastoral da Igreja e aos seus grandes anseios existe entre os Religiosos e Religiosas não só "uma atitude permanente de abertura a um relacionamento franco e cordial", mas também, "uma colaboração empenhativa" manifestada em ações conjuntas que afetam a competência tanto da CNBB quanto da CRB. E o texto enumera:

- A partir do documento da Congregação para o Clero ("Normas diretivas para a colaboração das Igrejas Particulares entre si e para a melhor distribuição do clero no mundo"), as duas Conferências decidiram trabalhar conjuntamente esse tema

fundamental em nossa Igreja. Foi à raiz desse esforço que surgiu o Projeto "Igrejas Irmãs" que revitalizou a solidariedade interna entre as Dioceses brasileiras.

- Outra área de mútua colaboração permanente entre as 2 organizações foi o Setor de Vocações, na linha 1 do Plano de Pastoral Orgânica. Foram muitas as iniciativas comuns, entre as quais o Ano Vocacional (1983) e o Diretório para as Vocações (1984).
- Especial destaque coube à abertura de nossa Igreja ao envio de missionários "ad Gentes", envolvendo o CENFI e as POM.
- As duas Conferências caminharam em fraterna solidariedade no conflitante campo das questões sociais que, com certa frequência, envolvia seja Religiosos (as), seja Presbíteros, Bispos e Leigos.
- Algumas áreas especiais experimentaram avanços significativos. Mencione-se: o ecumenismo, a defesa dos povos indígenas, o trabalho bíblico, as pastorais especiais no campo e na cidade (CPT, PO, Mulher Marginalizada, Menores). Setores tradicionais, como o da educação e saúde, foram retrabalhados desde perspectivas e objetivos novos.

2. Algumas tendências de fundo

Vale a pena, a modo de síntese, elencar algumas tendências (respectivamente, alguns desafios) que começam a tomar corpo e se prolongam pela última década do século.

a. Surge ao longo dos anos 80, certa descrença e afastamento em relação aos **grandes discursos e projetos** (tão típicos de 10 ou 20 anos atrás). Paralelamente ganha força um movimento de busca de alternativas menores, de pequenas práticas concretas que possam ser efetivamente vivenciadas pelas pessoas e pelas comunidades, funcionando como lugares pedagógicos capazes de formar a consciência eclesial e do cidadão. Entram aqui também as

práticas de uma espiritualidade mais vizinha à sensibilidade e ao modo de ser de cada grupo e de cada pessoa. O grande desafio parece residir na conexão dessas experiências e práticas com os grandes temas, os grandes movimentos, as grandes questões que preocupam a Igreja e o Mundo. Há, sem dúvida, o perigo de se cair em um subjetivismo espiritualista que impediria o testemunho profético de vida no mundo real em que vivemos, marcado pela injustiça, pela segregação, pela miséria.

Em termos mais concretos, a questão central pode ser assim formulada: como traduzir, com realismo evangélico, os grandes discursos sobre a libertação, a inserção e a inculturação em uma realidade que descrê das grandes utopias do Reino?

b. A **VR feminina**, de um lado, apresenta alguns indícios de envelhecimento, declínio quantitativo e dúvida. De outro lado, ela ganha força, cresce em consciência, assume papéis e passa a exercer liderança qualitativa dentro e fora da Igreja. É uma mudança que põe em cheque modelos e instituições, atingindo tanto a mulher quanto o homem. Em uma Igreja (uma VR), tradicionalmente masculina, como estabelecer relações de gênero qualitativamente novas? O desafio parece pôr-se com pressão ainda maior ao homem, especialmente aos clérigos. Vale tanto para os relacionamentos dentro quanto fora da Igreja. Trará consigo, ao que tudo indica, fundas mudanças para o todo da Igreja e da VR. Mudanças que afetarão também a vivência subjetiva e inter-subjetiva, a convivência entre os sexos. Muito dessa problemática é ainda latente, mas manifesta-se já de modo expresso.

c. A temática das **culturas** deixou de ser assunto para digressões e observações de campo de antropólogos. A "inculturação", tornou-se um "must" para a VR, tanto na faceta que vem das culturas de resistência, quanto na que decorre da "modernidade", da cultura urbana, dos avanços da tecnologia e da comunicação.

638
C O N C E P T O S

d. Ao mesmo tempo, o **relacionamen- to interpessoal**, a riqueza afetiva, o amadurecimento grupal, vão passando ao 1º plano. A “instituição” precisa tomar consciência da afetividade por ela gerada para estar a serviço das pessoas e das comunidades. A riqueza afetiva é uma pré-condição para que a VR (a instituição e as pessoas) possa confrontar-se com suas raízes e objetivos verdadeiros e com as demandas crescentes que advêm das mudanças em curso.

e. No âmbito mais “de Igreja” a grande necessidade é a de se estabelecer um novo padrão de “**mútuas relações**”. Superando a visão clerical que reduz essas relações ao mundo dos Bispos, Padres, Irmãos e Freiras, o desafio que os anos 80 tornaram mais patente, implica 2 vertentes que se complementam.

No plano interno é pastoralmente urgente sair de uma estrutura bipolar (Bispos x Religiosos) para outra triangular onde o relacionamento entre os ministros ordenados (Padres, Bispos e Diáconos), os Consagrados e os Leigos (Homens e Mu-

lheres) permita no plano externo, um intercâmbio vivo e permanente com o mundo concreto no qual a comunidade cristã deve se encarnar para dar o testemunho da Boa Nova e, no plano interno, um intercâmbio complementar de riquezas, funções e carismas diversos.

f. É daí que começa a tomar corpo, com o jeito de nossa gente, uma autêntica **espiritualidade e mística brasileira**, mais aberta à universalidade e à corresponsabilidade da Igreja Universal. Essa espiritualidade — é o que a VR intui sempre mais, a partir do vivido nos anos 80 — passará necessariamente pelo duplo compromisso que dá o sentido mais pleno da ação evangelizadora da Igreja: o compromisso com a Palavra de Deus que é Jesus Cristo e o compromisso profético com os pobres, nos quais o amor de Deus e seu plano se manifestam preferencialmente. Na travessia (exodal) entre uma e outra espiritualidade, entre um e outro modelo haverá, necessariamente vacilações. Os anos 90 talvez estejam representando o momento decisivo desse trânsito rumo ao Novo.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Na análise do comportamento da V. Religiosa no transcorrer da década de 80 e nesta primeira metade da década de 90, o autor aponta uma série de sinais indicativos: a criatividade de expressão dos carismas congregacionais; um surto missionário que vai além fronteiras; uma redistribuição das forças nas diferentes áreas geográficas brasileiras; planejamento e atuação intercongregacional; os “excluídos” são ponto de referência para decisões e engajamentos, etc. Olhando a história de sua congregação ou província nestes últimos quinze anos, onde parece ter sido mais intensa a participação de seu grupo religioso?
2. Ao longo da década de 80 parece ter surgido certa descrença e afastamento em relação aos grandes discursos e projetos tão típicos de 10

- ou 20 anos atrás. Ganha força um movimento de busca de pequenas práticas concretas que possam ser efetivamente vivenciadas pelas pessoas e pelas comunidades, funcionando como lugares pedagógicos capazes de formar a consciência eclesial e do cidadão. Você sente isto acontecendo no seu espaço diocesano? O que se pode observar na prática?
3. A vida religiosa feminina neste final de milênio apresenta, de um lado, alguns indícios de envelhecimento, declínio quantitativo e dúvida. De outro lado, cresce em consciência, assume papéis e passa a exercer liderança qualitativa dentro e fora da Igreja. Procure observar a existência (ou não) destes fenômenos na área diocesana em que sua congregação e outras trabalham. O que pode ser constatado?

PROJETO DE VIDA COMUNITÁRIA UM INSTRUMENTO DE ANIMAÇÃO E DE AVALIAÇÃO DA COMUNIDADE

Fr. Silvestre Gialdi, OFM cap.*
Caxias do Sul, RS

O Projeto de Vida Comunitária gera uma comunidade com identidade própria, um corpo aberto para a missão, a Igreja, o Instituto Religioso e o mundo. Novo estilo de vida. Novo estilo de relações.

INTRODUÇÃO

Para a Vida Consagrada, a vida comunitária não satisfaz apenas o desejo e a necessidade de convivência, mas obedece também à dimensão teológica da consagração. Portanto, a vida comunitária é fundamental, necessária e essencial à Vida Consagrada como serviço, sinal e testemunho de fraternidade, de convivência, de solidariedade, de santificação e de salvação.

Afirma Sören Aabye Kierkegaard, pensador dinamarquês, que “vive-se em prospectiva e compreende-se em retrospecto”. Justamente estas são as duas dimensões do

Projeto de Vida Comunitária (PVC): um instrumento de animação prospectiva da comunidade e um instrumento de avaliação retrospectiva. É importante saber para onde vai a comunidade e como caminhou. Pois, “a comunidade sem mística não tem alma, mas sem ascese não tem corpo” (CC 23).

A animação e a avaliação da comunidade necessitam de um instrumento ágil, eficaz e eficiente, e necessitam de uma mediação fraterna, caritativa e pastoral: o Projeto de Vida.

1. VIDA COMO DOM E COMUNIDADE COMO GRAÇA

O Projeto de Vida Comunitária diz respeito à vida pessoal e a vida da comunidade, abrangendo as dimensões humanas e cristãs, conforme o carisma, a espiritualidade e a missão de cada Instituto Religioso. A vida é um dom e um serviço, que necessita ser continuamente descoberta, desvelada, revelada e partilhada pelo dinamismo pessoal e pela animação comunitária. A vida é um dom revelado e partilhado, e jamais uma agressão e uma violên-

* O AUTOR: o capuchinho Fr. Silvestre Gialdi é professor da Universidade de Caxias do Sul.

cia. E o serviço passa pela adesão a uma comunidade que tem um projeto comum de vida, de identidade, de espiritualidade e de missão.

A primeira experiência do Projeto de Vida Comunitária é conhecer-se e conhecer a comunidade em profundidade. É revelar-se e identificar-se com a comunidade, com o seu projeto, para que seja vivido, conduzido e desenvolvido, tendo em vista um ideal, buscando fins, tendo justificativas, alcançando objetivos, assumindo prioridades e tendo tarefas comuns e nos diferentes níveis.

1.1. Nível Humano-Corporal

A pessoa humana, em primeira instância, identifica-se e revela-se como homem ou como mulher, em sua corporeidade, sexualidade e personalidade. É a realidade própria da pessoa humana: o seu corpo, as suas expressões físicas, a sua sexualidade, os seus sentimentos, as suas manifestações afetivas, as suas qualidades e potencialidades, o mistério de sua identificação, de suas relações e de sua realização.

O Projeto de Vida Comunitária assume o conhecimento, a revelação, a partilha e o apoio à integridade da pessoa humana a partir de sua realidade pessoal, cultural e social. Neste nível, o PVC deve considerar o jeito de viver, de vestir-se, de alimentar-se, de trabalhar, de divertir-se; o modo de expressar a afetividade, a ternura, a sexualidade; a maneira de vivenciar as relações de poder e de autoridade em cada grupo familiar, social, étnico e cultural. Conseqüentemente, o Projeto de Vida Comunitária não é um instrumento de cerceamento e de nivelamento, mas um instrumento que visa assumir, partilhar e enriquecer a comunidade a partir da realidade humana, social e cultural de cada membro.

1.2. Nível Humano-Cristão

A pessoa humana busca a sua realização na dimensão da fé, assumindo a sua con-

dição de criatura redimida no seguimento a Jesus Cristo pelo testemunho e serviço.

O Projeto de Vida Comunitária objetiva animar a vivência e a partilha da fé, em todas as suas manifestações, expressões e celebrações, como dom, como gratuidade e como graça. É na comunidade que se realiza o projeto da opção e da adesão à proposta de Jesus Cristo, mediante a oração, a meditação, a contemplação e a ascese. E, também, se assume e se concretiza a missão, enquanto anúncio, testemunho e serviço, em obediência e em comunhão com a Igreja, numa realidade local. Porém, a comunidade é a primeira destinatária da missão. Por sua vez, a apostolicidade requer fidelidade à missão específica, conforme o carisma e a espiritualidade de cada Instituto Religioso: enviados pela Igreja, em nome de Deus e com força de Deus.

1.3. Nível do Crisma

A Vida Consagrada assume um modo específico e próprio de ser cristão, como dom revelado ao fundador(a) e vivido genuinamente pela comunidade original.

O Projeto de Vida Comunitária resgata nas fontes a proposta original e genuína da Vida Consagrada: uma espiritualidade própria e um carisma específico. E, concomitantemente, mantém a fidelidade ao homem e ao nosso tempo, fidelidade à Igreja e à sua missão no mundo, fidelidade a Cristo e ao Evangelho.

O Projeto de Vida Comunitária deve contemplar a formação continuada e o cultivo pessoal como elementos indispensáveis para alimentar a fidelidade à consagração e à missão. E necessita envolver, assumir e encarnar o Projeto Pessoal, de cada membro da comunidade, como instância primeira da vida comunitária. Isto significa afirmar que o Projeto de Vida Comunitária envolve o Projeto Pessoal de Vida, e este não quer afirmar interesses individuais. O Projeto de Vida Comunitária-

6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64

ria é fecundado, assumido e fortalecido, pelo Projeto Pessoal de cada membro da comunidade.

2. PREMISSAS DO PROJETO DE VIDA COMUNITÁRIA

A vida comunitária é o elemento constitucional da Vida Consagrada. Portanto, a comunidade religiosa, implicitamente, pelo seu testemunho cotidiano, e explicitamente, pelos seus marcos referenciais, deve apoiar-se em bases sólidas.

2.1. Vida Espiritual

A espiritualidade, alimentada pela oração, meditação e contemplação, centra-se na pessoa de Jesus Cristo, na perspectiva da mística e da missão. O Projeto Comunitário deve evitar a simplificação no sentido de identificar a oração com apostolado e no sentido de afastar a oração da realidade. A vida espiritual é o elemento fecundante da vida pessoal e da vida comunitária.

2.2. Vida Comunitária

Pela consagração, o religioso(a) assume nova identidade: a vida comunitária, conforme a espiritualidade e o carisma de cada Instituto Religioso. Vive-se e convive-se, fraternalmente, na comunidade e pela comunidade é enviado. O Projeto de Vida Comunitária objetiva formar a comunidade como lugar de fraternização: "Para se tornar irmãos e irmãs, é necessário conhecer-se. Para conhecer-se é imprescindível comunicar-se de forma mais ampla e profunda" (CC 29). Ao mesmo tempo, afirma o mesmo documento: "(...) é necessário buscar o justo equilíbrio (...) entre o respeito à pessoa e o bem comum, entre as exigências e as necessidades de cada comunidade. E isso, afastando-se tanto do individualismo desagregante como do comunitarismo nivelante" (ibid. 39).

Acima da organização comunitária das tarefas, responsabilidades, horários e compromissos, é fundamental prever e garantir o apoio comunitário da vida pessoal e fraterna através da partilha, da comunicação de vida, da abertura dialogal, das relações afetivas, da acolhida fraterna, da formação continuada, da revisão de vida e da reconciliação, como Francisco de Assis referia-se à sua comunidade: "Meus irmãos, comecemos a servir o Senhor, porque até agora pouco temos feito"! (LM 14,1; 1C 103). E, também, ajudar a superar divisões e conflitos pela correção e ajuda fraterna, respeitando a pluralidade, a alteridade e a caridade cristã.

2.3. Missão Comunitária

O religioso apresenta-se diante do mundo enviado pela comunidade e em nome do Senhor, para dar testemunho e anunciar o Reino de Deus, alimentado pelo Deus da promessa. Ao mesmo tempo, o religioso é membro da comunidade eclesial, é peregrino no mundo, participa da sociedade e desempenha a missão.

O Projeto de Vida Comunitária privilegia a dimensão comunitária da missão, respeitando as características de cada membro e a natureza da comunidade, em obediência ao projeto original e carismático do Instituto Religioso, atendendo as urgências dos tempos, lugares, situações históricas e culturas, com nova sensibilidade social.

3. NATUREZA E OBJETIVOS DO PROJETO DE VIDA COMUNITÁRIA

A natureza e os objetivos do Projeto de Vida Comunitária se fundamentam no projeto evangélico, interpretado pelo fundador(a) e vivido pela comunidade fundante. E a releitura do carisma frente aos desafios e às urgências dos tempos, lugares e culturas.

3.1. Natureza do Projeto de Vida Comunitária

O Projeto de Vida Comunitária é uma proposta concreta da forma comunitária da vida e da missão, que encarna o estilo original e carismático. Significa atualizar cada dia o modo melhor de viver a proposta do fundador(a). E, ao mesmo tempo, responde às exigências da renovação espiritual e apostólica, através da formação continuada, conforme os documentos da Igreja e dos Institutos Religiosos. O Projeto de Vida Comunitária é uma mediação indispensável de participação e de comunhão com a Igreja, com o Instituto Religioso, com a comunidade e com o mundo. É um instrumento de apoio à vida pessoal inserida na comunidade, através da participação, da co-responsabilidade e da ajuda fraterna.

O Projeto de Vida Comunitária busca resolver e superar o isolamento, o individualismo e o ativismo, através da expressão comunitária da missão e da co-responsabilidade na organização da comunidade, dando-lhe ritmo e equilíbrio de vida entre a espiritualidade, a apostolicidade, a formação continuada, o descanso e o lazer. E a Igreja adverte: "Comunicam-se temas e problemas periféricos, mas raramente se compartilha aquilo que é vital e central no caminho de consagração" (CC 32).

O Projeto de Vida Comunitária traduz a reflexão e o esforço da comunidade frente à vida comunitária e frente à missão, no sentido de atualizar cada dia o projeto original e carismático à luz da fé. Reflete o desenvolvimento, o aprofundamento e a fidelidade da vida consagrada. É um ato fundamental de abertura crítica, participativa e generosa. Alimenta e fortalece as relações fraternas, o testemunho de vida e a missão apostólica. Enriquece as relações de reciprocidade e de co-responsabilidade com os membros da Província, criando vínculos de fraternidade, de pertença, de harmonia, de interdependência, de ajuda mútua e de projetos comuns.

Por fim, a natureza do Projeto de Vida Comunitária envolve a comunhão com Deus Trindade, numa abertura para o processo de santificação, de salvação e de ressurreição em Jesus Cristo. Significa viver o Evangelho e assumir o seguimento a Jesus Cristo, conforme o projeto carismático do fundador(a) e sua comunidade original, na perspectiva dos excluídos.

3.2. Objetivos do Projeto de Vida Comunitária

No Projeto de Vida Comunitária, os membros da comunidade se propõem assumir valores, que são guias de todas as escolhas pessoais e comunitárias. O objetivo final é a realização do projeto global da Vida Consagrada, alicerçada no Evangelho, na doutrina da Igreja e no carisma do fundador(a) do Instituto Religioso. Existem objetivos intermediários, como:

- Promover e assegurar o caminho no seguimento a Jesus Cristo.
- Promover e assegurar a abertura da comunidade frente à releitura do carisma, conforme as exigências da Igreja, dos tempos e culturas.
- Promover e assegurar o crescimento da comunidade em todas as instâncias e circunstâncias.
- Promover e assegurar o discernimento frente aos conflitos e diferenças, através da experiência dialogal.
- Promover e assegurar a apostolicidade, como instância comunitária, como resposta de fé e como expressão de comunhão eclesial.

Evidentemente que esse itinerário exige empenho gradual e vital dos membros da comunidade. Pois, o Projeto de Vida Comunitária é um compromisso da comunidade, assumido na consagração, portanto, deve ser articulado, construído e vivenciado pela comunidade.

4. PONTOS FUNDAMENTAIS DO PROJETO DE VIDA COMUNITÁRIA

Em princípio, o Projeto de Vida Comunitária não se fundamenta no consenso da maioria e nem na prevalência de vontades, mas em pontos de referência primários, em pontos de referência próximos e em pontos de referência particulares.

4.1. Pontos de Referência Primários

Os critérios primários e fundamentais de referência do Projeto de Vida Comunitária são estes:

a) Fidelidade ao Homem e ao nosso Tempo

As transformações econômicas, políticas, sociais, culturais, científicas e tecnológicas exigem da Igreja e da Vida Consagrada uma presença evangelizadora, para ser resposta às esperanças e aspirações, por vezes contrastantes ou conflitivas, contraditórias ou confusas, da pessoa humana. (Cf. RHP 14-15). Entre as transformações, destacam-se os movimentos de emancipação política e social; a reivindicação da liberdade, da autonomia, da realização e dos direitos humanos; a promoção da mulher e das minorias; a explosão das comunicações, da ecologia, do lazer, da estética, do turismo, do consumismo e do hedonismo (Cf. CC4).

b) Fidelidade a Cristo e ao Evangelho

O Caminho da conversão exige fidelidade a Cristo e ao Evangelho, provocando profunda revisão de vida e de valores. É o esforço contínuo de viver a santidade em Cristo, na dimensão pessoal e comunitária, conforme a experiência do Filho de Deus (Cf. LG 44).

c) Fidelidade à Igreja e à Missão

É da natureza da Vida Consagrada ser fiel à Igreja: a consagração “pertence à vida e à santidade da Igreja” (DIVR 8). Continua o mesmo documento: “Os religiosos participam da obra salvífica de Cristo através de serviços concretos, para os quais eles são enviados pela Igreja que aprovou suas constituições”, que devem estar “de acordo com o Evangelho, com a Igreja e com o Instituto” (Op. cit. 24).

O projeto de Vida Comunitária abre o caminho da íntima ligação entre a comunidade e a missão, que se concretiza na inserção na Igreja Particular e suas expressões apostólicas: a paróquia, os movimentos eclesiais, os ambientes populares, as pastorais específicas e as situações de deserto, periferia e fronteira (Cf. CC 60-63).

d) Fidelidade à Vida Consagrada e ao Carisma

O Projeto de Vida Comunitária visa garantir a fidelidade da comunidade à natureza, aos princípios, à finalidade e aos objetivos da Vida Consagrada. E fidelidade ao próprio Instituto Religioso: carisma, espiritualidade e missão. (Cf. MR 11-12; 28-30).

4.2. Pontos de Referência Próximos

O Projeto de Vida Comunitária se fundamenta também em referenciais próximos, como:

- A Regra e as Constituições de cada Instituto Religioso.
- A realidade específica da consagração religiosa.
- O carisma, a espiritualidade e os fins específicos do Instituto.
- As diretrizes e as prioridades propostas pelos documentos da Igreja.
- As orientações específicas do Instituto Religioso.

4.3. Pontos de Referência Particulares

Por fim, o Projeto de Vida Comunitária contempla os referenciais particulares da comunidade religiosa, que são:

a) Viver a Comunidade Real

Os religiosos vivem em comunhão na comunidade local: a fraternidade. Não é uma escolha pessoal, a fraternidade é um dom. Chamados a viver e conviver como irmãos, os religiosos(as) assumem as exigências da vida comum: uma comunidade real e concreta, onde cada membro realiza as expressões da Vida Consagrada: a dimensão humana, espiritual e apostólica. Em outras palavras, na comunidade local, os religiosos realizam a vocação, a consagração, a espiritualidade, o carisma e a missão: uma comunidade que vive e uma comunidade que envia.

“A comunidade religiosa, afirma a Igreja, é a sede e o ambiente natural do processo de crescimento de todos, onde cada um se torna co-responsável pelo crescimento do outro” (CC 43). O pluralismo e as diferenças não devem ser ocasião de conflitos e de divisões, mas de partilha e de enriquecimento.

b) Promover a atualização do Evangelho

A proposta evangélica da Vida Consagrada é concretizada e atualizada pela experiência carismática do fundador e pelas Constituições. O Projeto de Vida Comunitária incorpora, no cotidiano da comunidade, o espírito e os valores do fundador(a) e das Constituições.

c) Crescer na Vocação

Crescer na vocação significa viver plenamente a dignidade humana e suas manifestações, a experiência cristã e suas expressões, e a consagração e suas exigências, enquanto convite para a vivência de

valores transcendentais no seguimento a Jesus Cristo. Por sua vez, o Projeto de Vida Comunitária deve contemplar e favorecer o crescimento e a realização vocacional.

5. CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE VIDA COMUNITÁRIA

O conteúdo programático do Projeto de Vida Comunitária fundamenta a forma e o estilo de vida da comunidade, suas propostas e prioridades, os protagonistas, a realização e a execução.

5.1. Elementos Fundamentais

O ponto de partida para a construção e a elaboração do Projeto de Vida Comunitária é o conteúdo programático e o método operativo, com as linhas norteadoras.

a) Estilo e Forma de Vida Comunitária

É o marco situacional: o ver. O Projeto de vida comunitária é uma mediação que ajuda a fazer crescer a comunidade, partindo de sua realidade e de sua experiência, para discernir os desígnios de Deus a respeito dos membros da comunidade e da comunidade em si mesma: viver e conviver, e não apenas morar e trabalhar em comunidade. O importante é a responsabilidade e a co-responsabilidade: cada membro responde por todos.

b) Fundamentação Doutrinal

É o marco doutrinal: o julgar. O Projeto de Vida Comunitária fundamenta-se em bases teóricas, teológicas e doutrinárias sólidas, como: os escritos do fundador(a), o carisma e a espiritualidade do Instituto Religioso, a doutrina da Igreja e a Palavra de Deus.

c) Inserção no Mundo

É o marco operacional: o agir. A Vida Consagrada não é estranha à realidade do mundo, mas se insere no mundo como testemunho, serviço e anúncio: viver, discernir e interpretar a vida humana à luz do Evangelho. A comunidade religiosa não se limita a constatar os fatos e analisar as tendências, mas viver, conhecer e interpretar tudo à luz da fé. A inserção no mundo requer disposição, ardor e abertura aos novos métodos e aos novos meios de evangelização e pastoral. Não é suficiente ser protagonista da evangelização. É necessário ser evangelizador e articulador de protagonistas.

O marco operacional do Projeto de Vida Comunitária contempla os elementos essenciais da comunidade religiosa: a vida de fraternidade, a vida de oração e a vida apostólica, onde todos os membros da comunidade são protagonistas. Por sua vez, o protagonismo exige liberdade na adesão e responsabilidade na ação: cada membro da comunidade é escutado e envolvido na ação e na vivência comunitária. O ponto de partida é a busca e o discernimento da vontade de Deus, que age na comunidade com sua graça e com o seu espírito.

Por sua vez, o ministro(a) da comunidade desempenha um papel insubstituível na animação e na condução paternal e maternal da comunidade, conforme o ensinamento de Francisco de Assis: "Cada qual ame e alimente a seu irmão como a mãe ama e nutre o seu filho" (1Rg 9, 14). E cabe zelar para que todos os membros participem da comunidade e não apenas observem as normas, e suprir necessidades humanas e fraternas (Cf. CC 47).

6. ELABORAÇÃO DO PROJETO DE VIDA COMUNITÁRIA

O ponto de partida para a elaboração do Projeto de Vida Comunitária é o en-

volvimento da comunidade com uma cuidadosa preparação espiritual, assumindo o compromisso de renovação, crescimento, participação e criatividade. E renovar a consagração, querida por Deus, na Igreja e para o mundo, numa atitude de fé e de co-responsabilidade, de comunicação e comunhão.

6.1. Comunicação e Comunhão

Após a preparação espiritual profunda e comprometida, seguem-se a comunicação dialogal e a comunhão fraterna, com estes passos:

a) Ambiente e Clima

Preparar um ambiente alegre, com posições físicas cômodas e favoráveis, distribuição de tarefas e funções, sem distúrbios e compromissos externos. Possivelmente, reservar um longo tempo (até uma semana) e em local aprazível, silencioso e acolhedor. Internamente, favorecer o clima de pertença, de partilha, de escuta, de comunicação dialogal e de comunhão de vida. Criar um clima de confiança, de transparência, de autenticidade, de esperança e de fraternidade.

b) Comunidade Real

Ato contínuo, revelar situações concretas através de um questionário previamente preparado sobre a própria vida, a vida da comunidade, a realidade da Província e do Instituto Religioso, com estes dados: alegria, satisfação e esperanças; dificuldades, frustrações, sofrimentos, obstáculos e doenças; realizações e serviços; sugestões, desejos, expectativas e observações.

c) Metodologia de Trabalho

Criar um ambiente favorável, livre e espontâneo para perguntas, questionamento, respostas, esclarecimentos. Oportunizar para que todos os membros participem e partilhem. Acolher ponderação, sugestões,

críticas ou elogios. Evitar discussões e conflitos. Superar atitudes de reserva, timidez, desconfiança, agressividade e rebeldia. Ajudar a superar bloqueios, timidez, medo. Por fim, criar ambiente e realizar um momento forte para a reconciliação, ajuda fraterna e ação de graças. Avaliação e diagnóstico.

6.2. Elaboração do Projeto de Vida Comunitária

Após a avaliação através da comunicação de vida, de questionamentos, reconciliação e ação de graças, a comunidade prepara-se para a elaboração do Projeto de Vida Comunitária, com esta ordem:

- Estabelecer objetivos, indicações, atividades e prioridades com as responsabilidades, metodologia e cronograma.
- Descobrir novas metas, desafios, engajamentos e meios adequados.
- Estabelecer políticas e diretrizes ou estratégias para a vivência e a realização das responsabilidades e compromissos assumidos.
- Programar encontros para avaliação, animação e revisão do Projeto de Vida Comunitária (em clima de oração, de revisão de vida, de reconciliação, de esperança, de ação de graças e de festa, inclusive, possibilitar as modificações que se fizerem necessárias).

6.3. Estruturas do Projeto de Vida Comunitária

1) IDENTIFICAÇÃO

- a) Instituto Religioso
- b) Comunidades

2) MARCO SITUACIONAL

- a) Oração
- b) Questionário
 - Como me sinto atualmente em relação a mim mesmo e à comunidade?

- Como foi a minha vida na família, no processo formativo e na Vida Consagrada? Na infância, adolescência e vida adulta?
- Quais as alegrias, satisfações e realizações?
- Quais as frustrações, sofrimentos, obstáculos, doenças?
- Dificuldades no estudo, na vida fraterna, nas relações com autoridades, na profissão, na consagração?
- Sugestões, mudanças, observações, expectativas, desejos.

c) Metodologia

- Ambiente favorável e posição cômoda, se possível, em grupo.
- Ler, meditar e partilhar: 1 Cor 12, 26; Lc 10, 36-37.
- Partilhar o questionário acima, de forma espontânea e livre.
- Favorecer e oportunizar perguntas e esclarecimentos.
- Evitar ofensas, desconfianças ou agressividade.
- Ajudar a superar bloqueios, timidez ou medos.
- Anotar as sugestões, observações, expectativas e desejos.
- Concluir com a leitura e partilha: Jo 13, 12-15; Col 3, 12-15.

d) Avaliação e Diagnóstico

- Em grupo, fazer o diagnóstico da comunidade: dificuldades, carências, necessidades, observações e desejos, propostas.
- Plenário para debater a avaliação e as propostas.

3) MARCO DOUTRINAL

- a) Fundamentação: base teórica, teológica e doutrinal.
- b) Escolher textos: Bíblia, fundador(a); doutrina da Igreja.

4) MARCO OPERACIONAL

Em clima de oração. Ler, meditar e partilhar: Lc 11, 9-13.

- Formular o objetivo geral e os objetivos específicos (para quê?).
- Eleger Projetos.
- Apontar Atividades.
- Escolher Prioridades.
- Estabelecer Políticas e Diretrizes ou Estratégias ou Indicações.
- Indicar a Metodologia (como, onde, com quê?).
- Estabelecer o Cronograma (quando e com quanto?).
- Assumir as Responsabilidades (quem?) sobre estes aspectos:
 - a) Vida Comunitária: horário, organização, cronograma, celebrações, atividades, reuniões, lazer, festas, aniversário, etc..
 - b) Vida Fraterna: relações interpessoais (acolhida, integração, comunicação), iniciativas, pontos fortes, deficiências, desafios, testemunhos, ambiente fraterno, etc..
 - c) Vida Apostólica: características do Instituto Religioso e da comunidade. Carisma apostólico. Inserção na Igreja Local, nos movimentos populares, assessorias, pastorais específicas, projetos comuns, ministérios específicos, atividades, situações de deserto, periferia e fronteira.

5) REVISÃO DO PROJETO COMUNITÁRIO

- a) Local e data.
- b) Preparar um questionário.
- c) Clima de oração, de celebração, de revisão e de ação de graças.
 - Ambiente Preparado.
 - Acolhida favorável e fraterna.

— Oração celebrativa e penitencial: Tg 5, 16; Sl 50.

— Revisão de Vida.

— Revisão global do Projeto de Vida Comunitária.

— Projetos para modificar.

— Projetos novos.

— Orientações novas.

— Celebração da Vida Comunitária e Ação de Graças.

— Confraternização.

Local:

Data:

Ministro(a) da Comunidade:

Membros da Comunidade:

7. PROPOSTA FRANCISCANA DE VIDA

O Projeto de Vida Comunitária, na proposta franciscana, parte da realidade e propõe um forma nova e um estilo novo de vida. É mais o coração e não tanto a razão que determina o percurso: um projeto de vida mais de intencionalidade do que de racionalidade: auscultar o coração antes de raciocinar. É a primazia da vontade e da intencionalidade sobre a logicidade e a racionalidade. O Projeto de Vida Comunitária, na perspectiva franciscana, segue mais os impulsos do coração do que a lógica da razão, iluminado por quatro coordenadas.

7.1. Seguimento das Pegadas de Jesus Cristo Pobre, Humilde e Crucificado

São Francisco de Assis é muito claro a respeito do seguimento a Jesus Cristo: "A Regra e a vida destes irmãos é esta: viver em obediência, em castidade e sem propriedade; e seguir a doutrina e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo (...)" (1Rg 1, 1). Na Regra Bulada sustenta o mesmo

princípio: "A Regra e a vida dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Rg 1, 1). Em outro texto admoesta: "Por nossa vez, desde que abandonamos o mundo outra coisa não temos a fazer senão empenhar-nos em seguir a vontade de Deus e agradar a Ele" (1Rg 22, 9). Por fim, orienta: "Todos os irmãos se esforcem por imitar a humildade e a pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Op. cit. 9, 1).

O elemento central do seguimento a Jesus Cristo é a sua encarnação: as pegadas de Jesus do presépio à cruz. Esta é a forma de adesão e de conversão proposta por Francisco de Assis: "Cuidar dos irmãos, onde quer que estejam (...), de não apropriar-se de qualquer lugar e nem de disputá-lo a outrem. E todos aqueles que deles se acercar, seja amigo ou adversário, ladrão ou bandido, recebam-no com bondade" (Op. cit. 7, 12-13). Ele mesmo deu o exemplo: "Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para os leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo" (Test 1, 1-3).

A proposta franciscana de seguimento a Jesus Cristo é concreta e prática, na dimensão pessoal e na dimensão comunitária. Pois, o Projeto Comunitário e o Projeto Pessoal devem garantir concretamente a vivência e a prática do seguimento a Jesus Cristo pobre, humilde e crucificado, do presépio à cruz.

7.2. Vida Fraternal

A fraternidade, mais do que lugar de convivência e de domínio, designa o modo de vida: todos são irmãos ou irmãs, embora níveis diferenciados de engajamento, de responsabilidade, de serviços e de ministé-

rios. É a vida fraterna, partilhada e democrática.

Através dos Capítulos das Esteiras, os frades partilhavam sua vida e suas experiências; traziam novos desafios, debatiam, decidiam e tomavam posições: avaliar e decidir comunitariamente. Cf. TNf (Jacques de Vitry). A fraternidade é o elemento determinante e decisivo para a forma de vida franciscana. As propostas são refletidas, partilhadas, vividas e assumidas pela comunidade. Os projetos pessoais passam pela escuta e pelo discernimento da comunidade, inclusive, as despesas e as orientações. A fraternidade é a instância primeira na forma de vida franciscana.

7.3. Vida Minorítica

A terceira coordenada da proposta franciscana é viver, fraternalmente, a minoridade, que tem abrangência interior e exterior. A vivência da minoridade interior envolve o espírito, a conversão, o despojamento, a disponibilidade, o serviço. Por sua vez, a experiência exterior se traduz no engajamento apostólico e no envolvimento social: identifica-se com os "menores" da sociedade. A minoridade gera satisfação e alegria, conforme a previsão de São Francisco: "E (os irmãos) devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos e leprosos e mendigos de rua" (1Rg 9, 3). Inclusive, recomenda a inserção no mundo do trabalho: "Os irmãos que forem capazes de trabalhar, trabalhem" (Op. cit. 7,4).

É pela divisão do trabalho que hoje se concebe a divisão social. Francisco de Assis, pela valorização do trabalho, elaborou um conceito novo para a sociedade feudal, dividida em aristocratas e vassalos: estar junto aos "menores", partilhar de suas experiências, e com eles lutar. A minoridade é uma proposta concreta de identificação e de inculturação com a parte inferior da história, os excluídos.

B
I
B
L
I
O
T
E
C
A
N
A
D
E
C
I
T
A
D
O

7.4. Vida Apostólica

A vida apostólica, hoje, requer a evangelização dos protagonistas da sociedade, pelo testemunho e pela palavra. O testemunho se identifica com o despojamento da "apropriação" em todos os níveis: bens, saber, posses, honras, poder. Pois, para a proposta franciscana de vida, "apropriar-se" é a raiz que "desumaniza ricos e pobres". São Francisco salienta: "Bem-aventurado o servo (frade) que entrega todos os seus bens ao Senhor seu Deus; porquanto, quem para si retém alguma coisa, esconde o dinheiro do seu amo" (Adm 19, 1).

Na vida apostólica franciscana identificam-se, claramente, dois espíritos: a sabedoria do mundo e a sabedoria de Deus (Cf. 2Rg 3, 10-12; 1Rg 16, 6-10). Isto implica um ação, uma adesão e um engajamento apostólico com clara situação de minoridade, que se identifica com as condições de deserto, periferia e fronteira. Portanto, a vida apostólica franciscana implica testemunho e serviço na defesa da vida e da integridade da criação. E implica testemunho e vivência da fraternidade universal e cósmica: a fraternidade com toda a criação, com os seres e entes, com as pessoas e as coisas.

O Projeto de Vida Comunitária, na proposta franciscana, se identifica com a experiência dos apóstolos e com a experiência dos primeiros cristãos, como atesta Jacques de Vitry: "Estes (os frades) vivem de acordo com a forma de vida da Igreja primitiva". E acrescenta: "E o motivo é que imitam simplesmente a forma de vida da Igreja primitiva e a vida dos apóstolos em tudo" (FNf, Jacques de Vitry).

As Fontes Franciscanas, as Constituições e os documentos da Igreja constituem as fontes iluminadoras do Projeto de Vida Comunitária para a família franciscana. E a realidade social, histórica e cultural são os elementos de confronto, de testemunho e de engajamento.

CONCLUSÃO

A dimensão pessoal e a dimensão comunitária são consideradas fundamentais, complementares e intrinsecamente harmônicas. É necessário valorizar e promover a pessoa humana na sua alteridade original, participativa, criativa e crítica. Superar a tentativa do nivelamento e a tentação do isolamento, do anonimato e do subjetivismo. É importante que haja a elaboração do Projeto Pessoal de Vida em comunhão com o Projeto de Vida Comunitária. Pois, favorecer a realização pessoal, a satisfação da vida e a alegria de viver em comunidade. O Projeto Pessoal de Vida envolve a comunhão dos dons e da vida, na liberdade de espírito e na caridade fraterna. E requer a atitude de fé viva na Trindade, comprometida na prática cotidiana, através da experiência de vida e de engajamento comunitário e apostólico, segundo as características e o carisma do Instituto Religioso.

Por sua vez, o Projeto de Vida Comunitária é um instrumento de animação, de subsidiariedade e de co-responsabilidade. Não é mais uma estrutura, mas uma mediação para programar, conduzir e animar a vida fraterna e a prática apostólica, com fidelidade, eficiência e eficácia. O Projeto de Vida Comunitária não é uma lei ou uma norma, mas uma realidade acolhida, vivida e partilhada na fé. Atinge a vida e não apenas as atividades, a pessoa e não apenas a estrutura. Valoriza a experiência original carismática e não apenas a instituição. Incentiva o engajamento, a participação, o envolvimento, a renovação, a criatividade, a conversão e a reconciliação. Ajuda o desenvolvimento humano, afetivo, vocacional, eclesial e espiritual. Favorecer o conhecimento profundo dos irmãos ou das irmãs. Estimula a confiança, a comunicação e o apoio fraterno. Supera conflitos, tensões, divergências e ambigüidades. Privilegia a transparência, a autenticidade, a partilha, a doação, o serviço fraterno, a compaixão e a ternura.

O Projeto de Vida Comunitária confirma a vida fraterna como prioridade e o ministro(a) como animador da co-responsabilidade comunitária. Incentivar a abertura para novos desafios, com sensibilidade social, cultural e eclesial. Por fim, ajuda a comunidade a fortalecer a opção fundamental e apaixonante por Jesus Cristo. Promove o sentido e o espírito de comunidade e de co-responsabilidade pelas pessoas, pelo ambiente, pelas situações, pelos trabalhos, pelas tarefas e compromissos. Impulsiona a vida de amor, de alegria e de estima. Favorece o encontro pessoal com o outro, a descoberta do outro e a compreensão do outro. Fortalece a solidariedade no sofrimento, nas tribulações, na doença e na velhice. Cria ambiente favorável para a convivência, para a reconciliação e para a renovação contínua da vida.

Em síntese, o Projeto de Vida Comunitária gera uma comunidade com identidade própria, um corpo aberto para a alteridade e para a missão, e comunhão com a Igreja, com o Instituto Religioso e com o mundo. É um novo estilo de vida que provoca um novo estilo de relações.

BIBLIOGRAFIA

1. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. A vida fraterna em comunidade. São Paulo: Paulinas, 1994.
2. CROCOLI, Aldir. Projeto de Vida. Pax et Bonum. Caxias do Sul, ano XL, n. 145, p. 34-40, set. 1992.
3. GIALDI, Silvestre. Vida Consagrada: renovación o fragmentación. Cuadernos Franciscanos. Santiago de Chile, v. 29, n. 111, p. 131-141, julho./set. 1995.
4. GUSMÁN, Basilio Rueda. Projeto comunitário. Teresópolis: EMIR, 1978.
5. PROVÍNCIA SAN FRANCESCO D'ASSISI. Progetto de vita comunitária. Pálese, [1992]. Polígrafo.
6. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RELIGIOSOS. Religiosos e promoção humana. São Paulo: Paulinas, 1981.
7. _____. Dimensão contemplativa da Vida Religiosa. São Paulo: Paulinas, 1981.
8. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES. A doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa. São Paulo: Paulinas, 1993.
9. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS E PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES. Relações entre Bispos e Religiosos na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1978.
10. SILVEIRA, Ildfonso (Org.). São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis: Vozes, 1981.
11. SÍNODO DOS BISPOS IX ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA. A Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. Lineamenta. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1993.

ABREVIACÕES

- Adm** - Admoestação de São Francisco de Assis
CC - Vida fraterna em comunidade
DIVR - Doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa
LG - Lumen Gentium
LM - Legenda maior de São Boaventura
MR - Mutae Relationes
RHP - Promoção religiosa e humana
Test - Testamento de São Francisco de Assis
Thf - Testemunhas não-franciscanas do século XIII
IC - Tomas de Celano: primeira vida de São Francisco de Assis
1Rg - Regra não-bulada de São Francisco de Assis
2Rg - Regra bulada de São Francisco de Assis

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. O Projeto da Vida Comunitária objetiva animar a vivência e a partilha da fé em todas as suas manifestações, expressões e celebrações, como dons, como gratuidade e como graça. É na comunidade que se realiza o projeto da opção e da adesão à proposta de Jesus Cristo, mediante a oração, a meditação, a contemplação e a ascese. Verifique se estas afirmações do autor do artigo são promovidas na prática de sua comunidade pelo projeto de vida que vocês têm.
2. Para se tornar irmãos e irmãs é necessário conhecer-se. Para conhecer-se é imprescindível comunicar-se de forma a mais ampla e profunda. Ao mesmo tempo é necessário buscar o justo equilíbrio entre o respeito à pessoa e o bem comum, entre as exigências e as necessidades de cada um e as da comunidade, entre os carismas pessoais e o projeto apostólico da comunidade. É isso afastando-se tanto do individualismo desagregante como do comunitarismo nivelante. Como esse equilíbrio é buscado por sua comunidade religiosa concreta? O que está bem e o que poderia ser melhorado?
3. A religiosa e o religioso apresentam-se diante do mundo enviados pela comunidade e em nome do Senhor para dar testemunho e anunciar o Reino de Deus. O Projeto de Vida Comunitária situa-se nesse quadro em obediência ao projeto original e carismático do Instituto religioso. Quais são os sinais próprios do carisma de sua Congregação que estão presentes no projeto comunitário do seu grupo?

O SEXO É CASTO

Pe. Victoriano Baquero, SJ*
Brasília, DF

O sexo nos revela o ser, o agir e o sentir divinos. Ele é a "imagem de Deus". No seu amor sexuado, veja o amor de Deus e reconheça: Deus agiu com sabedoria ao criar-nos assim.

1. INTRODUÇÃO

Difícil é falar das pulsões humanas. Muito mais, sobre a pulsão sexual. Vários fatores aumentam a dificuldade, especialmente na nossa cultura embebida de intensa publicidade pornográfica. Além do mais, falou-se tanto, e com tanta ênfase, que a castidade (celibato) é uma aberração cristã, que se torna embaraçoso falar sobre o assunto. Assim como as expressões "cafona", "piegas", "medieval", levam consigo grande força psicológica inibidora de atitudes nobres, do mesmo modo, as expressões "mito sexual", "aberração católica", "alienação religiosa", etc., relativas ao celibato cristão, tornam quase heróico falar contra essas expressões que possuem elevado teor anestésico da coragem daqueles que optaram pela vida de continência e que, por influência do ambiente publicitário, experimentam vergonha em manifestar que vivem e como vivem essa castidade tão desfigurada por profissionais

da anarquia sexual. É, também, difícil falar da castidade porque é algo muito íntimo e as pessoas têm certo pudor em despir-se, diante deste mundo *sexualizado*, para provar que se pode e se deve viver a castidade cristã exigida pelo Reino, sob pena de não entrar nele, nem nesta e nem na outra vida. Tentarei expor-me para que as pessoas que desejam ser castas possam descobrir que é possível viver a castidade. Sobretudo, porque existem muitas pessoas que, de fato, a estão vivendo. Será um exercício de desmitificação da mentalidade reinante na nossa sociedade. Ela afirma: "O sexo precisa ser desmitificado". Pois, iniciemos essa desmitificação!

2. DESMITIFICAÇÃO DO SEXO

Não pretendo fazer uma exposição dos processos da libido freudiana. A prática nos mostra que isso, na realidade, não resolve o problema da sexualidade. Se a psicanálise fosse a resposta acertada não existiriam mais problemas na pulsão libidinal. O mundo atual fornece farto material em contra. O sexo se tornou o deus do mundo presente e, nem por isso, é mais feliz; pelo contrário, a exacerbação libidinal está alimentando as mais diversas formas de frustração sexual do mundo moderno. As clínicas psicológicas que o digam. Se pudéssemos ouvir o que se narra nos divãs da análise descobriríamos que o sexo não traz a felicidade apregoada nas telas de televisão e que o Reino da felicidade está, real-

* O AUTOR: o jesuíta Pe. Victoriano Baquero, SJ trabalha no Centro Cultural de Brasília, orienta retiros e tem vários textos publicados.

mente, na continência evangélica apresentada pelo cristianismo.

2.1. FENOMENOLOGIA ESPECÍFICA DO SEXO

Ofereço, por necessidade pedagógica, a exposição serena de Viktor Frankl ao tratar da fenomenologia (manifestação) da sexualidade. O autor apresenta três fases:

2.1.1. FASE DA CORPORALIDADE

A sexualidade é a capa primitiva em que a aparência física (corpórea) da pessoa emite estimulações específicas sexuais desencadeando, no outro, sexualmente predisposto, uma resposta que o afeta na sua corporalidade e, concretamente, na genitalidade. Esta fase corresponde, segundo Lersch, à camada da vitalidade.

2.1.2. FASE DA EROTICIDADE

Capa superior à corporalidade que, Frankl, denomina de erótica. Há, nela, algo mais do que um desejo apenas genital. Implica numa atitude (não só impulso) que não se fixa somente na corporalidade, mas que salta para o fundo do tecido anímico. Forma a atitude que identifica a "paixão dos namorados". As qualidades corpóreas excitam as funções da genitalidade, mas as qualidades anímicas (psíquicas) do namorado (a) excitam, nos parceiros, o mundo anímico. Os namorados não estão estimulados, apenas, pelos valores corporais, mas são comovidos pela beleza anímica. Comovido pela psique da outra pessoa que possui certos traços característicos. A atitude sexual tem, como meta, a genitalidade. A atitude erótica orienta-se para o psiquismo, mesmo que não chegue ao cerne mais profundo da pessoa.

2.1.3. FASE AGAPETÔNICA

O terceiro patamar da vivência libidinosa, que é a mais evoluída da libido, (se-

xo) é o amor. Representa o nível mais profundo na estrutura da outra parte: o companheiro. Consiste numa relação com o parceiro em nível de espiritualidade (transcendência) onde se dá a mais alta forma, possível de companheirismo. Quem ama desta forma nem sente excitação corpórea e nem a paixão da emocionalidade, antes se acha tocado no mais fundo do seu espírito. Tocado pelo portador da corporalidade e do anímico do outro, pelo seu cerne pessoal. Amor é a atitude que se relaciona diretamente com o espírito da pessoa, do ser amado no que ela tem de exclusivo (específico), "caráter de unicidade e irrepetibilidade". Por trás das aparências corpóreas e anímicas se amoita a espiritualidade da pessoa, o irrepetível e único do ser humano. É a roupagem externa da beleza interna da pessoa. O que ama de verdade é como se visse através das roupas sociais e anímicas, o tesouro oculto da espiritualidade pessoal. É o terceiro degrau da pessoa humana que constitui o específico e genuíno do ser humano enquanto incompatível e insubstituível¹.

2.2. EDUCAÇÃO DA LIBIDO (PULSÃO SEXUAL)

Que a libido mexa com a afetividade humana é mais do que evidente. Nem eu pretendo provar o óbvio. O que nos interessa é descobrir vias para chegarmos ao amadurecimento desta maravilhosa força que se revela, no seu ápice, como afirma Frankl, no terceiro estágio agapetônico. Mas, segundo o figurino atual, parece ser que o nível da genitalidade ganhou o primeiro lugar nesta luta da libido. Existem caminhos válidos que, tendo em consideração essa força avassaladora, levem o homem a uma realização adequada dela sem as repressões e sem as concessões do mundo passado, e presente? Creio que sim. É possível viver-se a sexualidade humana de modo satisfatório evitando as deformações da anarquia e da repressão sexual. Este

é o árduo trabalho do educador cristão da atualidade. E, neste problema como outros, temos de partir dos fatos que são os pontos de partida para encontrar soluções aos problemas presentes.

2.3. É POSSÍVEL VIVER-SE A CASTIDADE NESTE MUNDO POLUÍDO PELO SEXO

“Contra os fatos não valem argumentos”. Assim reza o adágio latino que continua válido para as ciências modernas. Palmilho o mesmo trilho de Eugene Gendlin² ao propor uma nova forma de psicoterapia, partindo do fato de que: “existem pessoas problematizadas que se curam e outras que não se curam”. É um fato comprovado. Mais ainda, ele afirma que se podem distinguir as pessoas problematizadas que conseguirão a cura daquelas que não conseguirão, inclusive, antes de entrarem na clínica. Aquelas fazem coisas (percorrem trilhos) que as outras não têm capacidade de fazer, mas estudando as pessoas que se curam poderemos identificar o que e como o fazem. Estudando aqueles, podemos ajudar estes, menos afortunados. O que eles fazem? É a pergunta de Gendlin. Pois, apliquemos este mesmo princípio às pessoas que vivem, de fato, a castidade. Estudemos essas pessoas para descobrirmos como vivem, neste mundo impregnado de genitalidade, a castidade, para que possamos ensinar esses modos adequados, àqueles que, por si, não conseguem superar a força compressor da sexualidade, reinante no mundo atual.

2.4. IDENTIFICAR OS CASOS DE FIDELIDADE CELIBATÁRIA

Somente resgatando casos concretos de celibatários é que poderemos enfrentar essa onda devastadora da publicidade dos meios de comunicação em massa. É tarefa, tanto dos educadores como dos psicólogos, identificar as pessoas de comportamento casto para descobrir, nelas, as Variáveis Inde-

pendentes que as levam a conseguirem a Variável Dependente da continência. O que fazem, como vivem estas pessoas, que recursos psicológicos utilizam para conseguir viver puros num mundo cheio de odores libidinosos? Descobrir o que estas pessoas fazem poderemos ensiná-lo àqueles que desejam viver a castidade cristã. Tem de existir modos adequados de se viver a castidade pelo Reino sem os conflitos e traumas do presente. O contrário, deporia brutalmente contra a providência do autor do sexo: Deus. Seria uma tremenda falha do Criador do Universo num assunto tão grave. Isso não é aceitável.

2.5. FORMAÇÃO SEXUAL-AFETIVA DO CRISTÃO

Todo ser humano precisa ser educado e treinado na canalização das pulsões, em geral, e, na pulsão sexual, em particular. O celibato religioso sem uma boa formação psicopedagógica desta pulsão sexual constitui uma quimera e uma fonte segura de conflitos posteriores. A Vida Religiosa está percebendo, hoje, mais do que nunca, esta necessidade. Como se manifesta esse impacto?

2.5.1. DÚVIDAS SOBRE A POSSIBILIDADE DO CELIBATO

A vida cristã e Religiosa se apresenta aos seus membros (candidatos) como um ideal exultante, mas essa exaltação murcha logo que os candidatos começam a sentir a atração pelo fascínio do sexo oposto. Isto é bom, pois o contrário seria até motivo de suspeitas. É, nestes movimentos, que a vida afetiva do candidato ou professo religioso começa a cambalear e entrar nas áreas dos sentimentos negativos que enfraquecem a motivação de palmilhar o trilho da castidade. O candidato sofre antes de abandonar o ideal celibatário e sofre depois de o ter abandonado. A gama dos efeitos vai desde o estado permanente de insatisfação com a vida, tristeza habitu-

al que invade o agir do religioso, atitudes repressivas que reforçam recalques desintegradores da personalidade, regressões favorecendo desvios afetivos que tanto infernizam a vida dos consagrados.

As caricaturas veiculadas pela literatura picaresca sobre celibatários, como apreensivos, tristonhos, acabrunhados são, frequentemente, fruto de uma vida sexual mal orientada e, certamente, reprimida. Os méritos alcançados diante de Deus, nessas neuroses, não os devemos subestimar, mas que Deus queira essa deformação afetiva é inadmissível, mesmo que seja permitida. Por isso urge estudar casos de pessoas concretas consagradas que viveram, vivem e viverão a castidade livremente por causa do Reino, porque isso nos levará a descobrir os caminhos individualizados que podem ser adotados por outras pessoas, especialmente por aquelas que optaram pelo celibato e não sabem como fazê-lo.

2.5.2. SUPERAÇÃO DOS PRECONCEITOS

Em primeiro lugar, é urgente eliminar o preconceito maniqueísta existente, em nós, reforçado pelas expressões “instintivo”, “sexo”, “libido”, etc.. Estas expressões estão eivadas de maniqueísmo prático³. A mesma expressão freudiana de libido está impregnada de conotação negativista. Temos de enxugar a terminologia pulsional dessa tendência pessimista. Assim como Deus, ao perdoar os pecados, afirma que “passa o hissopo e nos deixa brancos como a neve”, de modo semelhante temos que desinfetar a nossa terminologia mental relacionada com a vida instintiva para percebê-la, doravante, branca como a neve. Dá a impressão, lendo certos autores, que a nossa vida pulsional tem uma causa criadora maléfica distinta da força benéfica de Deus. Como se Deus tivesse somente criado o lado positivo, liberdade, vontade, inteligência, etc. e os instintos teriam uma outra fonte de existência. Isso

significa que precisamos mudar os “slides” mentais para que os sentimentos relacionados com as forças pulsionais sejam, também, de caráter positivo.

3. O CRIACIONISMO BÍBLICO É OTIMISTA

Pois, o Deus que criou o homem todo à sua “imagem e semelhança”, é o mesmo que criou a libido (sexo). Esta é tão boa, pela origem, como o todo que forma o ser humano. Deus declarou, na alvorada da criação, que tudo quanto criara era bom. Por que, então, teimar em considerar o sexo como algo ruim e algo inferior? Pois, o chamar os instintos de “animalescos e inferiores” é uma forma de preconceito que precisamos esterilizar. Eles também são “bons”.

3.1. A LIBIDO É IMAGEM DE DEUS

Apelo novamente ao princípio (lei) biológico de que as “propriedades do todo são as mesmas propriedades das partes”. Esta lei biológica (psicológica) universal pode e deve ser aplicada ao homem, por analogia, como sendo “imagem de Deus”. Se o homem todo é imagem de Deus, também as partes (libido) são imagens dEle. Por outra parte, acontece que o princípio (lei) bíblico parece vigorar somente na região do abstracionismo e que não desceu à região da prática. Afirma-se, com ênfase retórica, que o homem é imagem de Deus, contudo, conheço magras aplicações psicopedagógicas (terapêuticas) que venham a se traduzir (operacionalizar) em recursos práticos que influam no comportamento sexual sadio do homem. Uma das grandes diferenças que encontro (lecionei anos a fio, Sistemas e Teorias em Psicologia) entre os teóricos leigos e religiosos é que aqueles elaboram teorias antropológicas, e logo se debruçam sobre elas para construir caminhos pedagógicos e terapêuticos que venham ajudar o homem a superar as difi-

culdades e conflitos da vida. Isso não acontece com os grandes teóricos (antropólogos, filósofos escolásticos) que ficaram, apenas, no terreno do especulativo e não tentaram aplicar suas teorias à fragilidade humana. Nem posso imaginar o que teriam feito Freud, Adler, Karen Horney, etc. se tivessem tido uma antropologia sólida como a tomista na sua cabeça. Pois essa psicoterapia precisa ser elaborada, mesmo que fracasse em suas tentativas primeiras. É louvável a pretensão de Antônio Meneghetti⁴. Não duvido que este autor traga novas perspectivas à psicologia atual, ferrenhamente reducionista, pois sua visão é abertamente globista e transcendental, mesmo sem esquecer os valores das psicologias reducionistas.

3.2. ALÉM DO SENTIDO DA VIDA

A psicoterapia de Frankl vai além do reducionismo de Freud, Adler, Skinner e outros psicólogos, pois a teoria antropológica da "imagem e semelhança de Deus" confirma e ultrapassa, ainda, a teoria do "sentido da vida" de Viktor Frankl. Além do mais, descobre o lado otimista das pulsões contra a visão vesga e angustiante das antropologias reducionistas presentes. Sem dúvida que aqui está uma das razões da freqüente frustração das atuais escolas terapêuticas em atingir a cura dos clientes. O modelo reducionista, por si, é violento. O reducionismo é uma espécie de catasta (utensílio de tortura dos primeiros cristãos) que obriga o todo a se reduzir (encolher) dentro dos moldes de uma parte. E querer meter todo o homem numa das suas partes é um dos maiores artifícios inventados pelo reducionismo psicológico para torturar o ser humano. Também o reducionismo é uma catasta torturadora do homem ao pretender reduzi-lo ao espaço de uma de suas partes. Muitos modelos atuais psicoterapêuticos teimam em trabalhar sobre tipos antropológicos nascidos dos porões negativistas e niilistas do homem anormal

e não do homem todo, o normal. O que pretendo apresentar é algo novo, porque nunca ouvi ou li algo semelhante em autor algum. Mas, o que posso afirmar, de antemão, é que a visão antropológica bíblica do homem "imagem de Deus", traduzida em miúdos (operacionalizada) foi para mim uma verdadeira revelação como potencialidade psicoterapêutica. Pela experiência pessoal e pela observação em mais de 5000 pessoas que fizeram Exercícios Espirituais comigo, (durante oito anos orientei Retiros Espirituais) descobri o poder de tal realidade bíblica para demover condutas neurotizantes e anormatizadoras. E essa descoberta me levou a ver que não só havia mudanças de comportamento, mas que as pessoas se tornavam libertas e libertadoras. Creio ser isso o que, na realidade, busca a verdadeira psicopedagogia: ajustar e libertar.

3.3. IMAGEM DE DEUS NO SER, NO AGIR E NO SENTIR

E como atingir esse ajustamento libertador? (Necessariamente, tudo quanto pretendo dizer, terá o cunho pessoal e não escondo, ao leitor, que certo sentimento de pudor me invade o psiquismo, pois isso me obriga, de certo modo, a despir-me, diante do leitor, para descrever a experiência e recursos que me levaram a ser liberto com relação aos movimentos pulsionais da libido (sexo). Decido-me a colocar, abertamente, minha experiência pela convicção de que muitas outras pessoas vão se beneficiar de minha caminhada.)

Se o homem é, imagem de Deus no seu ser, no seu agir e no seu sentir, a libertação real consistirá em descobrir "como age", de fato, essa imagem de Deus no meu ser, no meu agir e no meu sentir. O prazer sexual é, sem dúvida, um dos mais agradáveis de todos os prazeres que o homem pode experimentar sobre a terra. No ápice do prazer sexual dá-se o orgasmo da felicidade. Este dinamismo leva, por

si, diretamente, ao contato físico das pessoas estimuladas e, de tal modo delicia a união das pessoas que força os corpos dos parceiros a penetrar um no espaço corporal do outro, realizando a união dos corpos no ato sexual. O sexo, por si mesmo, levaria à compenetração, não só corporal, mas também de todo ser humano, para formar de duas uma só pessoa (Gn 2, 24). Quando se dá essa união intencional surge o máximo de prazer, explodindo no orgasmo terminal. Dele, geralmente, nasce o futuro da união, o filho. Este, de certo modo, é a continuação do amor entre os parceiros. Pois, tudo isto é, nada mais e nada menos, do que a vivência concreta e imediata da afirmação de sermos "imagens de Deus". A Bíblia fala do domínio humano sobre as coisas criadas, porém, ele é uma das inúmeras formas de sermos "imagem de Deus", mas não é a única. Também, no dinamismo sexual, somos "imagens dEle". Quem foi que nos fez sexuados? Nós mesmos? Não. Pois, padecemos seus efeitos desde que nos sentimos pessoas. E nem podemos eliminá-lo, mesmo querendo. Nossos pais? Nem sabiam o que faziam quando nos geraram. Foi Deus que colocou em nós essa força e, conseqüentemente, é boa, porque imagem dEle. E se é imagem dEle, como pode chegar a ser o nosso pior carrasco? Desta fonte humana de prazer intenso, como surge a fonte mais intensa de sofrimento psíquico? Não haverá algo de errado em tudo isso? É Deus que errou? Somos nós? Se somos nós, onde está o erro? Precisamente em não vermos, no sexo, a face de Deus Criador. Quando eu consegui relacionar estes meus movimentos sexuais com a realidade de Deus Criador, é que descobri a força maravilhosa do sexo, como uma das mais altas formas reveladoras da face de Deus e do que eu sou ao experimentar no meu ser, no meu agir e no meu sentir, o ser, agir e sentir divinos. Do meu ser, do meu agir e do meu sentir sexuados, partir para desvendar o ser, agir e sentir de Deus infini-

tamente sexuados. Quando descobri, vivencialmente, que o meu ser, meu agir, e o meu sentir finitos, eram a "imagem do Homem infinitamente sexuado", Deus, é que o meu sexo (pulsão sexual) passou, sensivelmente, a ser do meu pior inimigo ao meu melhor amigo. De fonte de angústias para a fonte de paz. Pois, Deus se me revelava, no, sobre e pelo sexo. Este não era, definitivamente, mau e nem rebelde, apenas, era incompreendido e reprimido, por mim e em mim. Desse modo, tornou-se por mecanismo de defesa, o meu pior rival. Violência gera violência. Este princípio universal também se aplica à repressão sexual, que é um dos modos mais sutis de violência psicológica. O sexo não pode ser reprimido, assim como não deve ser violentada a "imagem de Deus". Descobrir isso, é um passo firme na libertação da libido, convertendo-a no melhor dos aliados na conquista do Reino.

3.4. O INFINITO À VISTA

O sexo revela a nossa semelhança com Deus, porque o que experimento na excitação sexual é uma participação do que Deus experimenta, em infinito, quando gera "ad intra" ou quando cria "ad extra". Partindo da mesma experiência presente e atuante no meu corpo (não reprimindo-a e nem temendo-a), posso colocar-me em contato direto com o Deus vivo, mediante a mesma vivência sexual, quente, do momento, que me coloca em contato direto com a experiência viva e infinita do Deus criador. O que Ele experimenta, em nível infinito, é o mesmo que eu experimento em nível finito. Pela experiência da vivência sexual presente, posso e devo descobrir o que seja Deus-amor, Deus-união. Desde a mesma experiência finita da voluptuosidade erótica posso e devo ascender à vivência infinita de Deus quando emite a criação. O processo da analogia do ser nos conduz do conhecimento finito ao infinito. Pois, essa mesma analogia vigora no campo do sentir, do experienciar. Do sentir

finito até o sentir infinito. Por isso, não podemos reprimir o sentir sexual e nem amaldiçoá-lo mas, partindo dele, como vivência fresca, decolar até o Infinito. A isso eu chamo de: “o infinito à vista”. Isso é descobrir o Paraíso na terra onde Deus passeia na hora da brisa.

3.5. O CÉU À VISTA

Uma segunda forma do sexo ser revelador da “imagem de Deus” é que, o sentir sexual, me dá, nesta vida, o que seja, por analogia, a vivência do céu. A experiência sexual, vivência do momento (ela está ali), já, leva embutida a experiência plena da felicidade do céu, porque a qualidade prazenteira da vivência sexual é da mesma espécie prazenteira da união com Deus na vida do céu. Isto porque o homem não tem duas capacidades distintas de perceber o prazer. Uma para os prazeres da terra e outra para os prazeres do céu. O único que varia é, apenas, a intensidade do prazer. Mudando a Variável Independente que aumenta em intensidade, muda a Variável Dependente que é da mesma categoria. Somente muda a intensidade do prazer. Isso nos leva a termos consciência, hoje, da vivência da união final com Deus. Essa vivência é o céu. Deus é o Infinito, portanto, provocará, no homem, o máximo do prazer orgástico (VD). O êxtase dos santos. Então, o sexo (VI) é a revelação da vivência dos celibatários do céu (VD). O sexo nos revela o ser, o agir e o sentir divinos, em níveis finitos, que podemos experimentar, nas vivências concretas do prazer sexual. Ele é “imagem de Deus” no seu ser, no seu agir e no seu sentir.

Sei que é difícil manobrar estas vivências sexuais, mas é o único modo de experimentarmos que o “jugo de Cristo é suave”, ao aproveitarmos estas vivências que são das mais fortes e as que, conseqüentemente, mais nos aproximam da realidade do céu. Este tipo de operacionalização, junto com outras medidas prudenciais (e

destemidas), me conduziu a um domínio agradável e pacífico deste dinamismo difícil de se lidar que, por lustros, foi o maior dos meus conflitos interiores. Digo, como Santa Teresa: “Só quem experimenta verá sua eficácia”. O leão feroz se converteu em manso cordeiro. Isso se deve a que o sexo possui suas funções e objetivos, sua dignidade, sua capacidade reveladora, sua missão profética que, quando entendida e atendida, se coloca, incondicionalmente, a serviço do todo, porque ele, assim como o todo, quer ser tratado como aquilo que é; “imagem de Deus”.

3.6. O TORTURADOR DAS PESSOAS

Até chego a acreditar que seja o mesmo Deus quem tortura as pessoas, enquanto estas persistirem em tratar o sexo como indomável, pernicioso, animalesco, pois nesse comportamento, o mesmo Deus se sente ofendido ao ver que, aquilo que Ele criou “com grande sabedoria”, é condenado pela nesciência do homem. Isso é ofensivo ao Criador que afirma: “tudo o que eu crio é bom”. É só mudar de atitude mental (estado negativo) frente ao sexo e a pessoa experimentará, logo, como o touro sexual se converte em manso boi. Reconhecendo que o que Deus colocou, em ti, é grandioso, imediatamente, perceberás que o teu espírito e corpo se pacificam. É o fruto da reconciliação (metánoia) com Deus a quem chegas a descobrir (reconhecer) no sexo. Na tua luz, vemos a luz e, parodiando, podemos dizer: no teu amor vemos nosso amor sexuado. É reconhecer que Deus, também, agiu “com sabedoria” ao criar-nos sexuados.

3.7. BUSCAR DEUS EM TODAS AS COISAS

Este procedimento praticado por Inácio de Loyola, um leigo, será outra das chaves para colocar o sexo no seu devido lugar. O buscar Deus em todas as coisas, pratica-

mente, se reduzia a descobrir o Criador nas flores, nas paisagens grandiosas, nas aves do campo, nos animais selvagens, etc. e a figura humana, a principal, ficava de escanteio e, se buscávamos Deus no homem era, apenas, nos seus elementos superiores, a inteligência, vontade, liberdade e potencialidades chamadas posteriores. Porém, nos dinamismos chamados inferiores, tentar descobrir Deus neles, era algo quase proibido (temido). Quando, na catequese cristã (Vida Religiosa), se ensinou os catecúmenos (noviços) a descobrir Deus na beleza feminina ou masculina? Quando o fiel cristão falava com o orientador sobre suas dificuldades na área sexual, a resposta era: "Isso já passará", "isso é tentação, não ligue". Mas, como passará? Mas, como não ligar? Como desligar? É verdade que os mesmos catequistas ou formadores não sabiam como lidar com esse tipo de problemas afetivo-sexuais. Nem eu estou culpando ninguém de maldade, pois ensinavam o que tinham aprendido de ouvitiva. Lembro que, pelos anos 55, por ocasião de umas conferências de um célebre psicólogo, proferidas num centro de formação, fui consultá-lo sobre uma atitude psicológica que estava tentando praticar: "Posso treinar os meus sentimentos afetivo-sexuais utilizando-me de fotografias de exemplares belos de mulheres, atraentes, sexy, e assim preparar-me para saber como reagir quando me encontrar, de fato, diante dos exemplares de carne e osso? O psicólogo parou e respondeu negativamente. Era o que eu esperava. A resposta ia contra a certeza de minha profunda intuição humana que me dizia que: "sim", que podia e devia experimentar. E com o tempo e a coragem pessoal, correndo o risco temido pelo psicólogo, descobri que estava no caminho certo. O buscar Deus, em todas as coisas, estaria permitido, apenas, nas flores, aves do campo e nas maravilhas da fauna animal? Por que excluir o homem e a mulher que eram o ponto nevrálgico da problemática? Era, nessa área, que eu precisava treinar e

estagiar para descobrir a face de Deus na face da beleza humana. Descobrir Deus, precisamente, onde Ele se manifesta do modo mais liberal, berrante e atrevido, como nas realidades estimuladas de modelos sexuais.

3.8. MENSAGEIRO DE DEUS

Tudo quanto se fala sobre as características das pulsões e, especialmente, do sexo, nos descobre que, pelo fato de se tornarem de vida pré-lógica e pré-individual em vivência consciente, têm a função de serem mensageiras de algo mais íntimo e que nunca chegariam ao nível da consciência se não mediassem as vivências pulsionais. O mundo polimorfo e rico do inconsciente vital da vida sobe à tona no radar da consciência, porque as pulsões converteram-se em fiéis mensageiros da intimidade humana. Como saberíamos que uma parte do intestino ou cérebro estão em perigo se não tivéssemos vivências pulsionais vitais diretas que, entrando na consciência, nos informassem dos perigos que correm? As dores localizadas são mensageiras de algo que, no interior orgânico, está sendo invadido e atacado por elementos estranhos ao organismo vivo. Semelhante processo se verifica nas vivências sexuais, invadindo o terreno da consciência, a partir do mundo misterioso do inconsciente autônomo que se vivencia, presentemente, agredido ou estimulado. As pulsões sexuais são, também, mensageiras de algo íntimo que foi acordado nos porões da endotimia (afetividade interna) e que espera por uma resposta adequada. A pulsão sexual, reagindo perante o seu estímulo, está cumprindo bem sua função. Ela não tem, como função própria, a capacidade de descobrir a moralidade (bondade ou maldade) de sua resposta, mas a de informar, ao foro (nível) da consciência, que o mundo da sexualidade foi invadido e estimulado por objetos sexuados e que responde, segundo o figurino, dando respostas adequadas às estimulações presentes.

Exigir da pulsão sexual que seja o guardião moral dos seus atos (reportas), é o mesmo que exigir o impossível, pois ela não foi condicionada para separar o moral do imoral. O único que pode fazer bem é emitir respostas de nível sexual ajustadas às estimulações. Fazer da pulsão um juiz de si mesma é o mesmo que violentá-la. E a violência, gera violência que consiste, neste caso, na repressão, no recalque e no sufoco da pulsão. Daqui se originam as neuroses afetivas.

3.9. INDICADORES DO SEU AUTOR

Nos efeitos se encontram, por participação, os atributos da causa que os criou. Isso também se aplica às pulsões e, em concreto, à da libido (sexo). Pois é, partindo das mesmas vivências pulsionais, que poderemos e deveremos decolar para a descoberta do seu autor. Primeiramente, elas nos indicam por analogia (comparação), o que seja o autor das tendências. "Quem fez o ouvido não ouvirá? Quem fez a vista não verá...?" (SI 93, 9). Do agir limitado podemos e devemos passar para o agir infinito do Criador. Tenho lido bastante sobre a afirmação bíblica de que: "o homem é imagem de Deus". Tenho constatado que se filosofa muito sobre a imagem no sentido ôntico; que se coloca a ênfase da semelhança especialmente nas faculdades superiores. Porém, com relação ao agir e ao sentir humanos, como imagens de Deus, não encontrei nada digno de consideração. Creio que ainda martela as mentes dos estudiosos, o maniqueísmo prático (insisto e repito); ainda as pulsões vitais (o corpóreo), os sistemas autônomos continuam sendo os maltrapilhos (excluídos) do homem, como se a sua origem fosse outra que não a divina. As pulsões e, em especial a libido continuam no "inferninho da intelectualidade e sob as suspeitas perenes da "SNI". O dia em que, na prática, as pulsões instintivas tenham o mesmo tratamento social e as mesmas mordomias concedidas às pulsões glo-

rificadas da superioridade, teremos descoberto, por experiência pessoal, que aquelas são tão sadias, puras, santas, legítimas e serviçais, como as tais de capacidades diplomadas com o canudo da "Superioridade Universitária". O diploma da superioridade, também tem de ser outorgado às pulsões, pejorativamente chamadas de inferiores. O diploma da superioridade foi outorgado pelo mesmo Criador no dia da formatura em que revelou: "Tudo o que fiz, é bom".

4. O TESTEMUNHO PESSOAL

Os que vivem o celibato pelo Reino parecem sentir certa vergonha (pudor) em falar como, de fato, vivem a sua castidade. Esse pudor precisa ser superado, pois a necessidade de ouvirmos testemunhos de pessoas que, atualmente, vivem a castidade é mais do que urgente, sobretudo quando estamos num mundo em que as únicas vozes que ouvimos são daqueles que apregoam, falsamente, o contrário. Eu vou dar o meu testemunho e, sem dúvida, servirá mais do que tudo quanto está escrito, até o momento, sobre como viver a libido cristãmente. Eu, como milhares de pessoas, passei por maus momentos no período do antes e do depois de optar pela Vida Religiosa e Sacerdotal. Por mais de 40 anos sofri o impacto inexorável das pulsões vitais e não podia ser de outra forma. E tanto mais experimentei a sua violência arrasadora, quanto mais vigorosa eram as pulsões e repressores os métodos de dominação. Posso afirmar que, durante anos, cozinhei fecundas neuroses afetivas, especialmente, no tocante à libido. Mas também recebi um dom, (teimosia pessoal?), uma espécie de intuição direta, junto a uma convicção pertinaz que me induzia a buscar soluções atrevidas aos meus problemas pessoais. Partia do suposto de que: "Toda dificuldade tem sua solução". Não podia pactuar com a atitude mental que aceitasse um Deus bom e providente que nos tivesse

B
I
B
L
I
O
T
E
C
A
R
I
A
D
E
P
A
S
T
O
R
A
L

feito pulsionais só para fazer-nos sofrer os impactos incoercíveis das pulsões vitais. Partindo deste suposto, tentei soluções para as minhas neuroses afetivas, nascidas das entranhas pulsionais reprimidas e mal orientadas. O primeiro passo se deu ao descobrir que, as respostas pulsionais (instintivas) dadas às estimulações, eram um "sinal de normalidade". Ao descobrir isto, senti grande alívio, alegria e paz interior. E, neste trabalho, é altamente válido identificar os sentimentos que ladeiam nossas reações pulsionais. Se me alegrava perceber que tinha um bom apetite ao cheirar um bife, por que haveria de sentir tristeza ao experimentar atração por um belo exemplar feminino? A normalidade do estômago me alegrava. Pois, o mesmo deveria sentir ao experimentar a reação da pulsão em busca do seu valor específico. Era o primeiro passo nesta constrangedora situação afetiva. Parece ridículo dizer isto, mas é o caminho para solucionar o problema. Deste modo, se revelava certo o princípio psicológico que me diria: "Se coisas simples provocam grandes conflitos, por que os grandes problemas haveriam de ter soluções altamente sofisticadas e não simples?"

Um segundo passo apareceu quando descobri que as pulsões não eram minhas inimigas e sim as minhas melhores aliadas. Eram mensageiras trazendo mensagens do centro vital e, em última análise, de Deus. Um terceiro passo, o mais abrangente e confortador, foi aquele obtido ao aplicar o princípio bio-psicológico de que: "As propriedades que regem o todo são as mesmas que regem as partes". Por equivalência (princípio matemático de substituição de membros de uma equação) passei a aplicar este princípio à verdade bíblica do "homem imagem de Deus". O homem todo, é imagem de Deus. As partes, as pulsões humanas, também imagem do mesmo Deus. Dai para frente, as descobertas foram altamente reveladoras e altamente eficientes na canalização suave das forças afetivas, especialmente as sexuais. Fui descobrindo, em todas as pulsões, o rosto

do Deus Criador. "Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus" (Mt 5, 1). A descoberta experiencial e vivencial da imagem de Deus em cada pulsão e vivência sexual é o que finalmente desanuviou a minha vida afetiva e as neuroses começaram a ser algo do mundo histórico do passado. Passaram a ser lembranças do "museu do som". E o escuro das pulsões e das vivências diretas converteram-se na maior revelação do que sou. Isto foi altamente reforçado e satisfatório. Constatei que as pulsões, libido, eram as melhores colaboradoras na caminhada para a construção de minha personalidade e que, sem elas, eu seria uma barata tonta. Onde consegui, até o presente, perceber a "imagem de Deus", por entre e nas pulsões, aí é que cheguei a tocar o chão firme do meu ser e entrar no jardim do Éden. Onde, ainda, por motivos vários, não consegui descobrir a face divina oculta em determinadas pulsões, é que me sinto inseguro. Porém, espero, seguindo os princípios acima colocados, descobrir trilhos inexplorados do mundo original da imagem de Deus.

5. JUSTIFICAÇÃO

Dou maior ênfase à pulsão da libido porque me parece ser a que mais aflige o ser humano, e em especial, aos que optam pelo celibato. Sei que o assunto é bastante delicado para se tratar por escrito, mas creio que alguém tem de iniciar uma campanha que recoloca o celibato no seu devido lugar, pois a publicidade moderna parece tê-lo desterrado ao ostracismo da banição total. Os adictos e alcoólatras se unem em grupos para curar-se. Isso significa que eles descobriram que a aceitação de serem doentes foi um dos primeiros passos para se recuperar. Algo semelhante deve acontecer com relação as neuroses da afetividade sexual. Quando estas obsessões forem colocadas em aberto pelas pessoas afetadas, então, é que começará a solução. O hermetismo sexual é uma das fontes do

neuroticismo da libido. Aceitar que somos sexuados e que isso é um valor, uma honra, (o machismo o comprova), então estaremos dando passos firmes para canalizar tanta força maravilhosa possuída por nós.

6. RECURSOS CONCRETOS

Vários podem ser os recursos:

6.1. NÃO, APESAR DA EXCITAÇÃO SEXUAL

Geralmente, ficamos atordoados quando sentimos o impacto das estimulações sexuais. Amaldiçoamos tais vivências. Nos sentimos vítimas de forças avassaladoras. Ignoramos a experiência sexual presente que nos invade. Este ignorá-la é uma fonte de repressão. Mesmo que não nos deixemos vencer pela reação sexual, sentimos, no final da resistência, que fomos derrotados. Que a vivência se nos impõe. Queremos dominá-las despoticamente e não é possível. Deus nos deu poder direto sobre as vivências pulsionais. Pretender dominar as reações sexuais, diretamente, é praticar a repressão e violência sobre a pulsão. E esta gera, por sua vez, violência. O seu fruto é a neurose ou frustração crônica da pulsão sexual. Quanto mais reprimida e violentada, tanto mais se fixará e atormentará à pessoa. Este recurso de viver a castidade “apesar da excitação sexual”, não compensa. Deus o permite, nas não o quer. O sentir é um dom recebido de Deus e Ele quer que o usemos bem. Não querer sentir, diante dos estímulos, é o mesmo que dizer a Deus que Ele errou ao fazer-nos sensíveis. O sentir não tem lei e se tem lei é a de sentir. Se o recurso tradicional de “apesar do sentir”, não resolve, então qual é o que ajusta?

6.2. A PARTIR DA VIVÊNCIA SEXUAL

Se “apesar da vivência sexual” não é solução, então tentemos o princípio terapêutico de, “a partir da mesma vivência

sexual”, para vermos qual é o fruto. “Não apesar da reação sexual”, mas partindo dela mesma, decolaremos para uma solução fácil e agradável. Por exemplo: Tenho na mente uma imagem sexual. Partindo, dela mesma, inicio um diálogo com Deus dizendo: “Olha, Senhor! como é linda esta imagem e como realiza a função que Tu mesmo lhe impuseste! Ela me fascina. Ela me atrai. Ela me move na direção da pessoa que me atrai em forma de imagem! Como funciona bem esta minha pulsão sexual! Foste Tu quem a criaste! Obrigado! porque ela funciona dentro da normalidade”. O recurso é, simplesmente, uma oração. O que, antigamente, era uma tentação, agora é um motivo de oração. A estimulação e excitação sexual se convertem, em lugar de tentação, em início de oração. Esta consiste em levantar o coração a Deus. Ao falar com Deus sobre o que estás vivenciando na tua mente e no teu coração, já estás rezando, e a tal imagem sedutora some de vez. Nesta descoberta psicológica não adianta discursar. Para descobrir o efeito terapêutico é preciso praticar. Tenta, uma e várias vezes, e verás como as tais de tentação somem. Este partir da vivência mesma sexual pode ser exercitado de três modos diferentes:

6.2.1. PARTINDO DA MESMA QUALIDADE OBJETIVA SEXUAL

Esta é a mesma realidade ou objetivo sexualmente prendado. Por exemplo: um belo exemplar, “sexy”, masculino ou feminino. O recurso é uma espécie de driblagem psíquica. Diante de um belo exemplar feminino (masculino) sentirei, necessariamente, uma reação de tipo sexual. Isso é sinal de minha normalidade orgânica. O que fazer? Simplesmente, partindo da mesma realidade presente (não ignorar, não negar que estou diante de um belo exemplar sexual) iniciar um diálogo com Deus dizendo: “Senhor, olha que exemplar tão belo que fizeste. Se eu te negasse que estou sentindo uma forte atração, neste mo-

mento, eu estaria mentindo-te e negando uma realidade existente dentro de mim. Reconheço que Tu sabes fazer bem as coisas. Essa beleza que tenho diante dos meus olhos, o comprova!” Neste caso, a pessoa parte da constatação da mesma realidade objetiva de um exemplar altamente qualificado sexualmente. Neste processo não há recalque, pois o sentimento está sendo respeitado, reconhecido e aceito. Porque o sentir é um dos grandes dons que Deus nos deu. Ele não tem lei. Sua lei é sentir. E reconhecê-lo, agrada a Deus e pacifica a alma. Este mecanismo é fácil. De agradável manejo. A pessoa, partindo do exemplar que o estimula, se revela até Deus. A presença do belo exemplar é o motivo eficiente para elevar o coração ao Criador do exemplar. Isto é oração. Este tipo de jogo deixa, no que o exercita, a sensação de ser dono de seus afetos. É o contrário da resposta: “apesar dos sentimentos”, que deixa sabor de derrota e de ser vencido. Neste se pretende o domínio direto e naquele o domínio indireto, político e democrático. Deste se sai com a sensação de vencedor e de dono de suas forças pulsionais. Este modo fortalece a personalidade e deixa um sabor agradável que dá toda vitória. Isto não significa que estejamos despenalizando o sexto mandamento. Ele continua vigente na modernidade como na antigüidade.

6.2.2. PARTINDO DA MESMA VIVÊNCIA SEXUAL PRESENTE

O segundo elemento de todo processo sexual (afetivo) consiste na qualidade subjetiva. No processo anterior observávamos, diretamente, a qualidade objetiva. Neste, focalizamos a mesma reação subjetiva. Considero, dentro de mim, naquela vivência prazenteira, que me fascina. Não me assusto! A focalizo diretamente. Reinício o diálogo com essa reação, do mesmo modo que se fez com a qualidade objetiva. “Senhor, olha como estou por dentro de mim mesmo! Sinto um prazer intenso den-

tro de mim. Ele é gostoso. Ele parece anestesiá-me todas as potências superiores. Essa vivência já é a vivência do céu. Porque essa vivência que estou usufruindo, interiormente, é uma participação da tua visão”. E ouve que Deus te pergunta: “Queres ter para sempre essa vivência que saboreias agora?” A resposta sai do mais profundo do ser: “Sim, quero saborear isso para sempre!” Ou, “gostarias de perder para sempre essa experiência viva que tens dentro de ti?” A resposta que surge do mais lídimo do ser é: “Não. Nunca perder esta experiência!” E partindo da mesma qualidade subjetiva (vivência) sexual experimentada, neste momento, te colocas em comunicação com o Criador de tua capacidade subjetiva de perceberes o valor sexual do exemplar que está na tua frente. É só experimentar para ver como, de repente, a reação sexual some e o íntimo da pessoa fica altamente confortado e fortalecido na sua vontade. Deste tipo de luta se sai com a cabeça erguida e com a sensação de ser dono da afetividade sexual. É o modo político de comandar a pulsão sexual que é tão dócil como o pode ser uma outra pulsão vital. É questão de jeito. E este jeito dá ótimos resultados. Se não tentares, nunca sentirás o prazer de ser dono de tua pulsão sexual. O problema se resume em descobrir Variáveis Interferentes adequadas para que a pulsão se realize sem cair no consentimento onde está o pecado. Não no sentir, mas no consentir é onde está o pecado.

6.2.3. PARTINDO DA CONFIGURAÇÃO MOCIONAL

O terceiro elemento essencial de toda pulsão consiste no conjunto de movimentos (moções) que emanam da qualidade subjetiva sexual. Assim, as mãos gostariam de tocar o belo exemplar “sexy”. O corpo tende a avançar na direção da qualidade objetiva, desejo de tocar com os lábios (beijar), abraçar, apertar, etc.. Todas essas emanções sexuais formam o tecido da “configuração mocional” moti-

vado pela presença do objeto sexuado e pelas vivências internas (qualidade subjetiva sexual). Pois, partindo dessas mesmas vivências presentes, sem assustar-se com elas e sem amaldiçoá-las, inicia o diálogo com, por e sobre elas com Deus. "Olha, Senhor! como minhas mãos tendem a tocar essa pessoa. Olha como as gemas dos dedos se tornam sensíveis e parecem estar usufruindo esse belo exemplar. Olha, como meu corpo caminha, mentalmente, para aproximar-se desse valor sexual que está diante de mim e que nem sabe o que está acontecendo dentro de mim". Deste modo, como antes, estás respeitando todas essas respostas queridas por Deus, estás aceitando seres um ser sexuado. E, partindo delas, te comunicas com Deus. Estás descobrindo no objeto sexuado e nas tuas reações somáticas, a face do Deus Criador. Esse tipo de resposta é querida por Deus. Agrada a Deus porque está reconhecendo que ele fez tudo bem. Deste tipo de processo saís consciente de que és dono de tuas pulsões. Tomas consciência de que saístes vitorioso. Os sentimentos de frustração e de violência do método "apesar das vivências" estimulações, ficam de escanteio e outros sentimentos de vitória pas-

sam a sentar-se no trono da castidade. Deste modo podes experimentar que a castidade pelo Reino é possível e até gratificante, muito mais do que lixo da luxúria.

7. FINALIZANDO

Não vou perder tempo em fazer apologias e argumentações sibilinas sobre o poder mágico deste processo apresentado. Ele prova que Deus não nos tenta além de nossas forças. Prova que as pulsões bem orientadas não são feras indomáveis, como se pensava e se continua a pensar. Prova que, se mínimos problemas criam profundos conflitos, também prova que grandes conflitos têm soluções simples. A providência de Deus sempre foi e continua a ser sábia. Se não nos tivesse munido de modos fáceis para orientar nossas pulsões, Deus seria o maior carrasco do gênero humano. Prefiro acreditar no contrário, pois o que acabo de revelar prova que Deus nos oferece modos fáceis de superarmos as pulsões mais fortes. Sempre será certo que: "o jugo de Deus é leve". Que o celibato pelo Reino é possível e fácil! Porque o sexo é casto!

BIBLIOGRAFIA

1. Affemann, Rudolf, *La Sexualidad en la Vida de los Jovens*, Proyeto, Sal Terrae, Santander, 1979.
2. Baquero, Victoriano, *Afetividade integrada*, Libertadora, Loyola, SP, 1992.
3. Baquero, Victoriano, *Orientação Educacional*, Loyola, SP, 1993.
4. Baquero, Victoriano, *Psicoterapia Centrada no Corpo*, Loyola, SP, 1995.
5. Frankl, Viktor E., *Psicoterapia e Sentido da Vida*, Quadrante, SP, 1986.
6. Gendlin, Eugene T., *Focusing*, Bantam Books, New York, 2a ed., 1988.
7. Jost de Moraes, Renate, *As Chaves do Inconsciente*, 3a ed., Agir, Rio de Janeiro, 1988.
8. Gondra, J.M., *La Psicoterapia de Carl Rogers*, DDB, 2a, Bilbao, 1978.
9. Lersch, Philipp, *La Estructura de la Personalidad*, Scientia, Barcelona, 1966.
10. López, Salvador, *Psicologia e Vida Consagrada*, EP, 2a ed., SP, 1985.
11. Monteoliva, Mosé Maria, *A Maturidade Humana*, 3a ed., Loyola, SP, 1989.

12. Ruiz de la Peña, Juan L., *Imagen de Dios*, Sal Terrae, 2a ed., Santander, 1988.
13. Scheffczyk, Leo, *O Homem Moderno e a Imagem Bíblica do homem*, EP, SP, 1976.
14. Sodré Dória, Cristina, *Psicologia do Ajustamento Neurótico*, 2a ed., Vozes, 1975.
15. Tettamanzi, D. *El Hombre Imagen de Dios*, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1978.
16. Zanini, Frei Ovídio, *Experiência de Deus e Higiene Mental*, Loyola, SP, 1986.

NOTAS

1. Frankl, Victor E., *Psicoterapia e Sentido da Vida*, Quadrante, SP, 1986, p. 175-176.
2. Gendlin, Eugene, *Focusing*, Second Edition, a Bantam New Age Book, New York, 1988.
3. Zanini, Frei Ovídio, *Experiência de Deus e Higiene Mental*, Loyola, SP, 1986.
4. Meneghetti, Antoni, *Ontopsicologia Filosófica*, Ed. Epistemologia Evangélica, Psicologia Editrice, Roma, 1989.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Somente resgatando casos concretos de celibatários/as é que será possível enfrentar a onda avassaladora da publicidade erotificante de nossos tempos através dos meios de comunicação de massa. É tarefa, tanto dos educadores, como dos psicólogos, identificar as pessoas de comportamento casto para descobrir nelas as Variáveis Independentes, que as levam a conseguirem a Variável Dependente da continência. Como isso poderia ser feito na comunidade onde você se situa?
2. Deus que criou o ser humano todo à sua "imagem e semelhança" é o mesmo que criou a libido, o sexo. Este é tão bom pela origem como o todo que forma o ser humano. Deus declarou, na alvorada da criação, que tudo quanto criara era bom. Chamar os instintos sexuais de "animalescos e inferiores" é uma forma de preconceito, pois eles também são "bons". Você está de acordo com estas afirmativas do autor?
3. Descobrir que as pulsões sexuais não são minhas inimigas e sim minhas aliadas na medida em que atuam como mensageiras trazendo sinais do Centro Vital e, em última análise, de Deus é um dos principais recursos para integrar espiritualmente a sexualidade. Você seria/é capaz de realizar este processo em sua vida? Percebe isso acontecendo no viver de outras pessoas na comunidade?

EROS E ESPIRITUALIDADE

Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ*
Belo Horizonte, MG

Sem uma consideração mais elaborada do eros humano no processo espiritual não será possível responder adequadamente aos novos desafios da pós-modernidade. É necessário tematizar seu papel na psique para responder aos novos compromissos.

INTRODUÇÃO: EROS, CULTURA E TEOLOGIA

A Razão instrumental, as ideologias, a ciência e a política não governam o mundo sozinhas. Nem são as únicas linhas a compor as redes de nossa psique. Conceitos elaborados são aptos para propor projetos. Mas não garantem a eficácia destes projetos por si mesmos. Necessitam voltar periodicamente a seu berço: a paixão sincera pela vida, capaz de unir técnica e ética, revolução e ternura. Ao lado dos projetos (domínio típico de *Logos*) está o universo arquetípico do "desejo": impulso, amor pela verdade, esperança, expansão,

movimento criador de novas possibilidades. É o domínio de *Eros*.

Estes dois dinamismos do humano sempre estão presentes. Ora predomina o *Logos*, ora o *Eros*. Eles se conjugam ou conflituam, se casam e divorciam. Estabelecem relações complexas, dificilmente mapeadas. Mas sempre se relacionam de alguma forma.

O momento pós-moderno tem um traço distinto, peculiar: a emergência de *Eros* sobre o *Logos*, na forma de uma quase-necessidade. Com a crise dos "projetos" voltamos ao "desejo". Não sabemos bem como reorganizar humanamente a economia e as novas forças políticas, mas desejamos fazê-lo. Ainda não despontou uma ideologia capaz de garantir eticamente a paz e a justiça, porém a esperamos. Embora vivamos num contexto religioso plural e talvez mítico, sem definir modernamente todos os dogmas, desejamos crer.

Daí o retorno (ainda que ambíguo) do Sagrado, com sua numinosidade e simbolismo, bailando entre o místico e o mítico. Daí a irrefreável saudade do Paraíso, num mundo pós-marxista e diante de um capitalismo decepcionante. Daí a expansão da arte sobre os campos da política e o alto significado do simbolismo sobre os domínios da Razão instrumental. É a vigência do *Eros*, que se apresenta ao Ocidente passo a passo, com sua sutil sabedoria, anunci-

* O AUTOR: Marcial Maçaneiro, SCJ, é religioso dehoniano, diretor do IPJ-Leste II e professor de Espiritualidade no IMACH (Instituto Marista de Ciências Humanas), em Belo Horizonte. Para uma abordagem mais ampla do tema deste artigo, leia, do mesmo autor: *Mística e Erótica - um ensaio sobre Deus, eros e beleza*, ed. Vozes, 1995.

ando a beleza e o gozo, e causando perplexidade. O desejo não vem para sepultar os projetos — filhos do Logos organizador — mas para alimentar com sua seiva projetos alternativos e vindouros, que reanimem a luta pela justiça e pelo bem da humanidade.

Esta nova conjugação entre Logos e Eros não pode ser medida com exatidão, nem é alcançável completamente pelo olhar técnico. É necessário ver e calar, ouvir e acolher, numa atitude contemplativa. A única atitude que tem futuro, porque guiada não pela estatística, mas pela intuição.

O domínio de Eros interroga também a Teologia. Pois é no campo do desejo e da busca que nasce a religião, que O Buscado mostra traços de absoluto e ganha um nome: Deus. Certamente, a Teologia permanece como inteligência da fé. Não se nega isso. Mas a questão é “onde” exercer, hoje, a Teologia. Em que terreno ela adentra para exercer o *intuslegere* (o “ler por dentro”). Os acenos de Eros saltam ao olhar contemplativo do teólogo: é preciso re-situar a Teologia no campo do desejo, do simbólico e do mistério. Fazer Teologia não só com Logos e a partir do Logos, mas “desastrar” os conceitos pondo-os frente a frente com o universo provocador do Eros humano. Afinal, sem Eros não há Religião, porque a fé se alicerça na busca e no mistério experimentado, e só a partir daí se pronuncia o *logos* teológico.

Por isso nossa insistência: ver o mundo de Eros. Ouvi-lo. Mesmo a crítica (ou o calar-se diante dele) supõe que ele seja percebido. Uma tarefa de responsabilidade, sobretudo no Ocidente, onde o Logos predominou e pautou todas as agendas, inclusive a agenda teológica. Com uma teologia majoritariamente masculina, preocupada com o dogma e os enunciados da fé, o Ocidente exilou do discurso teológico o *pathos* que caracteriza a busca de Deus. Hoje, a emergência do desejo (forte como em todas as Místicas do passado,

mesmo perseguidas...) pede que a teologia reveja sua aliança com a espiritualidade, reavaliando a presença do papel do Eros na busca de Deus e na promoção da fraternidade cósmica e humana. A intenção deste ensaio é oferecer dados para esta nova postura.

1. EROS COMO EXPERIÊNCIA PRIMORDIAL

Antes de atingir a consciência, antes mesmo de ser “bom” ou “mal”, eros reside no íntimo da pessoa no nível do Profundo. Seu berço, onde está, cresce e onde pode ser despertado, é o “Jardim Interior”, o universo arquetípico. Ali, eros dorme ou inquieta, se mostra ou se disfarça. Ora atua no inconsciente, ora avança sobre a consciência na forma de desejo, gosto ou saudade. Eros é dinamismo de expansão, que (e)leva a pessoa a patamares mais altos e novos. Ele “está antes”: é originário. Ele não se explica pelas experiências de desejo e feitiço... Antes as explica, porque a paixão pelo belo e pelo bem se enraízam nele. Eros, portanto, é anterior ao *ethos* (moral) e ao *logos* (racional). Eros preserva certa independência desses dois princípios, que sempre aparecem, mas sem jamais controlá-lo totalmente. Nem razão, nem moral podem capturar eros em si mesmas.

Eros não é exatidão; é expansão. Não é discurso; é riso. Não é a pura sexualidade; é desejo¹. Ele nos guia à comunhão, ao encontro, ao êx-tase: o sair de si mesmo para alçar vôo, semeando os sonhos do Olimpo no chão do cotidiano. Por sua destinação originária, eros sempre vai na direção da beleza e da vida. Seu último inimigo é Thánatos, a morte.

É neste sentido “originário” — de algo anterior ao discurso e à moral, que está na origem das experiências humanas — que eros desafia o estritamente racional. Di-

zendo de outro modo, eros “desastra” a Razão. Quando eros se manifesta a razão deixa de ser o astro-rei, o sol das potencialidades humanas. Então irrompe o absurdo e a novidade: o cientista se torna poeta, deus se torna dançarino e os adultos se fazem criança. Esta “trans-figuração erótica” é tão básica e primordial, que permanece sonhada e buscada em todas as artes e religiões. Sem essa busca não pode haver felicidade humana. O que pode fazer do cientista um poeta? Que desejos levam Shiva a dançar e, com sua dança, criar constantemente o Universo? Que dançarino faz do adulto uma criança?... Eros é a resposta. Divina ou humanamente considerado, somente ele, doador de vida e senhor das primaveras, pode levar deuses e homens a se expandir e viver. Eros preside as grandes transformações. É o catalisador de todas as alquimias.

2. NO HORIZONTE DA COMPREENSÃO: A “LÓGICA”

O eros em sua expressão originária traz a marca da “primordialidade”: o vigor e a surpresa de uma dimensão humana profunda, expansiva, anterior à própria moral. Entretanto, essa mesma primordialidade revela-se ambígua. Em contato com a cultura, com o ethos (conduta) e nos relacionamentos interpessoais o eros pode mostrar-se bom ou mau. Como toda faceta humana, também ele se manifesta sob o signo da ambigüidade. É uma potência a ser cultivada e educada. O eros pode expandir-se erroneamente, se perder a bússola da verdade e do bem. Torna-se uma “paixão mentirosa”. Não mais princípio de vínculo e unidade (o eros *sim-bólico*), mas uma armadilha capaz de levar à morte (o eros *dia-bólico*). Por isso, é legítimo o esforço humano de trazer eros ao horizonte da compreensão. Não para capturá-lo sob as teias da razão e seus interesses éticos

ou técnicos, mas porque o próprio Eros deve relacionar-se com Psique, garantindo uma incidência inteligente e benéfica sobre a pessoa e seus relacionamentos. É neste horizonte de compreensão que tentamos estabelecer um relacionamento equilibrado entre eros e logos. A erótica se permitirá examinar, com o serviço da lógica.

Esta tarefa de diálogo entre eros e logos teve seus deslizos. Na tradição ocidental o logos tendeu sempre a suplantar eros. Sobretudo no universo cultural considerado “oficial” e “elaborado”. Do outro lado resistia o “eros boêmio”, inebriado na paixão desesperada, que faz barulho para ser percebida e sobreviver. Mas o conforto eros-logos teve (e tem) seus momentos de beleza e edificação:

a) Eros e Psique

O primitivo mito grego, onde Eros é deificado como Criador, agindo na origem e renovação da Terra, ainda hoje tem algo a dizer. Eros era força e amor irrefreável. Agia ora com suavidade, ora com energia. Por onde passava deixava impressões. Ninguém permanecia ileso após ser tocado por suas flechas. Infantil mais habilidoso, eros cavalgava no dorso de Centauro e o dominava tranqüilamente. Prosseguindo o mito, esse pequeno brincalhão encontra Psique, enamora-se dela, e então cresce: torna-se adulto, atingindo a maturidade do amor. A união mítica de Eros e Psique é um modo poético de dizer uma verdade: Desejo e Inteligência alcançam sua perfeição não isoladamente, mas no encontro um com o outro.

b) Beleza, Bondade e Verdade

Um outro passo na maturidade de eros foi dado, a princípio, pela Estética. Logo depois, a proximidade entre Bem e Beleza favoreceu que se pensasse o eros como uma capacidade humana de contemplar e de criar coisas tanto belas quanto boas. Ora, o

Bom e o Belo são fins irmãos da Verdade. E assim, por um caminho cheio de curvas, enquanto perseguida a Beleza, o eros humano começou a ser educado rumo à ética (o Bem) e à lógica (a Verdade). O Ocidente inteiro pode ser entendido à luz da ciranda onde circulam esses três valores: beleza, bondade e verdade. Ou, se quisermos, os três caminhos do Desejo: o eros filosófico (paixão pela verdade), o eros estético (paixão pela beleza) e o eros ético (paixão pelo bem).

c) Eros e Revolução

Quando se fala de eros há que se distinguir “tempo” e “história”. Pois a *história* do Desejo é sempre o presente: o hoje cotidiano. Seu *tempo*, porém, é o *futuro*: o amanhã enquanto possibilidade de uma história nova. Na história eros é “eu desejo”. No tempo é “eu espero” (futuro). É o veículo onde eros transita para saltar do hoje histórico rumo ao futuro possível é a memória utópica (a única que pode recordar — trazer ao coração — um futuro ainda não sucedido, mas vigorosamente desejado). Ora, isto coloca eros na origem de todas as Revoluções. A Revolução procura fazer da utopia uma topia, seja pela indignação, seja pela luta, seja pelo sonho. Ela acena para um futuro melhor, o *novum ultimum* (como diria Moltmann) que atrai as energias humanas rumo ao possível. Daí o tempo futuro do eros, que se sente atraído pelo novo, pelo melhor. Este eros — desejo do *novum* vindouro — emerge na consciência e dá à luz um projeto histórico: nasce a Revolução. Seja nas artes, nas ciências ou na política. Mesmo quando a Revolução ainda está em curso, eros irrompe tão prazeroso e vitorioso sobre as agruras do ontem, que os revolucionários fazem festa. A alegria celebrada, a festa, é antecipação da Vitória futura. Sem eros não haveria revolução. Viveríamos num mundo sem futuro. E sem festa.

Além dos itens citados, outros interlocutores precisam dialogar com eros no

horizonte da compreensão: o Cosmos (questão ecológica), o Outro (solidariedade-convivialidade-amor, o Si-mesmo (consciência, afetividade) e o Infinito (desejo de Deus, abertura a um Outro que seja absoluto e eterno). Eros passa a ser visto como *impulso humano que amplia os relacionamentos e vínculos*. Assim, diversas áreas irão colaborar na composição da “lógica” do Desejo: a Estética, a Ecologia, a Psicologia, a Antropologia Cultural, a Teologia, etc. Trata-se de uma tarefa permanente e multidisciplinar.

3. NO HORIZONTE DA FÉ: A “MÍSTICA”

Outro horizonte, além daquele da compreensão, é o horizonte da fé. Também aqui necessita ser considerado. Primeiro, porque as próprias experiências de fé sempre supõem o eros, o “amor que nos impulsiona a Deus” como diz Santo Agostinho². Em segundo lugar porque a Teologia ocidental priorizou o Logos, considerando pouco ou até desconsiderando o dinamismo erótico, tão presente na Mística.

3.1. EROS E MÍSTICA NO OCIDENTE

Este tópico poderia ocupar muitas páginas. Aqui, porém, vamos recordar apenas alguns sinais significativos do dinamismo de eros na mística ocidental:

a) Correntes femininas de espiritualidade

A experiência feminina de Deus é altamente “erótica”. Busca-se a Deus como Aquele que é sumamente desejado. A literatura decorrente traz expressões como: “Tenho um ardor... Um Fogo!” (Catarina de Sena); “O que desejo é teu coração” (Lutgarda de Brabante); “Ah! Quisera eu...” (Matilde de Hackeborn); “Meu Amado!” (Joana Deleloe)³. A feminilidade dá asas ao eros, que se expressa muitas vezes

mediante simbologia bíblica, sem perder a ousadia:

“Então a amada vai ao Amado,
ao Lugar secreto da divindade,
sem pecado.
E lá, moldada a alma na própria
natureza de Deus,
nenhum obstáculo se interporá entre
ela e Deus...”

“Chega agora a paz abençoada,
bem-vinda para ambos.
Ele se dá a ela e ela a Ele.
O que lhe acontecerá a alma sabe...
Por isso estou consolada!”

“Ah, Senhor! Ama-me intensamente,
ama-me muitas vezes e
por muito tempo!
Pois quanto mais fervorosamente
me amares, mais bela me tornarei;
quanto mais tempo me amares,
mais santa me tornarei...”

(Matilde de Magdeburgo: A Luz da
Divindade, séc. XIII, fragmentos)⁴

b) A espiritualidade franciscariana

Francisco e Clara de Assis são um marco na Espiritualidade ocidental. Francisco representa a irrupção de eros num coração convertido, que se expande numa ampla convivialidade: relacionamento comunitário com o outro, o feminino, Deus, a natureza e até a morte. A experiência de Francisco é atípica, nova. Numa época sob o domínio do logos masculino ele passa por louco ao mudar o paradigma: ama com afeto, sente-se universalmente irmão, desafia o bom senso com suas atitudes de misericórdia para com pobres e leprosos, causa uma inversão social ao deixar os “maiores” (nobres e senhores) e conviver com e como os “menores” (humildes e vassalos). Em Francisco encontramos o eros expandido quase ao limite, educado e conduzido pela ágape divina⁵.

Na mesma trilha vem Clara — mulher, irmã e mestra. Fascinada pela escolha de

Francisco, segue-lhe as pegadas com seu jeito próprio. Feminina e terna, conjuga a radicalidade de sua opção com a ternura de uma jovem enamorada. Clara é a primeira mulher na Igreja latina a redigir uma Regra para Irmãs. Ali vemos sua misericórdia, no serviço humilde, no trato afetivo com as demais Irmãs, na acolhida dispensada a hóspedes e necessitados. Tudo fruto de uma espiritualidade integrada, onde eros irrompe sem desvios. Seja no relacionamento com o masculino (em Francisco) seja no relacionamento com o divino (o Cristo Esposo). Como outras que a antecederam, Clara vai usar o Cântico dos Cânticos para simbolizar sua experiência de Deus: esposa-Esposo, abraço, leito nupcial, beijo, adornos, perfume, coração⁶.

Em Clara e Francisco o eros humano se expande, em êxtase, num movimento que tende abraçar toda a realidade: ecologia, fraternidade, sexualidade, afetividade e projeto social. Além disso, sua amizade e “cumplicidade” despontam como realização de uma utopia muito atual: a feliz integração entre masculino e feminino⁷.

c) Alguns mestres clássicos

Recordemos, como exemplo, o teólogo e místico franciscano Boaventura, e o reformador carmelita João da Cruz.

Escreveu São Boaventura, explicando a experiência de Deus:

“... ninguém a conhece, senão quem a recebe; ninguém a recebe, senão aquele a quem o fogo do Espírito inflama até a medula. E se perguntares como acontece tudo isso, interroga antes à graça, não à doutrina; ao desejo, não ao entendimento; ao murmúrio da oração, não ao estudo da lição; ao esposo, não ao mestre; a Deus, não aos homens, à obscuridade, não à claridade; não à luz, mas ao fogo que inflama totalmente e transporta a Deus com copiosas unções e ardentíssimos desejos”⁸.

De São João da Cruz é bastante conhecida a força poética de seus escritos e o

uso de Cantares como recurso interpretativo da experiência mística:

“Oh, chama viva de amor,
Que ternamente feres
De minha alma o mais profundo centro!
Pois não és mais esquiva,
Acaba já, se queres,
Ah, rompe a tela deste doce encontro!
(...)
Oh, quão manso e amoroso
Despertas em meu seio
Onde só tu secretamente moras:
Nesse aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!”

(Chama viva de amor)⁹.

Tanto em Boaventura quanto em João da Cruz a palavra teológica está a serviço da mística. Sabem com sobriedade que a experiência do Mistério não se captura com o logos teológico. Eles buscam no simbolismo esponsal a linguagem mais apropriada para exprimir a busca de Deus e suas graças. Sem receios, escrevem “femininamente”, marcados mais pela ternura que pelo discurso argumentativo e racionalizante de traço masculino. Em ambos se supera a tendência intelectualista, dando espaço ao eros e oferecendo pistas para uma Teologia Afetiva: afirmação da alteridade de Deus como Amor e Amado, e consideração dos afetos, inquietudes e desejos percebidos pelo sujeito da experiência.

d) O “eros telúrico”: Teilhard de Chardin

Teilhard de Chardin é uma das expressões mais vigorosas de amor à Terra¹⁰. Verdadeira paixão, cultivada desde a infância, quando ele admirava os rochedos do Auvergne, sua região natal, ao sul da França.

Toda sua ciência, pesquisas e escritos testemunham esta paixão telúrica. No *Fenô-*

meno Humano, uma de suas obras-mestras, Teilhard compõe uma “ciência” da Terra com estudo laborioso e olhar contemplativo. Ele descreve a evolução terrestre carinhosamente, como quem redige a biografia de alguém muito familiar. Teilhard expõe as leis que regem a evolução, mostra a formação da Terra Juvenil, a fecundidade da Terra-Mãe, a maturidade Moderna e o destino escatológico da Terra Final¹¹.

Teilhard se maravilha com o Divino que tudo atrai, que consagra o universo com a Vida e faz do Planeta uma hóstia cósmica:

“Recebei, Senhor, esta Hóstia total que a Criação, movida por vossa atração, vos apresenta à nova aurora. Este pão, nosso esforço, não é em si, eu o sei, mais que uma desagregação imensa. Este vinho, nossa dor, não é ainda, ai de mim, mais que uma dissolvente poção. Mas, no fundo dessa massa informe, colocastes — disso estou certo, porque o sinto — um irresistível e santificante desejo que nos faz a todos gritar, desde o ímpio ao fiel: ‘Senhor, fazei-nos Um!’”.

E prossegue:

“Porque, à falta do zelo espiritual e da sublime pureza de vossos santos, destes-me, meu Deus, uma simpatia irresistível por tudo quanto se move na matéria obscura — porque irremediavelmente reconheço em mim, bem mais que um filho do Céu, um filho da Terra — subirei esta manhã, em pensamento, às alturas, carregado das esperanças e das misérias de minha Terra-Mãe; e lá, por força de um sacerdócio que somente Vós, creio, me destes — sobre tudo aquilo que, na Carne humana, se prepara para nascer ou perecer sob o sol que se levanta, eu invocarei o Fogo”¹².

O Fogo é outro nome do amor — a *energhéia* que tudo cria. Fogo que transforma o mundo, que “penetra a Terra” até o “coração da matéria”¹³. Diante deste “mundo incendiado” Teilhard não mais

distingue Ciência e adoração¹⁴. Pesquisar é adorar: "Prosto-me, meu Deus, diante de vossa Presença no Universo em chamas e, sob os traços de tudo aquilo que encontrarei, e de tudo que me acontecerá, e de tudo que realizarei neste dia, desejo-Vos e Vos espero"¹⁵.

Filho do Céu e filho da Terra. Em Teilhard o eros alcança projeção cósmica, mas sem perder de vista o terreno (literalmente) onde se enraíza: a paixão telúrica, que vê na Terra o útero de toda Vida e alerta à consciência para cultivar esta Vida com o trabalho e a fé.

3.2. O ORIENTE CRISTÃO

No Ocidente, como vimos, eros está presente na mística com um dinamismo sempre latente. Porém pouco tematizado. É citado raramente, quando se interpreta a experiência feita. No Oriente cristão, ao contrário, eros é considerado explicitamente, como um tema familiar à Mística e à Teologia.

a) O "Eros divino"

Para os orientais, há um dinamismo criador e criativo imanente ao próprio Deus: é o "Eros divino" (Máximo, o Confessor), que se move em expansão crescente: o Eros divino "sai de si mesmo e se une ao nosso espírito", diz Gregório Palamas¹⁶. Por esse impulso, o Espírito sopra sobre toda a Criação, numa epiclese contínua, convidando o Cosmos e todas as criaturas a atingirem sua perfeição em Deus. Este movimento santificador opera a "deificação" dos homens e do universo. Tudo é assumido pela divindade, sendo tudo transfigurado. Assim, as realidades visíveis se tornam imagem (*ícone*) das Invisíveis, acolhendo as sementes de imortalidade que a graça lhe oferece pela permanente ação criadora da Trindade. O Eros de Deus, nesta perspectiva, é ao mesmo tempo divino e divinizante (*thêosis erotiké*).

Ele realiza a "deificação" do universo pelo poder do Espírito (*dynamis*), rumo à Nova Criação escatológica.

b) A Beleza

O Eros divino confere beleza a todo o Cosmos. Daí a conotação estética da palavra "cosmético": um Cosmo belo e ordenado. Deus é o Artista que retrata na Criação toda a sua Beleza. É também o "Eros divino que faz Deus descer sobre a terra" e possibilita a Encarnação do Verbo¹⁷. Pela Encarnação todo o universo, mesmo sua materialidade, se transforma em epifania da Beleza divina. A Encarnação mesma é um evento estético, sob o impulso do Eros criador: a Beleza divina, indivisível, deixa-se contemplar na Face de Cristo, "ícone visível do Deus Invisível" (Col 1, 15).

c) O Espírito

O Eros divino se movimenta em êxodo, saindo de si para criar e renovar a face da Terra. É um dinamismo de comunhão, que opera relações e vínculos, manifesta Deus e comunica o Invisível por meio de imagens visíveis. Ora o *fogo* e a *luz* deste Eros divino é o Espírito Santo. Ele semeia no coração humano um "*logos* poético", capacitando homens e mulheres para contemplar "a beleza dos *lógoi* poéticos do universo" (Basílio). O Espírito faz do ser humano um contemplativo. Por isso é chamado "Espírito de Beleza" (Cirilo de Alexandria). É também ele que impulsiona o eros humano a desejar unir-se ao Eros divino. Onde está a comunhão, está o Espírito. Onde brilha a Beleza, queima seu Fogo¹⁸.

d) O "manikós eros"

Outra expressão forte da mística oriental é considerar o amor divino como um "amor louco" (*manikós eros*). Diversos autores utilizam o termo eros não em contradição a *ágape*, mas, na verdade, para

B
I
B
L
I
O
T
E
C
A
R
I
A
C
R
I
S
T
I
A

significar “uma ágape mais ardente”¹⁹. E o ardor dessa ágape é exatamente o fato de manifestar-se como “amor louco”: radical, kenótico, extremo. Divina paixão. Amor de um Deus capaz de “padecer” a Encarnação e a Cruz. “Escândalo para os judeus, loucura para os gregos” (1Cor 1, 23). Na Cruz o eros louco aparece como “eros crucificado” (Máximo, o Confessor)²⁰.

4. O FUTURO DA ESPIRITUALIDADE

A manifestação de eros na mística, seja no Ocidente, seja no Oriente, nos ajuda a perceber alguns passos necessários para o futuro da Espiritualidade.

a) Integração psico-afetiva: uma abordagem terapêutica

A psicologia moderna já nos alertou sobre “males do amor”. Importa perceber que muitos males da psique não se enraízam só na sexualidade ou numa incorreção da libido. Boa parte das enfermidades psico-afetivas são fruto de um eros doente²¹. A má educação do desejo num modelo cultural de exploração, pautado pelo egoísmo e pela violência, por exemplo, pode formar indivíduos de afetividade atrofiada: incapacidade de doação, tendência ao domínio objetal do outro, inconsistência nos relacionamentos, egoísmo extremo e anti-comunional.

Importa ainda notar que tais enfermidades de eros atingem o *totum* da pessoa. Não são males relativos apenas à sexualidade ou ao relacionamento masculino-feminino. Por sua primordialidade, eros toca toda a personalidade, o consciente e o inconsciente. Seria um engano reduzir o eros humano à libido e à genitalidade. A abordagem terapêutica do eros é um processo curador que visa libertar e reintegrar a pessoa inteira, contribuindo para a felicidade humana em todos os relacionamentos: a

pessoa consigo mesma, com o outro e a natureza, com Deus e o mistério da vida.

A percepção oriental do eros humano vocacionado à comunhão com o Eros divino nos mostra a importância da *cura do Profundo* para qualquer busca espiritual. Especialmente no caso cristão, onde o próprio Deus é definido como Amor. Do ponto de vista teológico, a cura interior e a integração psico-afetiva de uma pessoa a capacita para melhor acolher a ação da Graça, e a qualifica para viver o amor evangélico. É um voltar ao estado de *Jardim paradisíaco* (convivialidade libertadora com Deus e os outros), ou seja, um início de ressurreição.

b) Eros, o Espírito e a Terra

O Oriente nos mostra a profunda solidariedade existente entre Eros e Espírito: ambos são criativos, “sopro”, doadores de vida, regeneradores, princípios de comunhão. O Espírito aparece como *luz* do Eros trinitário. Nesta direção caminha a mística ocidental, quando Bernardo, Teresa de Ávila ou João da Cruz falam do dinamismo transformante do amor divino na alma. A linguagem simbólica da mística sponsal diz muito, embora não tematize explicitamente a questão do eros humano. No Ocidente, este procedimento é mais familiar à psicologia.

Entretanto, sem uma consideração mais elaborada do eros humano no processo espiritual não será possível, creio, responder adequadamente aos novos desafios da Pós-modernidade: a questão do Feminino, da Ecologia, da nova Ética, da Convivialidade humana, dos novos anseios místicos. Sendo o eros um dinamismo primordial, vitalizador de potencialidades e impulso de vínculo, é necessário tematizar seu papel na psique e sua relação com o Espírito Divino para bem responder a estes novos compromissos da agenda cristã.

Como trabalhar a integração homem-mulher sem tocar no eros comunitário? Como educar as gerações para a responsabilidade pela Terra sem considerar o eros telúrico? Como ensaiar uma nova Ética, senão com a busca renovada do Bem, com valores capazes de apaixonar? A psicologia e a antropologia, com todos os seus desdobramentos, têm oferecido contribuições nesse sentido. E já é um bom sinal o empenho recente de se tematizar questões teologicamente²².

c) Eros e ágape reconciliados

A ágape — traço forte da personalidade de Deus — é o estágio final do amor: doação absoluta, que rompe as cadeias do egocentrismo e do egoísmo, num movimento de êx-tase libertador, gerador de vida e comunhão. Na mística cristã a ágape é proposta, desde Paulo (1Cor 13), como a máxima identificação entre Deus e a pessoa humana. A perfeição do amor está em amar à maneira de Deus, com liberdade, justiça, misericórdia e graça. Amar *in extremis* (Jo 13, 1). Ao extremo de transformar em amável o que antes não era amado.

Esta ágape, portanto, não contradiz o dinamismo de eros. Antes se interpenetra com eros. Ágape é gratuidade, amor misericordioso e oblato. Eros, por sua vez, é impulso ardente, desejo de expansão rumo ao infinito, atração irresistível pela beleza e pelo bem. Ágape é amor radical, que nasce de Deus. Eros é desejo radical que leva a Deus. Ambos se complementam, não por somarem qualidade, mas por se entrelaçarem profundamente na tarefa de fecundar o Cosmos e gerar a Vida.

Por isso, uma nova Espiritualidade — ou, se quisermos, uma Espiritualidade de futuro — deverá ser agápica e erótica, sem rupturas²³. Somente o coração capaz de unir desejo e caridade poderá contribuir com o esforço humano de renovar a Terra e suas

estruturas. Somente unindo compaixão (ágape) e paixão (eros) o Cristianismo será uma presença significativa na História. O eros — uma vez tocado pela divina ágape, atinge sua finalidade de humanizar e embelezar a vida. A ágape — uma vez incendiada por eros, adquire calor e alegria, abraçando todo o Cosmos numa só festa. Ambos estão presentes em Deus, e ambos fazem do ser humano um ser fecundo. Juntos são fogo, beleza e luz.

d) Necessidade da mistagogia

A presença provocante do eros e sua conjugação com logos na experiência humana, como vimos acima é um processo delicado e globalizante. Delicado, pois atinge a pessoa humana em seus níveis mais profundos, como sua psique, seu desejo, seu universo arquetípico. E é globalizante, porque o dinamismo de eros sempre tende à expansão, e acaba atingindo outras dimensões da pessoa, como sua relação com os demais, com Deus e a natureza; sua maneira de integrar desejo e intelecto, enfim, toca toda a pessoa: sua interioridade, prática e projetos.

Por esse caráter delicado e ao mesmo tempo integral, abordar o eros e educá-lo requer carinho, cultivo e sabedoria. Trata-se de um processo altamente humanizador: curar as feridas interiores, ajudar a pessoa a integrar sadiamente suas experiências passadas, abrir os horizontes na direção de valores bons e justos, educar o desejo rumo à vida (caridade, generosidade, prática do amor).

Portanto, é um processo que escapa à uma abordagem meramente "conceitual". O logos sozinho não consegue captar toda essa humanização. Pois eros se expande, indo além do puramente racional alçando vôo na direção do absoluto: a pessoa acaba tocando a orla do Mistério, deparando-se com realidades últimas que os conceitos não conseguem capturar em sua

compreensão. Entra em jogo, na experiência da pessoa, patamares novos e mais amplos: o encontro consigo mesma, a descoberta e comunhão com Deus, a aceitação de limitações próprias da natureza, a atitude de maravilhamento diante da Beleza e a indignação ante as injustiças, a compaixão e a solidariedade para com o próximo. Há uma passagem da *lógica* para a *mística*, da pretensão racional para a acolhida do mistério na simplicidade e desconcertos do cotidiano.

Aqui entra uma outra exigência para a Espiritualidade: ajudar a pessoa a bem conduzir-se em todo este processo erótico-místico. Não se trata de oferecer explicação para tudo, aprisionando as experiências num "manual de espiritualidade". A exigência do momento é outra: trata-se de "mistagogia". De como ver e discernir a mística das pessoas, sua caminhada humana e espiritual, para que essa caminhada atinja seu fim verdadeiro: o encontro com o Deus vivo e a comunhão libertadora com os irmãos e todo o Cosmos. É uma questão, não de dogmas e conclusões fechadas, mas de pedagogia: como iniciar a pessoa no processo místico, e como encaminhar esse processo.

e) Símbolo, comunidade e solidariedade

Três itens são indispensáveis para esta mistagogia: o resgate do símbolo e sua linguagem, a inserção da pessoa numa comunidade de fé, e a abertura ao pobre. São constantes da experiência cristã de Deus, que necessitam ser traduzidas em cada novo contexto:

O Símbolo:

O que os conceitos não apreendem em sua logicidade, os símbolos comunicam com inteireza. Todo símbolo tem a felicidade de proclamar uma realidade, sem por-lhe fronteiras ou fechá-la em si mesma. O símbolo *diz* sem *de-finir*, revela sem esgo-

tar o mistério. Comunica realidades essenciais e cria comunhão ao seu redor²⁴.

Poder-se-ia colher da Escritura e da antiga Mistagogia cristã aqueles símbolos que mais aparecem, por serem ao mesmo tempo arquetípicos e adequados à experiência cristã de Deus: água, vento-sopro-hálito, terra, montanha, fogo, face, deserto, caminho, fonte, pão-vinho-refeição, rocha, óleo, círio-luz, veste nova, etc. Com certa atenção pastoral, estes símbolos clássicos podem se aliar à liturgia, ao uso do corpo nas celebrações, e a outros elementos populares de culto e de religiosidade: devoções, rezas, responsos, colheita, gestos penitenciais, imagem de Maria e dos santos, procissões, etc.

Enfim, é preciso investir com gosto no mundo do simbólico, a partir das experiências vividas pela pessoa (ou grupo), como uma forma de interpretar e celebrar o que já se vive e o que se espera. O símbolo tem a qualidade de significar o presente e projetar as esperanças futuras, unindo história e escatologia. Além disso, o símbolo democratiza a fé: comunica o Evangelho de modo singelo e direto. É uma linguagem popular.

A Comunidade:

Este processo pessoal, tipicamente do sujeito, com sua história e originalidade, corre o risco de perder-se, quando se fecha no indivíduo. É importante recordar que o Deus cristão é Trindade, e mesmo estabelecendo morada numa pessoa (Jo 14, 23), tende à comunhão entre pessoas. A pericorese vivida pela Trindade é modelo da convivência comunal daqueles que adoram o Deus de Jesus. A Espiritualidade deverá estar atenta, ao mesmo tempo, à caminhada do sujeito (avanços, percepções pessoais, sentimentos) e ao processo comunitário: que este sujeito partilhe sua experiência e a celebre na convivência com outros, ora falando, ora ouvindo, ora perdoadando, ora sendo perdoado, ora rezando por

si com os outros, ora rezando com os outros e pelos outros: Eles eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos e à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2, 42).

Esta mitologia, que conjuga subjetividade e comunidade, necessita ser criativa: utilizar momentos e meios já existentes com uma nova percepção (eucaristias, festas, encontros, retiros, celebrações sacramentais) e criar novos momentos e meios: grupos de espiritualidade de vivência e partilha da fé na vida, em que pessoas com experiências similares ou próximas possam se encontrar e caminhar comunitariamente.

A Solidariedade para com o pobre:

A experiência cristã de Deus passa pelo sujeito, onde se enraíza, e é partilhada-celebrada pela comunidade de fé. Entretanto, há um critério de juízo, que o Evangelho propõe para que se examine a verdade dessa experiência: “todas as vezes que fizeste isso a um desses pequeninos, foi a mim que o fizeste” (Mt 25, 40).

Na solidariedade eros e ágape se abraçam. Uma vez unidos, juntam paixão e compaixão. Esta conciliação eros-ágape leva à abertura ao outro, mesmo que nele nada seja contemplável ou belo: “não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar” (Is 53, 2). Não é ausência de beleza, mas beleza crucificada. Oculta sob as feridas da opressão. Esperançosa por ressuscitar.

Sem esta solicitude em relação ao outro “feio” e miserável, nenhuma crença pode dizer-se cristã. É justamente por ser um “eros crucificado” (S. Máximo) que o amor divino é visto como “louco” (*manikós eros*). Um amor que não enlouquece diante da dor e das injustiças é um amor de auto-complacência, sem miseri-córdia e, por isso, um amor estéril, incapaz de gerar ressurreição.

No processo erótico-místico vivido pelo sujeito na comunidade, e vivido também

grupalmente, a caridade deve ser lembrada e praticada como “o dom que não passa” (1Cor 13). Ainda que praticada ao interno da comunidade, a caridade evangélica é caridade ao ritmo da Trindade: sempre em expansão, em êxodo. Ela conduz ao outro, aos excluídos, aos de fora. E nesse serviço solidário, tanto a comunidade quanto seus sujeitos encontrarão Deus no irmão e, assim, poderão examinar se o Deus de sua oração é o Deus que vive no pobre e, portanto, o verdadeiro Deus de Jesus Cristo.

Em síntese:

Como nas Revoluções, eros é desejo do Bem: um “não” à indiferença.

Como em Francisco, eros é convivialidade radical: inclusão dos excluídos.

Como em Teilhard, eros é amor à Terra e a este mundo: responsabilidade e ação.

Como no Oriente, eros é amor crucificado: solidariedade para com os crucificados.

Como em Deus, eros é louco: amor extremado, “que opera pela caridade” (Gl 5, 6).

Concluindo

Um dos grandes desafios para a Espiritualidade, hoje, é saber acolher os elementos culturais da pós-modernidade, continuando, porém, autenticamente cristã. De um lado, a pedagogia dos *olhos*: ver a realidade, com seus traços novos, sua linguagem e novos paradigmas, com maturidade capaz de discernir o que é bom e localizar alguns males que permanecem desafiando a fé. De outro lado, a pedagogia da *memória*: retomar o conteúdo cristão da Espiritualidade, as constantes que fazem de nossa fé uma fé ao mesmo tempo contemplativa e histórica, glorificativa e transformadora. Esta é a atitude mais consistente para nós cristãos, num momento que nos pede novas sínteses de Espiritualidade, significativas já agora, e aberturas ao futuro. Esperamos sinceramente que este ensaio tenha contribuído para isso.

1. Cf. MAY, Rollo: Amor e vontade, Vozes, Petrópolis, 1992, p. 79-84.
2. "O que atrai a alma é o amor", diz Agostinho: "Comentário ao Evangelho de João" 26, # 4, em Obras de San Agustin, BAC, Madrid, 1995, p. 659.
3. Cf. MAÇANEIRO, Marcial: "Estas mulheres, místicas do coração!", em Grande Sinal, julho-agosto de 1994, p. 423-437.
4. Matilde de Magdeburgo, em J.P. DOURLEY: Amor, celibato e casamento interior, Cultrix, SP, 1995, p. 33-58.
5. Cf. BOFF, Leonardo; Francisco de Assis - ternura e vigor, especialmente o cap. I. Vozes, Petrópolis, 1991.
6. Cf. SANDRA MARIA, Ir.: "Espiritualidade e mística de Clara de Assis", em Grande Sinal, março-abril de 1994, p. 159-178.
7. Cf. L. BRASIL, Honório R.: "Utopia de Clara e Francisco", em REB 215, setembro de 1994, p. 589-609.
8. S. BOAVENTURA: "Itinerarium mentis in Deum", VII, 4.6, em Obras de San Boaventura, BAC, Madrid, 1945, tomo I, p. 631-633.
9. S. JOÃO DA CRUZ: "Chama viva de amor", em Obras Completas, Vozes, Petrópolis, 1984, p. 37-38.
10. Ao abrir sua obra O meio divino, o próprio Teilhard escreveu na dedicatória: "Para aqueles que amam o mundo". Cultrix, SP, 1985, p.9.
- Humano: TEILHARD DE CHARDIN, Cultrix, SP, 1985, p. 71, 160, 239, 317.
12. "Missa sobre o mundo", em TEILHARD DE CHARDIN: Mundo, homem e Deus, Cultrix, SP, 1980, p.192.
13. Expressões tipicamente teilhardianas. Cf. Mundo, homem e Deus, p. 191, 205.
14. Cf. "Missa sobre o mundo", idem, p. 200.
15. Idem, p. 195.
16. Da Patrística Oriental, citados por P. EVDOKIMOV: El arte del ícono - teología de la belleza, Clarentinas, Madrid, 1991, p. 16-20.
17. S. Macário, em P. EVDOKIMOV, obra citada, p. 16.
18. Em P. EVDOKIMOV, p. 17. Para conhecer a pneumatologia oriental cf. H. PAPROCKI: A promessa do Pai, Paulinas, SP, 1993.
19. T. SPIDLIK, em Dicionario Patrístico, Sígueme, Salamanca, 1991, vol I, p. 105.
20. S. Máximo, o Confessor, em P. EVDOKIMOV, obra citada, p. 16.
21. Cf. MAY, Rollo, obra citada, p. 105-109.
22. Cf. KAPPEN, Sebastian: Concilium 254, 4 (1994), Vozes, p. 43-54.
23. Cf. KAPPEN, idem, p. 52.
24. Cf. CODINA, Victor: "Una teología más simbólica y popular", em Parábolas de la mina y del lago, Pedal-Sígueme, Salamanca, 1990, p. 122.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Antes de atingir a consciência, antes mesmo de ser "bom" ou "mal", eros reside no íntimo da pessoa, no nível do profundo. É, portanto, anterior ao "ethos" (moral) e ao "logos" (racional), em relação aos quais conserva uma certa independência. Por sua destinação originária, eros sempre vai na direção da beleza e da vida. Seu último inimigo é Thanatos, a morte. Na tradição ocidental o logos sempre tendeu a suplantar eros. Como, em sua formação na vida religiosa, particularmente no que toca o voto de castidade, aparece este confronto entre eros e logos?
2. Francisco e Clara de Assis são um marco na espiritualidade ocidental. Francisco representa a irrupção do eros num coração convertido que se expande numa ampla convivialidade: relacionamento comunitário com o outro, o feminino, Deus, a natureza, e até a morte. Numa época sob o domínio do logos masculino ele passa por louco ao mudar o paradigma: ama com o afeto, sente-se universalmente irmão, desafia o bom senso com suas atitudes de misericórdia, causa uma inversão social ao deixar os "maiores" e conviver com e como os "menores". É possível a você observar sinais tão fortes e semelhantes em sua própria vida a partir do eros que constitui você no mais íntimo?
3. A psicologia moderna já nos alertou sobre alguns "males de amor". Boa parte das enfermidades psico-afetivas são fruto de um eros doente. A evolução deficiente do desejo pode produzir incapacidade de doação, inconsistência de relacionamentos, egoísmo extremo e anti-comunitário. Não são males relativos apenas à sexualidade mas, por sua primordialidade, tocam toda a personalidade, o consciente e o inconsciente. É possível uma partilha neste nível em sua comunidade concreta, sobre o que cada uma experimenta em si e na realidade circundante?

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR CONVERGÊNCIA, ANO DE 1995

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1995. O primeiro algarismo representa o número da revista. O segundo indica a página.

| | |
|---|---------|
| ARAÚJO, D. Serafim Fernandes de | |
| – Sínodo dos Bispos | 289/160 |
| BAQUERO, Pe. Victoriano, sj | |
| – Acompanhamento Vocacional | 282/278 |
| – O sexo é casto | 288/653 |
| BARBOZA, Ir. Rosa Maria, op | |
| – A Mulher na Teologia | 289/117 |
| BOMBONATTO, Ir. Vera Ivanise, fsp | |
| – Seguimento de Jesus, Caminho Verdadeiro e Vivo ... | 282/247 |
| CANSI, Fr. Bernardo, ofm Cap. | |
| – A Bíblia na pastoral da Igreja Hoje: Prospectivas ... | 290/222 |
| CARVALHO, Côn. José Geraldo Vidigal de | |
| – Ação Caritativa dos Evangelizadores no período colonial | 285/465 |
| CASAGRANDE, Fr. Moacir, ofm | |
| – Ecologia e Inserção | 290/222 |
| CAZAROTTO, Pe. José Luiz, svd | |
| – Brincar numa comunidade Multicultural | 283/307 |
| COMBLIN, Pe. José | |
| – As Casas de Caridade do Pe. Ibiapina: Um Modelo de Igreja Feminina | 286/500 |
| CRB | |
| – Uma nova forma de Vida Consagrada: A Comunidade de Villaregia (Informe CRB) | 289/99 |
| – Um novo Horizonte Missionário: O Leste Europeu (Informe CRB) | 290/166 |
| – As Irmãs da Assunção em Ruanda (Informe CRB) .. | 282/227 |
| – O que é Pré-Vestibular para negros e carentes? (Informe CRB) | 284/361 |
| – Primeiro Encontro de Pastoral Vocacional do Cone Sul (Informe CRB) | 285/433 |
| – Nossa participação na UISG (Informe CRB) | 286/493 |
| – Objetivo Geral do CIMI para 1995/97 | 288/623 |
| – Políticas de atuação do CIMI | 288/623 |
| CUNHA, Pe. Rogério I. de Almeida, sdb | |
| – É possível haver verdadeira Inserção sem Inculturação? | 284/390 |
| CUSTÓDIO FILHO, Pe. Spencer, sj | |
| – O Sínodo terminou! E agora? (Editorial) | 279/1 |
| – Eras Tu, Senhor? (Editorial) | 289/97 |
| – Ó Morte, onde está tua Vitória? (Editorial) | 290/161 |
| – Mística em um tempo de Incertezas (Editorial) | 282/225 |
| – Rumo ao COMLA V (Editorial) | 283/291 |
| – Preconceito – Esquecimento e Memória (Editorial) .. | 284/355 |
| – Tempo de Passagem (Editorial) | 285/423 |
| FIGUEIREDO, Pe. Moacir Goulart de, msc | |
| – A Cidade: Um desafio para a Missão | 283/314 |
| GIALDI, Fr. Silvestre, OFM CAP. | |
| – Vida Consagrada: Renovação ou Fragmentação | 285/454 |
| – Projeto de Vida comunitária: um instrumento de animação e avaliação | 288/640 |
| GÓIS, Aurino José | |
| – Negritude: Desafio a Vida Religiosa | 284/402 |
| GOLLARTE, Fr. Paulo, O Carm. | |
| – Formação Inicial | |
| – Ilustração de um Projeto Concreto | 290/196 |
| GOMES, Pe. Paulo Roberto, msc | |
| – Os Excluídos e a Missão | 283/338 |
| GRAM | |
| – Rumo ao COMLA V – O Evangelho nas Culturas ... | 282/273 |
| GRENI – Regional Norte I | |
| – Ser Religioso indígena na Amazônia | 284/398 |
| GUIMARÃES, Fr. Almir Ribeiro, ofm | |
| – Família, Casamento e Exclusão | 285/443 |
| HUME, Card. Basil | |

JOÃO PAULO II

| | |
|---|---------|
| – Homilia na abertura solene da IX AGO do Sínodo dos Bispos, na Basílica de São Pedro | 279/3 |
| – A Vida Consagrada a serviço da Igreja | 290/163 |
| – A Vida Consagrada dos Irmãos não Sacerdotes | 282/231 |
| – A Igreja Missionária | 283/293 |
| – Missão e Missões | 284/358 |
| – Finalidade da atividade Missionária | 285/430 |
| – O Empenho da Oração na Vida Consagrada | 289/105 |
| – Carta do Papa João Paulo II às Mulheres I | 286/489 |
| – Os Religiosos sejam afetiva e efetivamente instrumentos de santidade e unidade | 288/617 |
| KOLVENBACH, Pe. Peter Hans, sj | |
| – O Sínodo na visão dos Jesuítas | 290/206 |
| LEPARGNEUR, Pe. Hubert, mi | |
| – Ecclesiologia de Comunhão e Participação | 289/136 |
| LEERS, Fr. Bernardino, ofm | |
| – Vida Religiosa e Reino de Deus | 283/345 |
| LIBÂNIO, J.B., sj | |
| – Evangelho nas Culturas – Caminho de Vida e Esperança | 290/187 |
| MAÇANEIRO, Pe. Marcial, scj | |
| – Oblação e Solidariedade como Mística do Coração .. | 285/475 |
| – Eros e Espiritualidade | 288/667 |
| MACCISE, Pe. Camilo, ocd | |
| – Diário de um Padre Sinodal | 279/20 |
| MARIN, Pe. Darci Luiz, ssp | |
| – Vida Religiosa: Solidariedade com os Excluídos | 289/108 |
| MENSAGEM final do Sínodo | 279/91 |
| MESTERS, Fr. Carlos, O. Carm. | |
| – Sobre a Mística que anima a defesa da vida da criança no Antigo Testamento | 282/233 |
| MOSER, Fr. Antônio, ofm – Eras Tu, Senhor? | 290/170 |
| MULLER, Ir. Maria Sônia, SSPS | |
| – Espiritualidade e Seguimento | 286/508 |
| NERY, Irmão, fsc | |
| – Nova Era: Elementos para uma visão Crítica | 290/176 |
| PEREIRA, Pe. Augusto César, scj | |
| – Vida Religiosa é Comunicação | 282/262 |
| PIME, Pe. Giorgio Palcari | |
| – O Compromisso pela Vida e as múltiplas presenças missionárias na Ásia | 286/541 |
| QUACK, Pe. Anton, svd | |
| – Inculturação e Sincretismo | 283/328 |
| QUEVEDO, Pe. Luís González, sj | |
| – Formação a Vida Consagrada no Sínodo dos Bispos | 286/527 |
| RADCLIFFE, Fr. Timothy, op | |
| – Os Votos como Celebração do Amor | 289/144 |
| ROHR, Pe. João Roque, sj | |
| – Juntos, uma grande família unida na Diversidade (Editorial) | 286/487 |
| SANTOS, Fr. David Raimundo, ofm | |
| – Uma Contribuição ao debate em torno do Rito Católico Afro-Brasileiro | 284/418 |
| SHOTTE, D. Jean | |
| – A Preparação do Sínodo | 279/32 |
| SILVA FILHO, Pe. Sebastião Teixeira da, sdb | |
| – Vida Religiosa e Negritude | 284/370 |
| STUMPF, Paulo Umberto, sj | |
| – A Mística do Religioso advogado e a ética no judiciário | 282/256 |
| SUESS, Pe. Paulo – A Disputa pela Inculturação | 283/296 |
| VAZ FILHO, Fr. Florêncio Almeida, ofm | |
| – De como a Vida Religiosa teria muito o que aprender com os povos indígenas | 284/410 |
| VALLE, Pe. Edênio, svd | |
| – Alguns Eixos Temáticos do IX Sínodo (I) | 279/6 |
| – Novas tendências da VR nos anos 80. Visão desde a CRB | 288/630 |



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de dezembro de 1995

BOAS FESTAS! FELIZ NATAL!

De Nazaré a Belém, um casal seguia. Eram José e Maria. Em obediência ao imperador Augusto, submissos à história atormentada dos homens que vivem sem paz. Na insignificância desta viagem, Deus guardava a realização de seus planos. E cumpriu a antiga promessa. "Suscitarei depois de ti (Davi) a tua posteridade. Firmarei o seu Reino. Firmarei, para sempre, o seu Trono" (2Sm 7,12). E Jesus nasce em Belém. "Maria deu à luz o seu primogênito" (Lc 2,7). "A ternura e a misericórdia de nosso Deus nos trouxe do alto o SOL NASCENTE" (Lc 1,78). Encerrava-se uma antiga e interminável espera do povo eleito e de todos os povos.

É Natal. **BOAS FESTAS** para você. **FELIZ NATAL!**

Louvores no céu. Festa na terra de beleza sem igual.
Brilha em todo o seu fulgor, aquela luz que enche
os olhos de alegria e de conforto o coração.

Nasceu para nós um Salvador: Cristo, o Senhor.
O Ungido de Iahweh, o Messias, **JESUS** de Nazaré.
Filho de Maria, Filho do Deus Altíssimo, também,
por quem tudo foi criado. Em suas mãos descansam
a chave da história e o ponto donde as galáxias provêm.

Nasceu para mim, para você, sua Família, sua Casa,
sua Congregação, para a Igreja e para o mundo.
Ele povoa de esperança real todo o espaço no meio de nós.
Não mais haverá dias sem paz. Nem paz sem justiça.
Nem justiça sem amor. Não mais haverá homem e mulher sem terra,
nem terra sem moradias. Moradias sem mesas, mesas sem pão.

Bendito seja o Senhor, Deus de amor,
que seu povo visitou, resgatou e salvou.
Bendito seja o Senhor que, neste dia de luz,
nos deu **JESUS**, nosso Redentor.
No encanto deste Natal que atrai e nos seduz,
Vence a morte, vence o mal, o menino Deus, **JESUS**.
Como é real a descoberta do amor do nosso Deus que liberta.
É Natal. **BOAS FESTAS** para você. **FELIZ NATAL!**

Em sua finitude e transitoriedade, o ano de 1995 chega ao fim. Dá passagem para a **novidade de 1996** que se aproxima. Certa trepidação, ansiedade e um frêmito de esperança e otimismo despontam como necessidade interior incoercível. Cada qual, ensinado e enriquecido por etapas já percorridas, se rejuvenesce na percepção de um recomeço. Com a luz da razão e com a luz, mais radiosa, da fé, descobrimos que, como o tempo cronológico, passamos também. Somos seres em trânsito. Em movimento. Estado de itinerância. Nossa vida é uma imagem de constante passagem. Fluxo contínuo, recôndito e impenetrável que partiu de Deus e a Deus conduz. Ter, pois, a consciência de que sempre estamos indo. Seres pascais. De passagem. Passagem de paisagens de seres a nos atravessar. Somos seres sinodais, literalmente: juntos sempre a caminho, rumo a uma consumação-plenitude. Neste fundo, cada um, sinfonia sempre inacabada.

BOAS ENTRADAS! PRÓSPERO 1996!

DEUS, de quem todo **DOM** perfeito provém, o abençoe e o guarde são e salvo. Volte para você seu rosto de olhar sereno e lhe conceda a bênção, o perdão e a paz. **MARIA**, Mãe de Deus e nossa também, interceda por nós. Amém.

Sempre ao seu inteiro dispor, com estima e afeto, subscrevo-me,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB